



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ELISMÁRIA CATARINA BARROS PINTO

**ENTRECRUZAMENTOS TEMPORAIS E RESILIÊNCIA NO PROCESSO DE
BIOGRAFIZAÇÃO DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE RISCO E DE
VULNERABILIDADE SOCIAL**

FORTALEZA - CE

2019

ELISMÁRIA CATARINA BARROS PINTO

ENTRECRUZAMENTOS TEMPORAIS E RESILIÊNCIA NO PROCESSO DE
BIOGRAFIZAÇÃO DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE RISCO E DE VULNERABILIDADE
SOCIAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito à obtenção do título de Doutor(a) em Educação Brasileira. Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ercília Maria Braga de Olinda.

FORTALEZA - CE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- P727e Pinto, Elismária Catarina Barros.
ENTRECRUZAMENTOS TEMPORAIS E RESILIÊNCIA NO PROCESSO DE BIOGRAFIZAÇÃO DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE RISCO E DE VULNERABILIDADE SOCIAL / Elismária Catarina Barros Pinto. – 2019.
166 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2019.
Orientação: Profª. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda.
1. Resiliência. Biografização. Juventude. Risco. Vulnerabilidade social. I. Título.

CDD 370

ELISMÁRIA CATARINA BARROS PINTO

ENTRECRUZAMENTOS TEMPORAIS E RESILIÊNCIA NO PROCESSO DE
BIOGRAFIZAÇÃO DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE RISCO E DE VULNERABILIDADE
SOCIAL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC, como requisito à obtenção do título de Doutor(a) em Educação Brasileira. Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof^{sa} Dr^a Ercília Maria Braga de Olinda.

Aprovada em: ___ / ___ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ercília Maria Braga de Olinda (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Luciane Germano Goldberg
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Celecina de Maria Veras Sales
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Maria Paula Jacinto Cordeiro
Universidade Regional do Cariri (URCA)

Profa. Dra. Alessandra Oliveira Araújo
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Aos jovens tecelões William, Hadassah,
Raquel, Clara e Gabriel.

AGRADECIMENTOS

Não existem palavras suficientes para agradecer, mas, é necessário o esforço em traduzir neste breve espaço no papel em branco, o sentimento que movimenta minha vida hoje: gratidão. À Deus, o Senhor da minha vida, o meu refúgio, proteção e abrigo. Sem o Seu auxílio não teria entrado neste plano terreno e nem teria forças para permanecer nele.

À minha mãezinha do céu, que foi o colo que me acolheu quando, por escolha, não quis contar com nenhum outro. Minha fortaleza, minha luz, minha guia, minha intercessora, minha senhora. Este dia é teu.

À minha mãe, Socorro, a mulher mais incrível que eu conheço. A pessoa que não me deixou desistir de viver e que me motiva a ser melhor a cada dia. Minha vida tem a alegria e o amor que a senhora me deu/dá.

Ao meu pai, Elias, o homem que Deus escolheu para ser a maior referência de ética, simplicidade e integridade. Tenho o privilégio de conhecer amor paterno porque o senhor me mostrou.

Ao meu coração fora do peito, minha irmã, Eljomara Germana, por ser a melhor amiga, a minha pessoa nesse mundo. Você me levantou do chão, segurou minha mão e me socorreu, desde quando eu ainda era uma garotinha e continua fazendo isso até hoje.

À minha Maria Clarice, o raio de sol que ilumina todos os meus dias, principalmente os nublados. Me tira da zona de conforto, me acorda com um beijo e me chama de “dinda”. No teu abraço cabe meu mundo inteiro.

À minha família extensa: tias, primas e primos, que foram aconchego nos dias que pensei em desistir. Pelos abraços apertados, por chorarem comigo, mas, também me proporcionarem muitas risadas, que resgataram a leveza quando eu a tinha perdido.

À minha orientadora, Ercília, a pessoa que me realinhou com o prumo e me trouxe para a superfície quando eu pensei que não voltaria a respirar. Ela que há muito tempo não apenas me orienta academicamente, mas, me aconselha, puxa minhas orelhas, me dá um abraço acolhedor e me diz as palavras que eu preciso ouvir. Ela me ensina a abrir o paraquedas, mas, também me empurra do avião para a queda livre!

À Celecina, uma das educadoras que mais marcou minha formação na pós-graduação em Educação. Me apresentou grandes obras e autores e novas perspectivas da Sociologia da juventude. Mostrou que ser uma educadora comprometida com o rigor científico e ser amável e doce não são contradições. Contribuições para essa tese e para a vida!

À Paula, uma educadora que me convidou à profundidade, que instiga, questiona e inquieta. Quantas vezes me mostrou outras perspectivas, outros caminhos e possibilidades de construir o conhecimento tecido nessa tese. Fez tanto pelo aprimoramento desse trabalho quanto para o meu autoconhecimento e autocuidado. Sou uma pessoa/pesquisadora melhor por sua causa!

À Alessandra, a educadora que me inspira em tantas dimensões, que me mostrou a força de uma pesquisadora-trabalhadora, e as multipossibilidades de viver a profunda implicação com a pesquisa acadêmica e com a nossa história de vida pessoal; afinal, aquela está contida nessa. Aprendizados para além da academia!

À Luciane, a educadora que me ajudou a despertar um olhar mais atento às múltiplas formas de expressão do sensível, da vida que não se traduz apenas em palavras, mas que explode e inunda nosso eu interior, e por meio da arte pode revelar um universo de possibilidades, afinal somos um universo infinito em nós mesmos. Você é sinônimo de rigor, conhecimento, sensibilidade e afeto!

À Lili, minha melhor amiga e melhor companheira nessa jornada acadêmica desde a graduação em pedagogia até o doutorado. Quantos risos e lágrimas compartilhados, quantas vezes te disse que não conseguia continuar e você me pediu para me acalmar e seguir firme. Quantas orações fiz por nós duas, quantas ligações que iniciavam com choro copioso e terminavam com a alma mais leve, quantas fugas para salvar nossa saúde mental. Tudo valeu a pena. Chegamos até aqui juntas e permaneceremos!

Às minhas amigas-irmãs Joelma e Narrila, por caminharem comigo em todas as fases da minha vida nos últimos 15 anos. Vocês fazem parte da minha vida, da minha história!

À Regina Saunier, minha amiga de alma, que sente quando preciso dela, que lê meus pensamentos e sabe do que preciso, muitas vezes mais do que eu mesma.

À Juliana Karrazony e Aline Saboya, por existirem e fazerem da minha vida mais feliz e cheia de amor. Vocês são a leveza de uma amizade que o tempo e a distância não são capazes de acabar.

Ao Rodrigo, uma das primeiras pessoas a me estimular a realizar esta pesquisa, um jovem que me inspirou com sua trajetória e que esteve comigo em uma fase crucial do Projeto Tear e mesmo estando distante fisicamente, foi lembrado em todos os encontros e em todas as fases desta tese.

À Jarine, amiga, colega de profissão e incentivadora do Projeto Tear. Sua participação foi essencial na fase inicial da pesquisa, mas também no decorrer de todo o processo de pesquisa de campo.

À Kelma Cardoso, uma das maiores apoiadoras e incentivadoras da minha formação no doutorado, enquanto coordenadora, mas, principalmente enquanto amiga. Sempre foi uma referência para mim enquanto profissional, mas, eu não poderia prever a pessoa ainda mais incrível que ela é além do âmbito institucional de trabalho. Uma mulher de coração imenso, de palavras assertivas e amáveis, que vê além do que a maioria vê, que raciocina eficazmente, mas, ouve o coração. Quero tê-la comigo sempre!

Aos que fazem parte ou fizeram parte da equipe da Gestão do SUAS durante esses quatro anos de doutorado e compreenderam minha condição e estimularam meu desenvolvimento pessoal e profissional: Luciana Scarcello, Pedro, Gilbert, Danusia, Carlos Bruno, Daiana, Ivanilda, Rosane, Sílvia, Ramon, Mary Anne, Leiriane, Fabiana, Jéssica e Ávila.

Às minhas amigas e parceiras de trabalho, que me amparam quando o chão parece estremecer e me ensinam tanto sobre ser uma equipe e não competidoras; Josabete, Valdênia, Livia e Lidiany.

Ao doce Andy, pela disponibilidade em ajudar quando preciso.

À Glauciane, pelo acolhimento, apoio e compreensão enquanto gestora, viabilizando processos no decorrer do doutorado no que se refere ao âmbito profissional, mas, principalmente enquanto pessoa quando permitiu me aproximar do ser humano incrível que ela é.

Aos meus queridos companheiros da Pós-graduação em Educação, por dividir tanto desse caminhar de angústias, superações e grandes ensinamentos, sou grata por ter encontrado cada um de vocês: Alles, Cícero Edinaldo, Jaiane, Lidiane, Clédia, Pricila, Robson, Flávio, Tiago, Jahannes.

Aos meus amados amigos do Grupo Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas – DIAFHNA, por todos os momentos que compartilhamos academicamente e extra academicamente. Todos os sorrisos e lágrimas, as partilhas, as confissões e as boas memórias, muitas histórias e a certeza de que eu fui imensamente agraciada por ter os fios da minha vida entrecruzados com os fios das vidas de vocês: Aline, Neurilane, Ana Maria, Adriana, Gercilene, Rogério, Larissa, Liana e Roberto.

Caçador de mim

Por tanto amor, por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz, manso ou feroz
Eu, caçador de mim
Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar longe do meu lugar
Eu, caçador de mim

Nada a temer
Senão o correr da luta
Nada a fazer
Senão esquecer o medo
Abrir o peito à força
Numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura
Longe se vai sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim
[...]
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim

RESUMO

A presente tese é fruto de uma pesquisa qualitativa (BOGDAN E BIKLEN, 1994; DENZIN E LINCOLN, 2006; MINAYO, 2009) que buscou, numa abordagem compreensiva e permeada de afetos, interpretar as narrativas de si tecidas por jovens do município de Maracanaú, localizado na região metropolitana da capital cearense. Os mesmos são egressos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), realizado em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Teve como objetivo geral, compreender, por meio das histórias de vida de cinco jovens, o significado de diferentes agentes e instituições nas suas trajetórias e como estes contribuíram para uma resposta resiliente frente às situações de risco e de vulnerabilidade social a que estiveram/estão expostos. As narrativas foram tecidas no decorrer do processo de biografização realizado coletivamente no Círculo Reflexivo Biográfico - CRB (OLINDA, 2018) desenvolvido entre os semestres de 2017.2 e 2018.1. Com a consciência da complexidade da realidade investigada e da necessidade de enveredar por caminhos dialógicos que permitissem a compreensão de significados e sentidos inscritos nas experiências narradas, elegi, no universo da investigação qualitativa, a pesquisa (auto)biográfica em educação. A via da narrativa mostrou-se uma forma privilegiada de acesso aos modos de vida juvenis e aos processos de invenção de si. O suporte teórico fundamental da pesquisa está fincado em dois pilares: a) as elaborações epistemológicas, teóricas e metodológicas dos autores vinculados à tradição do movimento socioeducativo das histórias de vida em formação - Delory-Momberger (2006, 2008, 2014); Josso (2010); Pineau (2010, 2012); Passeggi (2011, 2016) e Olinda (2010, 2016, 2017 e 2018) e b) os teóricos da sociologia da juventude - Pais (1990; 2000), Groppo (2004), Adorno (2001). Os marcos legais advindos do Estatuto da Crianças e do Adolescente e do Estatuto da Juventude também foram importantes na análise, bem como os dados do relatório “Cada Vida Importa”, do Comitê Cearense de Prevenção a Homicídios na Adolescência da Assembleia Legislativa do estado do Ceará. A pergunta norteadora central foi: quais eventos, crenças, pessoas, grupos e instituições foram mais significativos nas respostas resilientes dadas por jovens em situação de risco e de vulnerabilidade social? Norteadada pelo paradigma do singular-plural (FERRAROTTI, 2010) procurei compreender a vida dos jovens em contexto, tendo sido fundamental a realização de pesquisa documental e bibliográfica para situá-los no panorama socioeconômico do município em que residem. O corpus produzido foi tratado pela metodologia da análise textual discursiva (MORAES, 2003; MORAES e GALIAZZI, 2006.), indicando as seguintes categorias emergentes: negação de direitos fundamentais; relações familiares conflituosas; presença de tutores de resiliência e a forças das crenças e

pertencimentos religiosos. A história de vida dos jovens, apesar de marcada por sucessivas negações de direito, apresentou processos resilientes resultante de uma combinação de fatores familiares, religiosos e sociais. As narrativas juvenis não destacaram os projetos sociais como experiência significativa nas suas trajetórias.

Palavras-chave: Resiliência. Biografização. Juventude. Risco. Vulnerabilidade social.

ABSTRACT

This thesis is the result of a qualitative research (BOGDAN AND BIKLEN, 1994; DENZIN AND LINCOLN, 2006; MINAYO, 2009) that aimed, in a comprehensive approach and impregnated by affections, to expound the self narratives built by young people from Maracanaú, a city located in the metropolitan area of Fortaleza, capital of Ceará. These young people were attended by the Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), that is held by a Centro de Referência em Assistência Social (CRAS). The study aimed to understand, by the life's history of five young people, the meaning of different agents and institutions in their lifepathes and how they contributed for a resilient answer to the situations of risk and social vulnerability that these people were/are exposed. The self narratives were built in a process called *Círculo Reflexivo Biográfico - CRB* (OLINDA, 2018), that happened between the second semester of 2017 and the first semester of 2018. Knowing the complexity of the investigated context and the need to embark on dialogic pathways that allow the comprehension of meanings inscribed in the narrated experiences, I choose, in the qualitative research universe, the (auto)biographic research in educational context. The narrative showed itself a gifted way to access the young people's lifestyles and to the self invention processes. The theoretical approach is based on two basis: a) the epistemological, theoretical and methodological elaborations of authors linked to the socioeducative theoretical current of life stories under development - Delory-Momberger (2006, 2008, 2014); Josso (2010); Pineau (2010, 2012); Passeggi (2011, 2016) e Olinda (2010, 2016, 2017 e 2018) and b) the authors of sociology of youth - Pais (1990, 2000), Groppo (2004), Adorno (2001). Also laws from the Estatuto da Criança e do Adolescente and from the Estatuto da Juventude were important for analysis, as well as the data from the "Cada Vida Importa" report, made by the Comitê Cearense de Prevenção a Homicídios na Adolescência of Ceará's parliament. The guiding question of this study was: which events, beliefs, people and institutions were more significant in the answers from the young people in a situation of risk and of social vulnerability? Guided by the paradigm of singular-plural (FERRAROTTI, 2010), I aimed to understand the young people's life based on a documental research, as well as on a bibliographic review, to situate them on the socioeconomic scenery of the city where they live. The *corpus* was analyzed by the discursive textual analysis (MORAES, 2003; MORAES AND GALIAZZI, 2006), indicating the following categories: denial of fundamental rights; conflicting family relationships; presence of resilience tutors and the power of beliefs and religious belonging. The life stories of young people, although being marked by successive denials of rights, showed processes of resilience that were

results of a combination of family, religious and social factors. The social projects weren't highlighted as significant experiences on the youth narratives.

Keywords: Resilience. Autobiography. Youth. Risk and Social Vulnerability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Dinâmica <i>a teia</i> , realizada no primeiro encontro do Projeto Tear.....	36
Figura 2	– Acordo de convivência construído no primeiro encontro.....	37
Figura 3	– Primeira oficina de confecção do panô, construindo identidade pessoal e grupál.....	38
Figura 4	– Logotipo do Projeto Tear.....	38
Figura 5	– Representação pessoal de Clara.....	57
Figura 6	– Representação pessoal de Gabriel.....	62
Figura 7	– Representação pessoal de Hadassah.....	66
Figura 8	– Representação pessoal de Raquel.....	74
Figura 9	– Representação pessoal de William.....	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Pessoas em situação de extrema pobreza por faixa etária, segundo o Censo Demográfico 2010.....	91
Tabela 2	– Índice de homicídios na adolescência (IHA) nos municípios de 100 mil habitantes.....	93
Tabela 3	– Estimativa de morte na adolescência nos municípios de 100 mil habitantes..	93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese das atividades vivenciadas no CRB.....	45
Quadro 2 – Apresentação geral dos sujeitos da pesquisa.....	51
Quadro 3 – Serviços socioassistenciais tipificados.....	99

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	19
1.1	Uma educadora popular em (trans)formação: fios da urdidura da vida.....	20
1.2	Elementos fundamentais na artesanania exigida pelo objeto de estudo.....	25
2	A ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA ÁRA A TESSITURA DIALÓGICA DAS HISTÓRIAS DE VIDA.....	31
2.1	A pesquisa (auto)biográfica no universo da pesquisa qualitativa.....	31
2.2	Fase exploratória da pesquisa: preparando a tessitura de si.....	34
2.3	O Círculo Reflexivo Biográfico e o potencial heurístico da narratividade.....	39
3	TECENDO FIOS, CONTANDO HISTÓRIAS.....	49
3.1	Os tecelões: apresentação geral.....	49
3.2	Uma compreensão teórica sobre Juventude.....	51
3.3	Quando o nó da garganta desata: Clara.....	57
3.4	A potência narrativa desconhecida: Gabriel.....	62
3.5	A voz que grita pedindo proteção: Hadassah.....	66
3.6	Sorrir e crer, entregar e confiar: Raquel.....	73
3.7	Uma flor cheia de espinhos, mas, de rara beleza: William.....	80
4	O UNIVERSO SOCIOECONÔMICO E CULTURAL ONDE OS JOVENS TECELÕES HABITAM.....	88
4.1	Um panorama nacional e local da juventude: “Cada Vida Importa?”.....	88
4.2	Maracanaú: o que os números revelam.....	92
5	NA TRAMA DA VIDA: O QUE O ENTRELAÇAR DOS FIOS REVELA?	108
5.1	Vidas marcadas pela negação de direitos fundamentais.....	108
5.2	Relações familiares conflituosas.....	120
5.3	Processos resilientes e presença de “tutores de resiliência” na trajetória dos jovens.....	127
5.3.1	<i>Os tutores de resiliência: vínculo e busca de sentido.....</i>	136
5.4	Crenças e pertencimentos religiosos: consolo, conformação ou resistência..	143
6	CONCLUSÕES: SOBRE A ARTE DE TECER.....	151
	REFERÊNCIAS.....	156
	APÊNDICE A – CONTRATO BIOGRÁFICO.....	161
	ANEXO A – Carta da ASIHVIF.....	163

ANEXO B – Dados da pirâmide etária nos anos 2000 e 2010.....	166
---	------------

1 INTRODUÇÃO

“O eu do conhecimento de si mesmo é o fruto de uma vida examinada”. (Paul Ricoeur)

Na presente tese, busquei, numa abordagem compreensiva e permeada de afetos, criar condições para a tessitura das histórias de vida de cinco jovens do município de Maracanaú, localizado na região metropolitana da capital cearense. A intenção foi elucidar os entrecruzamentos temporais em suas vidas, identificando respostas resilientes em suas trajetórias, permeadas de riscos e de vulnerabilidade social.

Os jovens são egressos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), realizado em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS)¹, do qual fui técnica² entre os anos de 2012 e 2014. Tratou-se de uma investigação qualitativa que assumiu os princípios e procedimentos da pesquisa (auto)biográfica em educação. As narrativas de si foram tecidas no decorrer do processo de biografização realizado coletivamente no Círculo Reflexivo Biográfico (CRB) (OLINDA, 2010; OLINDA, 2012; OLINDA, 2018; OLINDA; ARAÚJO, 2016).

A seguir, explicito as categorias fundamentais utilizadas ao longo da tese: história de vida, narrativa, resiliência e biografização. A primeira busca, conforme Pineau e Le Grand (2012, p.15) a “[...] construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais, envolvendo um processo de expressão da experiência”. A partir da teorização sobre a relação entre narratividade e formação humana é possível fazer a ponte entre narrativas e processos resilientes. A fala, no ato narrativo, permite uma síntese integradora entre o sujeito que pensa, age e sente, potencializando processos restauradores de um sujeito capaz de planejar seu futuro.

A resiliência é aqui entendida como “processos que explicam a ‘superação’ de crises e adversidades em indivíduos, grupos e organizações” (YUNES, 2003, p.76). Nesta perspectiva, esta controversa categoria se distancia de uma concepção inatista e aproxima-se de uma abordagem ecológica (BARON, 2014) a envolver complexas redes que se entrecruzam. Para Boris Cirulnik (2005), pioneiro nas elaborações sobre resiliência, o vínculo e o sentido são fundamentais em tais processos.

¹ O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é a porta de entrada da Assistência Social. É um local público, localizado prioritariamente em áreas de maior vulnerabilidade social, onde são oferecidos os serviços de Assistência Social, com o objetivo de fortalecer a convivência com a família e com a comunidade.

² Profissional que possui nível superior e acompanha o planejamento, execução e avaliação de um determinado serviço/atividade desenvolvido/a pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

O conceito de biografização é aquele elaborado por Christine Delory-Momberger (2008, p.83), portanto, refere-se “[...] ao processo segundo o qual os indivíduos constroem a figura narrativa de sua existência”. Entrelaçados a este processo permanente de figuração de si estão os conceitos de experiência, narrativa e formação desenvolvidos no campo da pesquisa (auto)biográfica em educação, tratado com mais vagar no próximo capítulo.

1.1 Uma educadora popular em (trans)formação: fios da urdidura da vida

Neste item, apresento com mais detalhes, meu envolvimento com a temática da formação juvenil para, posteriormente, indicar meu relacionamento com aqueles que viriam a ser os sujeitos da pesquisa. A narrativa que segue foi construída em dois processos coletivos de escrita de si ocorridos em 2017 e 2019, no contexto de estudos orientados realizados no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC. Foram dois Círculos Reflexivos Biográficos com objetivos de formação a nos preparar para a coordenação de futuros grupos, conforme sugestão da Carta de Princípios da Associação Internacional das Histórias de Vida em Formação (Anexo A)

Eu recorro de ainda pequena, ao chegar o final da tarde, esperar meu pai que era professor. Ele chegava à noite, eu já tinha passado o dia todo cheia de atividades, mas eu queria muito a sua atenção. Eu queria que ele chegasse com muita energia para brincar e ficar um tempo conosco, mas ele chegava, na maior parte das vezes, muito cansado. Então, a primeira memória formada da atividade de ser professor é essa que meu pai transmitiu para mim. A imagem de uma profissão que dispndia muito esforço. Paralela a essa imagem, eu construí uma outra com base no que eu via das minhas professoras da escola, sempre muito alegres, atenciosas e disponíveis. Então, acreditava que quando elas chegavam em casa, continuavam com essas mesmas características/atitudes com seus filhos. No meu caso, a presença e acompanhamento em termos de formação foram feitos pela minha mãe que transmitia uma imagem muito forte, de pessoa extremamente dedicada enquanto educadora, para além da formalidade do ensino. Com certeza a tenho como a principal educadora da minha vida. Ela sempre nos acompanhou pedagogicamente, sempre presente na escola, ensinando as tarefas, dando todo o suporte necessário, ao passo que meu pai, embora sendo professor, não conseguia fazer esse acompanhamento, embora estivesse cumprindo sua função como educador em sala de aula.

Havia sempre um diálogo, nesse processo de acompanhamento, visando bons resultados: boas notas, bom desempenho. Compreendo que essa preocupação tem a ver com a

própria história de vida de meus pais que vieram de cidades interioranas, para a capital em busca de melhores condições de vida e de estudo. Eles tinham uma forte convicção de que o estudo promoveria uma vida melhor, com boas oportunidades. Essa era a herança que eles desejavam deixar para mim e para minha irmã, com a certeza de que fizeram o possível para que isso ocorresse.

Lembro-me na escola, dos meus colegas terem cadernos, canetas bonitas, estojos e mochilas e farda novas, mas eu e minha irmã nos diferenciávamos disso pois, o que tínhamos de novo era nossos livros. Papai fazia todo o esforço para ir às editoras em busca de descontos para conseguir comprar todos os nossos livros e reconheço que tudo o que eles conseguiram proporcionar, seja no âmbito material ou pedagógico, foi fundamental para meu aprendizado nas séries iniciais e repercute ainda hoje na minha vida.

Desde cedo tive dificuldades com matemática, e na quinta série do ensino fundamental, no segundo bimestre, tirei uma nota baixa na disciplina e não obtive a média. Eu fiquei muito cabisbaixa quando meus pais receberam o boletim e meu pai me advertiu que eu deveria me dedicar mais para que esta nota fosse recuperada. Porém, a dedicação a qual ele se referia, era a supressão das minhas férias de julho. Papai me chamou para conversar e disse que como eu não havia atingido a média, eu não iria fazer a tão esperada e planejada viagem com minha irmã para a casa da minha tia em Pentecoste. Essa experiência foi marcante de forma negativa, mas teve um resultado imediato positivo: a partir de então eu não tirei notas baixas em matemática. Em contrapartida prometi para mim mesma que nunca trabalharia em uma área que exigisse de mim conhecimentos profundos em matemática.

Papai é formado em letras então essa identificação com a literatura, as artes em geral e com tudo o que aguça a minha subjetividade para o belo e o sensível, já foram também herdados dele. Inicialmente quis hesitar seguir a carreira de educadora, tanto que ao chegar o momento de decidir qual curso ingressaria na faculdade, primeiramente escolhi jornalismo, por acreditar que algumas características que se aproximariam deste perfil de profissional (tais como: ser comunicativa e desinibida). Com o insucesso no meu primeiro vestibular, diga-se de passagem, eu tinha acabado de fazer 17 anos e com as pesquisas mais aprofundadas sobre a atuação da profissão de jornalista, desisti de trilhar esse caminho.

As minhas aptidões, interesses e os diversos testes vocacionais que eu fiz, me indicavam que a área de humanas era a melhor área de atuação, mas, ainda me sentia insegura e indecisa de qual direção seguir. Era 2004, havia terminado o ensino médio e para continuar me preparando para o vestibular, participei de uma seleção para ser bolsista/estagiária em uma grande escola de Fortaleza. Essa oportunidade me proporcionou grande aprendizado e uma

nova perspectiva de enxergar o espaço escolar, não apenas como estudante, mas, como trabalhadora já que a bolsa de estudos era viabilizada para os estudantes que estagiavam para custear a própria bolsa. Até então, minha única certeza era a de que gostaria de ingressar em um curso da área de humanas, mas, continuava reticente com a possibilidade de ser educadora. Minha segunda opção de graduação foi o curso de ciências sociais, mas, assim como o jornalismo, não passei na segunda fase do certame e só então abri os olhos para as possibilidades de ceder à uma vontade, que ainda era tímida, de seguir pelo caminho da educação.

Ao ser aprovada no vestibular e ingressar no curso de Pedagogia da UFC somei às visões que já tinha acerca da educação, a paixão por esta imensa área do conhecimento. Mas, as contradições que eu observava entre o que estudava na faculdade e o que observava na escola em que trabalhava, principalmente no que diz respeito à mercantilização da educação, a educação para obter primeiras colocações nos vestibulares de alta concorrência e de amplitude nacional, não representava a educação em sua expressão mais radical e essencial: a formação do ser. Essas contradições me fizeram optar por trilhar um novo caminho na educação. Saí da escola, participei de seleções para estágio e ingressei em um programa da Autarquia Municipal de Trânsito, desenvolvendo um projeto de educação para o trânsito que abordava de maneira lúdica diversos públicos das escolas municipais e estaduais, além de escolas particulares. Mas, as experiências que se seguiriam seriam definidoras no caminho que escolhi enquanto educadora. Era um caminho menos conhecido e desbravado pelos estudantes de pedagogia, mas, eu me senti instigada pelo desconhecido que se apresentou diante de mim, e fui atuar pela primeira vez em uma Organização não-governamental. Era um bairro periférico como o que nasci e me criei, mas, era um território desconhecido e com uma abordagem bem específica que trazia um diferencial, tratava-se de uma entidade de cunho religioso. Essa experiência me deu base para a que veio a seguir e que eu costumo chamar de divisora de águas da minha vida.

Essa oportunidade surgiu na Pastoral do Menor, passei no teste de seleção e a partir daí descobri a educadora popular que há em mim. O desafio era atender na execução de medida socioeducativa de liberdade assistida, um público que estava em situação de conflito com a lei e que tinha dentre suas características, serem jovens moradores da periferia de Fortaleza, assim como eu. Inclusive com a possibilidade de atender jovens que moravam em minha rua e andavam em locais que eu também frequentava. No início, houve uma certa preocupação, tanto de minha parte como por parte das coordenadoras do programa, dada a natureza do atendimento que era ofertado aos jovens, porém, ao longo do tempo a dúvida foi substituída pela certeza de que estava realizando um trabalho verdadeiramente significativo em minha comunidade. Desde o início do estágio, os jovens mais me ensinaram do que o contrário. Foi uma experiência

extremamente gratificante e que além de render grandes lições, me possibilitou a escrita de um trabalho de conclusão de curso na Especialização em Educação de Jovens e Adultos no Sistema Prisional e o projeto de pesquisa que iniciei no Mestrado em Educação, ambos ofertados pela UFC. Muitos pré-conceitos foram superados e uma semente lançada na mente daquela pedagoga em formação, eu queria atuar na área social.

A Pastoral do Menor precisou encerrar as atividades do atendimento da MSE de LA por falta de recursos. Ficamos meses sem receber salário e a equipe aguentou o tempo que pode, mas, não se faz política social para crianças e adolescentes sem que a prioridade absoluta destes sujeitos seja respeitada. Foi preciso seguir para atuar em outros espaços.

Recém-formada em 2011 e cheia de energia para continuar na área social fazendo o que aprendi e aprendendo cada dia mais. Apesar da minha identificação com a área, ainda não havia trabalhado na Assistência Social em uma organização governamental, e também com este novo desafio pude ampliar minha atuação, que passou a abranger diversos públicos, mas, sem deixar de atuar com o público com o qual me identifico e busco sempre ter por perto: a juventude.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de vínculos tem por foco o fortalecimento da convivência familiar e comunitária e contribui para o retorno ou permanência dos adolescentes e jovens na escola, por meio do desenvolvimento de atividades que estimulem a convivência social, a participação cidadã e uma formação geral para o mundo do trabalho.

Na proposta das atividades ofertadas aos jovens estavam previstas a abordagem de questões relevantes sobre a juventude, o que contribuiria para a construção de novos conhecimentos e formação de atitudes e valores que refletissem no desenvolvimento integral do jovem. As atividades também deveriam desenvolver habilidades gerais, tais como a capacidade comunicativa e a inclusão digital de modo a orientar o jovem para a escolha profissional, bem como realizar ações com foco na convivência social por meio da arte-cultura e esporte-lazer. As intervenções valorizavam a pluralidade e a singularidade da condição juvenil e suas formas particulares de sociabilidade; sensibilizar para os desafios da realidade social, cultural, ambiental e política de seu meio social; criar oportunidades de acesso a direitos; estimular práticas associativas e as diferentes formas de expressão dos interesses, posicionamentos e visões de mundo de jovens no espaço público. Os jovens em questão participaram do referido serviço enquanto trabalhei na Unidade, porém, os vínculos construídos foram mantidos após minha saída, através de contatos periódicos e encontros informais do grupo, organizados pelos próprios jovens.

Poder trabalhar com as comunidades, nas periferias urbanas e com a diversidade de

públicos que se atende na área social e especificamente na implementação de uma política pública, tem contribuído singularmente com minha formação. Considero estar em constante formação, pois como Paulo Freire já nos advertiu; somos seres inconclusos e conscientes dessa inconclusão é que sempre devemos buscar (e lutar) por ser mais. Minha busca por ser mais, perpassa a minha inteireza e as minhas multifaces dos educandos e educadores com quem me relaciono.

Conforme pode ser observado na leitura da minha narrativa formativa, anteriormente exposta, meu interesse pelo tema e a proximidade com o segmento juvenil, sempre foram influenciadores para os caminhos de pesquisa que venho desenvolvendo até hoje. Os espaços onde trânsito, sejam de trabalho ou não, ressaltam minha identificação e fascínio pela pesquisa com juventudes, suas histórias de vida e seus modos de vida (PAIS, 2000). Minha trajetória, construída e permeada pelas vivências na periferia de Fortaleza, também é um dos principais fatores que me aproximaram destes sujeitos e me motivaram para a construção de um percurso de pesquisa junto a eles.

Convivo com os jovens que participaram da pesquisa, pelo menos há seis anos. O vínculo construído no âmbito institucional de trabalho foi fortalecido pelo desejo de mantermos contato e nos reencontrarmos sempre que fosse possível. Deste encontro e de uma necessidade apresentada por eles, de ter novamente momentos para partilha e reflexão sobre temas que eram de seus interesses, surgiu a intenção de criar um espaço interativo em que os jovens pudessem expressar seus sentimentos e fizessem um balanço de suas “experiências formadoras” (JOSSO, 2010). Assim, nasceu o *Projeto Tear* que objetivava promover um espaço de acolhida aos jovens, permitindo aos mesmos, a elaboração de suas histórias de vida. O projeto foi assim intitulado fazendo referência à máquina de tear que confecciona a trama do tecido. O tecido é a própria vida, e o espaço-tempo de tear se coloca frente aos jovens como esta possibilidade de se olhar, expressar de múltiplas formas o que sentem/sentiram, o que viveram/vivem/viverão e o que fizeram/fazem/farão com suas histórias, nos entrecruzamentos temporais que compõem a trama deste tecido. A ação de tecer e de evidenciar os modos que estes entrecruzamentos se dão para cada um, em sua singularidade e ao mesmo tempo com o outro, neste entrecruzar de fios, acontece no encontro do grupo e na imersão particular/individual que cada atividade proposta suscita. O aprofundamento desta tessitura foi realizado, conforme anunciado anteriormente, no *Círculo Reflexivo Biográfico*, a ser detalhado no capítulo 02 desta tese.

1.2 Elementos fundamentais na artesanania exigida pelo objeto de estudo

Do lugar de pedagoga atuante no Sistema único de Assistência Social e de pesquisadora das temáticas dos direitos humanos e das juventudes parti dos seguintes questionamentos: de que forma o poder público das diferentes esferas administrativas está atuando de modo a promover os direitos do seguimento juvenil? Como os projetos e ações governamentais de Maracanaú têm repercutido na vida dos jovens? Eles foram fatores preponderantes no processo de resiliência? A partir dos questionamentos anteriores, cheguei à seguinte **questão norteadora central**: quais eventos, crenças, pessoas, grupos e instituições foram mais significativos nas respostas resilientes dadas por jovens em situação de risco e de vulnerabilidade social?

Com a consciência da complexidade da realidade investigada e da necessidade de enveredar por caminhos dialógicos que permitissem a compreensão de significados e sentidos inscritos nas experiências narradas, elegi, no universo da investigação qualitativa, a pesquisa (auto)biográfica em educação. A via da narrativa mostrou-se uma forma privilegiada de acesso aos modos de vida juvenis e aos processos de invenção de si. O suporte teórico da pesquisa está fincado em três pilares: a) as elaborações epistemológicas, teóricas e metodológicas dos autores vinculados à tradição do movimento socioeducativo das histórias de vida em formação Delory-Momberger (2006; 2008; 2014); Josso (2010); Pineau (2010; 2012); Ferrarotti (2010); Passeggi (2011; 2016) e Olinda (2016; 2017; 2018); b) Os teóricos da sociologia da juventude: Pais (1990; 2000), Groppo (2004), Adorno (2001) e os teóricos que tratam da categoria resiliência, com destaque para a perspectiva da Psicologia Positiva expressa por Yunes (2003) e Boris Cirulnik (2005; 2013). Esta configura-se como uma “tentativa de levar os psicólogos contemporâneos a adotarem uma visão mais aberta e apreciativa dos potenciais das motivações e das capacidades humanas” (YUNES, 2003, p. 75). Por sua vez, o pesquisador francês foi fundamental nos estudos sobre processos resilientes, sobretudo nas suas elaborações sobre “tutores de resiliência” e sobre o papel da narrativa, pois se adequa à perspectiva que adotei ao buscar dialogicamente olhar a totalidade do indivíduo, com o cuidado de reconhecer suas singularidades, o que foi possível pela via da narrativa de si.

A pesquisa teve como **objetivo geral**, compreender, por meio das histórias de vida de cinco jovens, o significado de diferentes agentes e instituições nas suas trajetórias e como estes contribuíram para uma resposta resiliente frente às situações de risco e de vulnerabilidade a que estiveram/estão expostos.

Assim, busquei, especificamente, alcançar os seguintes objetivos:

1. Apresentar os programas e projetos que servem como suporte social para as juventudes do município de Maracanaú;
2. Identificar os fatores de risco e de vulnerabilidade social a que estiveram/estão expostos os sujeitos da pesquisa;
3. Elucidar como os jovens percebem a rede de proteção que contribui no enfrentamento às situações de risco e de vulnerabilidade;

A pesquisa foi dividida em três fases interligadas: uma fase exploratória para entrosamento do grupo pesquisador e refinamento do referencial teórico (pesquisa bibliográfica e documental); o trabalho de campo que envolveu análise documental e processo de biografização e, por fim, a análise do *corpus* da pesquisa efetivada segundo a dinâmica da Análise Textual Discursiva (MORAES, 2003; MORAES; GALIAZZI, 2006).

Sabemos que falar de si não é tarefa simples. A exigência de (re)viver as emoções pode inibir o desejo de retornar reflexivamente ao espaço-tempo que a narrativa solicita. A narrativa de si é interpretação, mas antes de tudo, uma confiança, e só se dá quando se percorre um caminho longo em que se estabelece a confiança e cumplicidade. A pesquisa (auto)biográfica em educação permitiu uma relação intersubjetiva entre pesquisadora e narradores, explicitando processo de construção de identidades e de subjetividades (JOSSO, 2010). Vi, no decorrer do processo de biografização que o ato narrativo não está circunscrito apenas a uma operação pessoal, pois toda narrativa traz os elementos da situação social total. Na pesquisa vivenciamos a verdade da elaboração de Ferrarotti (2010) sobre o “paradigma do singular-plural”.

Em *História e Histórias de Vida*, Franco Ferrarotti (2014) dá continuidade à sua contribuição sobre a relação entre singularidade e pluralidade, consolidando um fundamento epistemológico que vem orientando a abordagem por mim utilizada. Ele também colaborou para uma ruptura com a perspectiva reducionista, que traz as histórias de vida como materiais biográficos justapostos ou mesmo como ilustração ou validação *a posteriori* de um modelo formal de interpretação. Franco Ferrarotti propõe uma leitura ideográfica que reconhece o caráter essencial da biografia, que é sua subjetividade irreduzível.

O pesquisador italiano recorreu a Sartre com sua concepção de práxis humana como universal-singular para afirmar que toda prática individual humana é uma atividade sintética pela qual o homem singulariza a universalidade de uma estrutura social, uma totalização ativa pela qual ele individualiza a história social coletiva. Deste modo, a narrativa biográfica cumpre e torna visível uma dupla operação complementar de desestruturação/reestruturação do espaço

histórico e social a partir do qual se elabora a história da vida; da situação de interação a partir da qual a narrativa é produzida como atividade discursiva e pragmática.

Para Maurizio Catani (1982) citado por Delory-Momberger (2014, p. 288), a dimensão de reorganização e de criação inerente à narrativa:

O narrador *nasce com* a narrativa pela qual ele se conta, o sujeito vem à existência colocando um “eu” enunciativo que organiza de maneira autorreferencial simultaneamente um espaço de discurso e o espaço existencial. O sentido que o narrador dá aos acontecimentos e aos atos de sua vida, relacionando-os com uma visão sintética e totalizante de sua existência, fica legível nos modos de construção da narrativa que se torna assim o objeto próprio da análise.

Com Delory-Momberger (2012) vi que poder-saber que se dá àquele que, rever sua trajetória de vida, formando-se neste processo, deve permitir-lhe agir sobre si mesmo e sobre as estruturas sócio-históricas nas quais ele evolui, dando-lhe os meios de inserir sua história no sentido e na finalidade de um projeto. Esta concepção acerca das histórias de vida passa a contribuir na área de formação quando, nos fins dos anos 1970, o contexto das transformações econômicas e sociais que afetam as sociedades ocidentais e dos questionamentos políticos ideológicos que elas provocam, acentuam as dificuldades sentidas no seio de uma sociedade onde aumentam as desigualdades sociais e que não está mais em condição de garantir trabalho ou uma renda suficiente a cada um de seus membros.

Acrescenta-se a este panorama o mal-estar identitário nascido da incapacidade das instituições de dar respostas às interrogações e às aspirações individuais. Essa perda de referências, marca a passagem de uma sociedade ainda tradicional para uma sociedade individualista onde cabe a cada um criar seu projeto de vida e fixar seus princípios de ação e de avaliação. É significativo que as histórias de vida apareçam no campo da formação no meio em que o indivíduo tem cada vez maior dificuldade de encontrar seu lugar na história coletiva, e onde ele é devolvido a si mesmo para definir suas próprias referências e fazer sua própria história.

Como pressupostos da história de vida em formação Delory-Momberger apresenta como o primeiro deles a noção de que a história de vida (a vida narrada e interpretada), não é a vida, e nenhuma prática de formação pretende reconstruir para si mesma o que seria o transcorrer factual e o objetivo da vivência. A maior parte das práticas consideram a situação na qual a narrativa é enunciada e o caráter dialógico de uma fala, oral ou escrita, como um ato dirigido a um interlocutor ou a um grupo de interlocutores. Entram aqui as noções de coprodução, de investimento, segundo as quais a narrativa se constrói na relação com outrem: *é feita por e com alguém*, postula a cooperação de um outro, cuja presença interativa (escuta,

réplica) se constitui em coautor. O coinvestimento realizado pelo grupo em que a pesquisa será realizada é uma das concepções centrais na produção das narrativas que serão produzidas.

Essa história por definição nunca é "acabada", é submetida a um permanente inacabamento ou, o que significa o mesmo, chama a dar um acabamento que está sempre na frente dela. O trabalho de reflexão e de análise realizado sobre a narrativa visa identificar as linhas de força e os pontos de insistência, segundo os quais a vida assume uma forma e reconstrói as estruturas formais e semiológicas da narrativa.

A aplicação prática da metodologia, primeiro centrada na relação com a formação, revelou que a introdução das histórias de vida no processo de formação podia ser um *meio de formação* em si, permitindo ao sujeito realizar por meio da narrativa de sua vida uma atividade reflexiva sobre si mesmo, identificar-se como produtor de sua própria história. A partir de então, a história de vida não era mais somente um meio circunstanciado de responder a uma problemática de formação particular, mas, aparecia como um método de valor geral permitindo integrar demandas de formação plurais, vindas de públicos diversificados. Neste sentido, na busca dos objetivos proposto pelo Projeto Tear, a pesquisa (auto)biográfica proporcionou aos jovens envolvidos, uma significativa experiência de tecer uma narrativa sobre si, ressignificando suas experiências.

Outro conceito apresentado por Delory-Momberger ao longo de suas importantes produções de fundamentação teórica e epistemológica para a abordagem biográfica e que reafirmou sua adequação às reflexões que apresento, é a consideração da multidimensionalidade do sujeito. Esta, se reforça potencialmente com cada novo encontro, modifica-se e se transforma na sucessão nunca acabada das interações. A capacidade do sujeito de integrar e de unificar formas, em construções sempre provisórias e moventes nas quais eles se reconhecem, contribui para o sentimento de sua identidade. Essas construções que variam de acordo com as circunstâncias e as situações da vida, e que evocam cada vez apenas parte do material psicocultural, são resultados do processo transdutivo que a autora descreve apelando para a noção de *momento biográfico*.

Tomando o termo de Remi Hess, Delory-Momberger (2014, p. 336) define:

O momento se define como espaço-tempo interior que o sujeito constrói com base em sua experiência e que, identificando e singularizando domínios de sua existência, permite-lhe reconhecer, valorizar e apropriar-se de cada situação nova, numa configuração de hábitos, de afetos, de relações que lhe é própria.

Face à dimensão natural e espontânea da palavra narrativa na vida cotidiana, a autora compreende o momento biográfico numa metodologia de formação, como um *momento*

construído em torno de uma prática da história de vida, inserida num protocolo autoformativo. O momento biográfico de formação é construído a vários títulos na formulação explícita de seu intento: o trabalho de produção da história da vida se articula sobre a definição de um projeto de formação; no procedimento acompanhado: a metodologia aplicada tem por objeto permitir ao autor da narrativa, com a mediação do pesquisador, construir a história de sua vida, isto é, reconhecer em sua vivência um percurso orientado e acabado e reconhecer-se no discurso que ele constrói.

Para Delory-Momberger (2014) o que ensina finalmente a história de vida é que o sujeito é uma construção que deve vir, não um "aqui está", mas um sempre-diante-de-si: o sujeito é, numa relação de circularidade sem fim, o projeto do sujeito. A história de vida em formação não é, pois, prioritariamente, uma ferramenta de exploração do passado, nem mesmo a maneira como o narrador representa sua vida. Considerada pelo que ela é, um objeto construído, que tira sua realidade de sua própria existência e não daquilo a que ela refere, ela oferece em compensação um quadro metodológico e experimental para pensar o modo pelo qual o sujeito se constrói como projeto.

A presente tese está organizada em seis capítulos. No capítulo dois intitulado *Abordagem Teórico-Metodológica para a Tessitura Dialógica das Histórias de Vida*, apresento o desenrolar da pesquisa em dois níveis: a apreensão teórica sobre a investigação qualitativa e sobre a pesquisa (auto)biográfica em educação, além do trabalho empírico. Os procedimentos utilizados são detalhados, bem como a metodologia de análise do *corpus da pesquisa*.

No capítulo três trago um panorama das políticas públicas voltadas para o segmento juvenil, partindo das esferas federais e estaduais, para me concentrar nos programas e projetos desenvolvidos no município de Maracanaú.

O capítulo quatro - *Tecendo fios, contando histórias* - requer do leitor uma lente sensível para a leitura. A máquina de tear entra num ritmo mais intenso e afetivo ao revelar as histórias dos nossos tecelões. Nesse capítulo o emaranhado de fios toma forma ao serem organizados em uma sequência que nos permite ver o tecido em sua síntese integradora.

No capítulo quinto, intitulado *Na trama da vida: o que o entrelaçar dos fios revela?* Faço uma interpretação das narrativas de cada jovem, de acordo com as “categorias emergentes” resultantes da Análise Textual Discursiva (MORAES, 2003 e MORAES e GALIAZZI, 2006) que seguiu um processo auto-organizado que foi da unitarização à socialização, passando pela categorização. Antes da análise as narrativas orais produzidas no Círculo Reflexivo Biográfico foram transcritas, textualizadas e transcriadas (MEIHY, 2010)

O capítulo conclusivo - *Sobre a arte de tecer* – traz a síntese do que foi possível

tecer coletivamente, além de apresentar sugestões para o aprimoramento das ações desenvolvidas para a juventude no município de Maracanaú. Novas perguntas surgiram e me acompanharão nas tarefas de educadora e pesquisadora comprometida com as juventudes da periferia.

2 A ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA A TESSITURA DIALÓGICA DAS HISTÓRIAS DE VIDA

A narrativa do outro é um dos lugares onde experimentamos nossa própria construção biográfica.
(Christine Delory-Momberger)

O presente capítulo apresenta os caminhos dialógicos trilhados na pesquisa em suas diferentes fases. A pesquisa com juventudes é um campo fecundo e reflete a multiplicidade e dinamicidade dos sujeitos pesquisados, conclamando a um olhar plural e sensível

Início apresentando as bases teóricas da pesquisa qualitativa e a justificativa de sua escolha para o alcance dos objetivos propostos nesta tese. Dialogo com autores como Denzin e Lincoln (2006), Bogdan e Biklen (1994) e Minayo (2009), destacando o fato de que este tipo de investigação propõe o estudo detalhado e em profundidade dos fenômenos em seus cenários naturais, e dá relevância aos processos em detrimento do material produzido (produto).

Mostro, nos tópicos - *Fase exploratória da pesquisa: preparando a tessitura de si; O Círculo Reflexivo Biográfico e o potencial heurístico da narrativa* - o modo como desenvolvi as diferentes fases da pesquisa (auto)biográfica em educação, um tipo de investigação qualitativa. A pesquisa (auto)biográfica em educação é concebida não apenas como método, mas como processo formativo. O Círculo Reflexivo Biográfico – CRB, principal dispositivo para a tessitura das narrativas de si e para a construção das histórias de vida é descrito desde seus princípios, fontes de inspiração e sistemática dos encontros.

2.1 A pesquisa (auto)biográfica no universo da pesquisa qualitativa

O conhecimento científico é comumente referido como aquele que é produzido a partir de métodos apoiados em pressupostos ontológicos, epistemológicos e, especialmente nas ciências sociais, nos de natureza ética e antropológica.

A abordagem utilizada nesta pesquisa foi a qualitativa, que, entre outras características, destaca a diferenciação entre os dois tipos de objetos de estudo – o físico e o humano – ao admitir que, ao contrário do objeto físico, o homem é capaz de refletir sobre si mesmo e, através das interações sociais, construir-se como pessoa. Para Denzin e Lincoln (2006, p. 17) a pesquisa qualitativa é

Uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais

tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem.

Estudar os fenômenos em seus cenários naturais é outra característica da pesquisa qualitativa, daí o cuidado que tive na fase exploratória, de não artificializar os encontros do grupo, com excesso de formalismo e utilização de espaços alheios aos jovens. Nesta fase percorremos juntos, eu e os jovens, um caminho de fortalecimento da identidade grupal a partir das diversas identidades individuais.

O pesquisador qualitativo neste cenário da pesquisa assume um papel que os autores chamam de *bricoleur* - confeccionador de colchas. Denzin e Lincoln (2006) discorrem sobre o papel do pesquisador ao interpretar os achados/produtos da pesquisa e da ação de *bricolage* realizada com o material produzido no percurso da pesquisa, resultado da ação realizada pelo pesquisador e tudo/todos que compõe/m o cenário da pesquisa.

Bogdan e Biklen (1994) apontam cinco principais características da pesquisa qualitativa ao defenderem que i) na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural; ii) a investigação qualitativa é descritiva; iii) os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos; iv) os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva e por fim; v) o *significado* é de importância vital na abordagem qualitativa. Para os autores (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 51)

Os investigadores qualitativos em educação estão continuamente a questionar os sujeitos de investigação com o objetivo de perceber aquilo que eles experimentam o modo como eles interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem. Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra.

Maria Cecília de Souza Minayo (2009, p. 21) também defende a pesquisa qualitativa como abordagem adequada a questões que requerem interpretação a partir da realidade vivida, ao afirmar que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

As pesquisas em educação têm buscado discutir temas complexos do cotidiano,

problemáticas relevantes para o cenário da área em suas mais diversas áreas e lócus, viabilizando reflexões e dados que impactam diretamente nas realidades pesquisadas, almejando contribuir para sua compreensão. A perspectiva qualitativa de pesquisa é basilar a esta busca de compreensão e de articulação de sentidos e significados. Nesta abordagem os objetos não exigem tratamentos estatísticos, nem necessitam serem testados para comprovar hipóteses pré-definidas.

A investigação em educação percorreu diversos momentos históricos que a distinguiram quanto às características do modo em que os dados eram “coletados” – dominado pelas questões da mensuração, definições operacionais, variáveis, teste de hipóteses e estatística – passando a contemplar uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a interpretação, a intuição, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais. Tendo clareza da definição de pesquisa qualitativa, reitero sua adequação dos objetivos elencados para esta tese, na medida em que o fenômeno investigado é a realidade vivenciada pelos jovens que vivenciaram/vivenciam situações de vulnerabilidades e de risco social em uma das maiores cidades do estado do Ceará.

A pesquisa (auto)biográfica em educação figura no universo da pesquisa qualitativa e já se consolidou no quadro acadêmico nacional e internacional, tanto pelo número de diretórios de pesquisa registrados no CNPq, quanto pela densidade da produção teórica socializada, sobretudo, nos momentos dos Congressos Internacionais de Pesquisa (Auto)Biográficas (CIPA), que já chegou à oitava edição.

A pesquisa (auto)biográfica em educação promove uma abordagem dialógica e em espiral ao indicar uma constante busca por compreensão da realidade pesquisada, requerendo implicação de todos os envolvidos no processo. Portanto, o engajamento do coletivo foi um dos principais fatores que contribuíram para a realização da biografização, conforme mostrarei no próximo item.

Nos itens que seguirei apresentarei a dinâmica da pesquisa realizada, lembrando que, tanto Na fase exploratória, quanto no trabalho de campo, tive como instrumento fundamental de registro o “diário de itinerância” que, segundo Barbier (2007), é um instrumento de investigação sobre si mesmo em relação ao grupo e em que se emprega a tríplice escuta/palavra – clínica, filosófica e poética – da abordagem transversal. Este tipo de diário segue as seguintes fases: diário-rascunho, diário elaborado e diário comentado (BARBIER, 2007, p. 137). Em síntese, trata-se de um bloco onde são anotados detalhes do processo de investigação, e é composto pelo registro de sentimentos, pensamentos, reflexões que são feitas teoricamente e praticamente quando se está em campo.

Para Barbier (2007, p.134) “o diário de itinerância toma emprestado ao diário íntimo seu caráter relativamente singular e privado. Registram-se pensamentos, sentimentos, desejos, sonhos muitos secretos”. Nesse instrumento fiz o registro das principais atividades, mas, também de algumas conversas informais, fora do grupo. Além das atividades em si, destaco falas que me chamaram atenção e sentimentos que me ocorreram na incursão ao campo. Ao longo desta tese recorri/re corro a ele por diversas vezes.

Material audiovisual também foi utilizado nos registros e continuaram compondo o instrumental utilizado na fase de trabalho de campo.

2.2 Fase exploratória da pesquisa: preparando a tessitura de si

A pesquisa que deu origem à presente tese foi possível pela confluência dos seguintes aspectos: minhas experiências como pesquisadora de juventude; a compreensão consolidada sobre o potencial heurístico e formador das narrativas de si e o desejo dos jovens - egressos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos- SCFV de continuarem juntos refletindo sobre suas experiências.

A pesquisa com juventudes demonstra sua fecundidade exatamente na dinâmica que o grupo revela a cada encontro e na rapidez com que esperam respostas para suas buscas. Antes do efetivo desenvolvimento do Círculo Reflexivo Biográfico, detalhado mais à frente, realizamos, como **fase exploratória** da pesquisa, três encontros com duração, em média, de duas horas. A maior parte dos encontros acontecia nos finais de semana, tendo em vista os horários em que estudavam, trabalhavam ou estavam envolvidos em outras atividades na comunidade.

A intenção era a formação da identidade grupal pelo desenvolvimento da confiança mútua e partilha de objetivos comuns, preparando, assim, para o processo de escrita de si que viria na fase do trabalho de campo da pesquisa. A fase exploratória mostrou-se proveitosa, na medida em que as resistências psicológicas inerentes aos processos narrativos sobre si são inevitáveis mesmo entre jovens que já se conhecem. A referida fase também gerou grande expectativa nos jovens que se mantiveram ativos no grupo de discussão do *Whatsapp*, expressando o desejo de iniciar a tessitura de suas histórias de vida.

Os encontros foram agendados com periodicidade mensal ou quinzenal, de acordo com a disponibilidade de cada membro. Normalmente ocorreu na casa de um dos participantes, aos finais de semana. Foram reservadas, no mínimo, duas horas para cada encontro. A cada momento os vínculos eram fortalecidos proporcionando um ambiente seguro e propício ao

trabalho biográfico.

Passo a apresentar as atividades realizadas em cada encontro.

No **primeiro encontro** discutimos os objetivos e a dinâmica do grupo ali instituído e que se comprometera com a sustentação do Projeto Tear. Este nome foi escolhido para representar a ação de tecer as tramas da vida. Diariamente novos fios são gerados, através das nossas experiências e aprendizados e vão compondo o tecido da vida, construído dia a dia, entrelaçado por incontáveis subidas e descidas, e estas tão necessárias para consolidar o tecido. Foi oportuno refletir com o grupo sobre essa ação de “subir” e “descer” que a linha realiza com o auxílio do tear. Como os fios são gerados a cada dia, sugeri que refletissem sobre a possibilidade de haver momentos em que o fio precise ser “sustentado” por outro que está embaixo e vice-versa. Assim, também alertei, que pode haver momentos no decorrer de nossas vidas que seremos apoio e outros que seremos apoiados, e nesta lógica o tecido terá sua trama construída.

Apesar de todos os integrantes do grupo se conhecerem e manterem vínculos de amizade, percebi a necessidade de fortalecer as relações entre eles e discutir sobre alguns aspectos relevantes para o desenvolvimento de um trabalho (auto)biográfico grupal, dentre eles o respeito e a empatia.

A Figura 1, mostra o registro de uma das dinâmicas realizadas com o grupo no primeiro encontro, chamada *a teia*. A dinâmica consistiu em uma partilha sobre as expectativas acerca do grupo e os desejos que cada um trazia consigo e gostaria de compartilhar com algum outro participante. Ao final, como mostra a imagem, fiz a junção de todos os fios, fazendo um só ponto de interseção, fazendo uma analogia aos fios que se entrelaçam para constituir um tecido, como nossas vidas, ali unidas pela ação de tecer os nossos tempos narrativos.

A perspectiva dos entrecruzamentos temporais - passado, presente e futuro - foi estimulada ao longo do trabalho de campo, levando a uma atitude crítico-reflexiva sobre as experiências vividas. Não houve, necessariamente, uma lógica sequencial e/ou linear, de acordo com o que veremos ao conhecer o dispositivo de pesquisa utilizado para a elaboração das histórias de vida - o *Círculo Reflexivo Biográfico*.

Figura 1 – Dinâmica *a teia*, realizada no primeiro encontro do Projeto Tear



Fonte: Elaborada pela autora.

Ainda no primeiro encontro, construímos nosso “relicário coletivo”, onde apresentamos quem somos através de objetos que representam algo de valor afetivo para nós e que traduzissem um pouco do que somos e apresentamos para o grupo. Fizemos nosso acordo de convivência (Figura 2) evidenciando os aspectos que deveriam ser respeitados no decorrer de todos os nossos encontros, bem como ao sairmos deles.

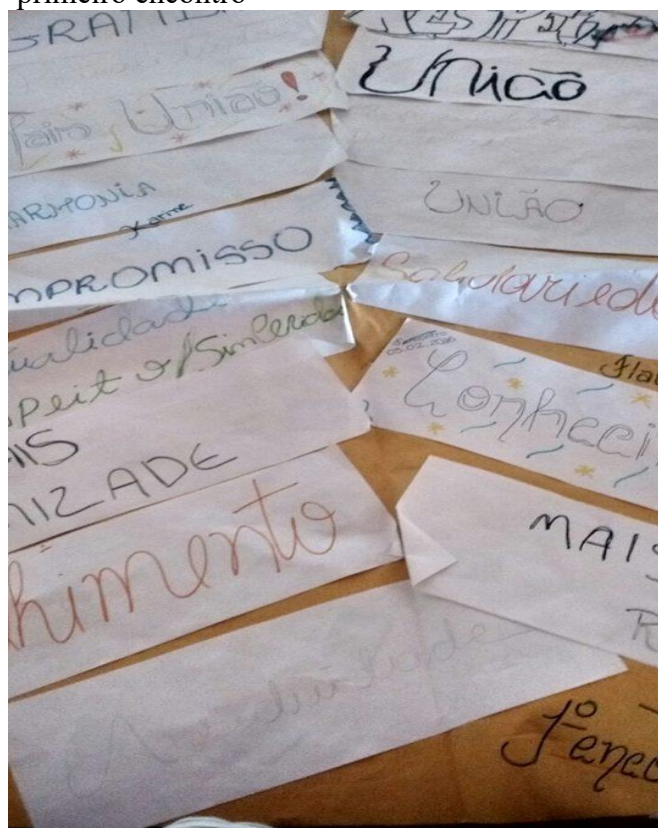
Acordamos que o nosso tear consiste em um instrumento que vai favorecer um olhar sensível ao tecer da vida de cada um: a trama construída até aqui e os possíveis sentidos e significados que unem nossas experiências e aspirações.

No **segundo encontro** construímos nosso panô³ coletivo, que teve como finalidade representar a construção da identidade grupal, a partir da representação da individualidade de cada participante do grupo. Para a confecção deste, realizamos a pintura e customização de retalhos de tecido de algodão cru. O trabalho não foi concluído em apenas um encontro, sendo utilizados dois dias para sua conclusão e apresentação coletiva. Depois de finalizado o trabalho individual e a socialização do mesmo, reuni as figuras e pedi que a avó de uma das jovens

³ Painel decorativo, feito à mão.

participantes do grupo - que nos acolheu em sua casa para a realização dos primeiros encontros – reunisse os retalhos com crochê, formando uma espécie de colcha de retalhos, o nosso panô, que ilustra a abertura do Capítulo 01 da presente tese.

Figura 2 – Acordo de convivência construído no primeiro encontro



Fonte: Elaborada pela autora.

Na Figura 3 estão presentes, além dos cinco jovens participantes da pesquisa, dois outros jovens convidados para aquele momento e dois colaboradores naquela fase inicial: Jarine, então acadêmica de pedagogia e interessada pela temática juventude e histórias de vida e Rodrigo, assistente social, que foi orientador social do SCFV no período em que fui técnica no CRAS.

Figura 3 – Primeira oficina de confecção do panô, construindo identidade pessoal e grupal



Fonte: Elaborada pela autora.

No **terceiro encontro**, criamos a identidade visual do Projeto Tear, que foi pensada a partir das opiniões e ideias do grupo e desenhada pela colaboradora Jarine, anteriormente mencionada. Além disso, anunciei a dinâmica dos encontros do CRB e alguns dos seus princípios como forma de reforço para a biografização que sucederia.

Figura 4 – Logotipo do Projeto Tear



Fonte: Elaborada pela autora.

No próximo item, antes de anunciar as atividades do Círculo Reflexivo Biográfico (Quadro 1), abro um espaço para apresentar os fundamentos teóricos, princípios e dinâmica do referido dispositivo de pesquisa.

2.3 O Círculo Reflexivo Biográfico e o potencial heurístico da narratividade

Franco Ferrarotti (2010) anuncia a especificidade do método biográfico que implica a superação do quadro lógico-formal e do modelo mecanicista que caracteriza a epistemologia científica estabelecida. Para utilizar sociologicamente o potencial heurístico da biografia, sem trair seus traços característicos essenciais - subjetividade e historicidade -, é necessário que o pesquisador se lance para fora do quadro epistemológico clássico. Esse chamamento indica a urgência e a necessária legitimação da abordagem biográfica no campo das ciências sociais.

É inerente à atividade narrativa a dimensão configuradora e reflexiva que possibilita a reelaboração e a interpretação do vivido, além de permitir a identificação de suas aprendizagens experienciais (JOSSO, 2010), que é a compreensão dos por quês de seu modo de agir e pensar diante das circunstâncias da vida.

Para Olinda (2010) a pesquisa (auto)biográfica em educação caracteriza-se por tratar as narrativas sobre as trajetórias de vida como algo fundamental para o processo de formação que, por sua vez é composto por vários aprendizados e envolve diversos fatores. Através das narrativas das trajetórias de vida dos sujeitos, é possível resgatar o que foi significativo na formação de suas identidades e subjetividades, levando à reflexão sobre as consequências dessas experiências em relação ao modo de pensar e se posicionar diante do mundo.

Tendo em vista as especificidades da abordagem biográfica e compreendendo a necessidade de um espaço-tempo para a biografização, propus a utilização do Círculo Reflexivo Biográfico – CRB como metodologia de produção de narrativas e de conhecimentos que atendem aos objetivos da pesquisa. Olinda e Araújo (2016, p. 239) apresentam o CRB como um

Dispositivo de pesquisa e de formação que permite um processo de biografização desencadeador de reflexões em todas as dimensões da vida pessoal, familiar, religiosa, social e política, orientando formas de viver, pensar, sentir e lutar, próprias de pessoas que assumem o processo de caminhar para si, investindo na sua formação integral.

O CRB vem sendo desenvolvido coletivamente no Grupo de Pesquisa Dialogicidade, Formação Humana e Narrativas (DIAFHNA) desde 2008. Ele tem sido pensado

como um espaço/tempo propício para expressão de sentimentos, a partilha de experiências e o exercício da “escrita de si”, visando a pesquisa e a formação. Portanto, aprender com o vivido, abrir-se para ressignificar as experiências e reconhecer a singularidade e pluralidade de cada ser são elementos que perpassam este espaço. Segundo Olinda e Araújo (2016) ao utilizarmos o CRB como ferramenta de pesquisa e formação “descobrimos a força da narrativa e o quanto precisamos do outro para nos instituir” (OLINDA; ARAÚJO, 2016, p. 243). Para as autoras, a preocupação

[...] é pensar a formação humana em sintonia com as exigências de um mundo globalizado, sem, contudo, perder de vista a inspiração emancipatória herdada da modernidade: dignidade da pessoa humana; reconhecimento da pessoa como ser singular; vida em devir; busca pela harmonia estando no mundo (autorrealização); aprender com as próprias experiências; abrir-se a diversidade em todas as dimensões da vida humana; atuar coletivamente para transformar a realidade; busca de sabedoria de vida; consciência de si mesmo; confrontação com inconsciência; indivíduo como ser responsável e autônomo que se faz na ação solidária e cooperativa.

O CRB pode ser desenvolvido em três modalidades: narrativas de vida; narrativas de formação; e narrativas da experiência religiosa. A primeira modalidade aborda todos os aspectos da vida do narrador; a segunda, diz respeito aos processos formativos da dimensão profissional - educação formal ou informal; e a terceira adentra no campo da experiência religiosa. Nessa tese utilizo a modalidade das narrativas de vida, na qual desenvolvemos coletivamente a biografização em torno de um questionamento central: “Como me tornei a pessoa que sou hoje?”

O dispositivo de pesquisa assenta-se em seis princípios interligados conforme Olinda (2010) e Olinda e Araújo (2016), a saber:

1. Princípio formativo – pela reflexividade crítica, passa-se das experiências existenciais às experiências formadoras. A narrativa tem o poder de tornar as experiências vividas alvo de reflexões e propulsoras de novas atitudes diante da vida. É um exercício de acolher o outro e a si mesmo, numa busca por compreender como chegou a ser o que é e o que ainda falta para ser mais;

2. Princípio dialógico – conforme elaboração de Freire (1989), a lógica da formação deve ter o diálogo como mote central, e não a transmissão passiva de conhecimentos ou padrões culturais pré-definidos. O diálogo como fundamento da ação educativa suscita a problematização das relações sociais e a participação ativa do sujeito, levando ao desenvolvimento de uma ética embasada no respeito à dignidade humana. “Pesquisadores e sujeitos da pesquisa numa relação intersubjetiva, articulam razão e emoção para tomar as

experiências como textos que são lidos, permitindo-nos pronunciar nossa palavra autêntica.” (OLINDA; ARAÚJO, 2016, p. 242);

3. Princípio sócio-político - indissociabilidade entre processos pessoais (identitários) e da coletividade (dimensão societal). Paul Ricoeur fala da tessitura narrativa em "Tempo e Narrativa" afirmando que a narrativa tem um poder configurador, e que os acontecimentos da nossa existência estão ligados à sociedade em que vivemos, fazemos uma obra que leva a consequências éticas e políticas;

4. Princípio filosófico-antropológico - discute a relação entre sujeito e narração. A linguagem como construto do humano, que possibilita uma autointerpretação e nos permite, responder às perguntas: quem somos? (para nós e para os outros) e como chegamos a ser o que somos? Através das histórias que narramos sobre nós mesmos, nossa história de vida é tecida de modo reflexivo;

5. Princípio da potência narrativa – A narrativa das experiências que nos tocaram/tocam, provocaram/provocam, toma a proporção de um trabalho intelectual e afetivo que revela sua força/potência interpretativa;

6. Princípio integrador - Como prática consciente e integral de educação de si, o conceito de Delory-Momberger (2008), é uma preocupação com o desenvolvimento interior que interpreta todo acontecimento, como uma ocasião de experiência de si e da reflexão sobre si, buscando o aperfeiçoamento e a completude do ser.

No CRB são utilizados diversos elementos que estimulam a expressividade e a diversificação das formas de linguagem, que não se reduzem à verbal. A confecção de mandalas, desenhos, colagens, pinturas, dança e músicas são algumas das atividades desenvolvidas no decorrer dos encontros. As fontes de inspiração do CRB foram Christine Delory-Momberger (2006), com as atividades propostas através dos ateliês biográficos de projetos; Marie Christine Josso (2004), com o trabalho das experiências de vida em formação; os Círculos de Cultura de Paulo Freire e a tradição da educação popular; e a teoria da narratividade exposta no livro Tempo e Narrativa (1994) de Paul Ricoeur, a base para a compreensão do potencial narrativo na formação.

A criadora do CRB, Professora Doutora Ercília Maria Braga de Olinda, afirma que com a mediação da criatividade e dos afetos, “por seu potencial heurístico e formador, o CRB constituiu-se um dispositivo fecundo na pesquisa qualitativa, podendo ser trabalhado com sujeitos de todas as faixas etárias e no desenvolvimento de qualquer temática” (OLINDA, 2010, p. 81) O grupo deve ser composto por 5 a 16 participantes, e a quantidade de encontros pode

variar entre 8 e 12, tendo duração de quatro horas.

O CRB tem início com a negociação e definição de um “acordo biográfico”: a sistemática dos encontros e seus fundamentos teóricos são apresentados em linhas gerais, resultando na assinatura do que a autora chama de “acordo biográfico”. Este, deve apresentar pontos importantes para a convivência grupal e a proposta do cronograma das atividades.

No decorrer dos encontros do Círculo Reflexivo Biográfico, o mediador deve realizar as seguintes atividades (OLINDA, 2018) visando maior aproveitamento do espaço relacional estabelecido:

1. Acolhida: momento inicial para demonstrar que cada participante é importante. É um momento de amorização ou despertar afetivo, nesse momento estimula-se o afeto entre os membros do grupo e o estreitamento dos laços de amizade e confiança. A alegria da partilha, o respeito e a gentileza devem circular no grupo, e esse momento é favorável ao seu exercício concreto.

2. Presentificação: envolve o sujeito no momento presente e consciente de seu despertar integral (espiritual, cognitivo, corporal e afetivo) (OLINDA, 2010, 2018; OLINDA e ARAÚJO, 2016). Momento de preparação para a atividade específica de biografização que virá a seguir. Olinda (2010) alerta que é necessário despertar o corpo, realizando alongamentos, dançando, cantando ou fazendo outros exercícios de respiração. Para Olinda e Araújo (2016, p.239) “desbloqueio de tensões, frutos de resistências psicológicas ou de estresse cotidiano, inicia-se pelo corpo, pois nele se refletem, de modo visível, nossos sentimentos e emoções”. Elas percebem que à medida em que nos afastamos de nossa essência, nosso “eu profundo”, deixamos de dar atenção ao nosso corpo e nossa relação com o mundo. Após estes exercícios pode haver leitura de um texto, mensagem ou outra atividade que colabora no despertar cognitivo e emocional.

3. Biografização: segundo Olinda (2010, 2018) e Olinda e Araújo (2016) é o momento da atividade propriamente biográfica que utiliza a oralidade (falar e ler), a escrita e a expressão artística. A narrativa de vida é iniciada buscando responder uma questão disparadora, combinada com o grupo no primeiro encontro. Essa questão pode ser: “Como me tornei a pessoa que sou hoje?”. Cada um tem até 30 minutos para narrar e gravar. Quem é interlocutor não se manifesta nesse momento. O texto é transcrito pelo próprio sujeito, e posteriormente lido em pequenos grupos no encontro seguinte, quando é realizada a “colaboração narrativa”, que é o momento em os demais participantes poderão dar suas contribuições, sugerindo adaptações, complementações ou supressões. O estranhamento de nós mesmos e do outro provoca

deslocamentos de papéis entre: narrar, ler, escrever, ouvir a escrita do outro e refazer sua escrita inicial. São alternâncias e/ou simultaneidades entre os papéis que favorecem o distanciamento necessário à uma reflexão intersubjetiva sobre a narrativa da história de vida pessoal e da busca por compreensão do vivido. Após ouvir as contribuições dos participantes, cada um trabalha na versão final de seu texto, chegando a uma versão que seja avaliada como “suficientemente boa de si” (DELORY-MOMBERGER, 2006). Em síntese, envolve atividades em que os sujeitos assumem os papéis de narrador, transcritor, leitor, ouvinte e propositor.

4. Integração experiencial: consiste em uma síntese avaliativa acerca das atividades realizadas em cada encontro e no final do Círculo Reflexivo Biográfico. Na integração experiencial final utilizamos a metáfora da árvore, que permite a cada participante identificar, num esforço de síntese, as principais experiências na sua trajetória, avaliando o que foi fundante, significativo e transformador. No final, são apresentados sonhos e projetos futuros. Segundo Olinda (2018) esta síntese foi pensada como forma de superar a atitude autoritária que restringe à pesquisadora, isolada no seu gabinete de trabalho, a tarefa de fazer a análise do material produzido, para futura categorização e escrita do trabalho final. A árvore é previamente desenhada/impressa pelo/a mediador/a, com raízes, caule, copa frondosa e abóbada celeste. A partir do texto final produzido e lido para os demais membros do grupo, os participantes selecionam o que consideram mais significativo para fazerem um balanço dos aprendizados experienciais realizados ao longo da vida. Elas recebem flores, folhas, frutos e nuvens previamente recortadas em papel dupla face, registram por escrito e vão colando na árvore. Na raiz ficam as experiências fundamentais, aquelas sem as quais não seríamos quem somos; no tronco, as experiências significativas, aquelas que foram importantes no nosso processo formativo; na copa colam os aprendizados e as conquistas do percurso; na abóbada celeste colam seus sonhos, projetos e dúvidas. O CRB é encerrado com uma partilha sobre o significado, para cada uma, da experiência vivida.

Olinda e Araújo (2016) consideram que não cabe unicamente ao pesquisador fazer a análise do material produzido para futura categorização e escrita do trabalho final. Pois, o narrador ao apresentar-se trazendo sua trajetória de vida, já se fez intérprete de si mesmo. No trabalho com jovens de periferias urbanas, o potencial desta abordagem, sinaliza para as ricas possibilidades de contribuir para a construção consciente das trajetórias de vida. Neste sentido, reitero o pensamento de Olinda e Araújo (2016, p. 243-244) quando afirmam que

O trabalho biográfico com jovens pode contribuir significativamente para que iniciem um processo de construção consciente de suas trajetórias que possa responder as mudanças pelas quais estão passando e contribuir para a compreensão de suas

experiências e de suas repercussões, tornando possível a continuidade e a coerência do percurso que projetam seguir. O percurso que estamos abordando não é a simples justaposição das trajetórias dos sujeitos, mas um conjunto que envolve uma construção individual a partir das experiências de cada um e dos sentidos que elas vão adquirindo ao serem narradas. É também social, na medida em que cada experiência está entrelaçada com o seu contexto, com os seus condicionantes sociais e com as suas possibilidades de transformação. Nesse sentido apontamos para a possibilidade de desenvolvimento de uma 'performatividade biográfica' construída a partir da enunciação de si. Segundo Delory-Momberger (2012) a fala de si é uma forma de materialização da experiência por meio da palavra que leva à elaboração de uma conciliação entre sua história individual e a história da sociedade, possibilitando uma criação de si, uma *autopoiesis*, uma projeção de sua história, além de uma compreensão das barreiras que precisará ultrapassar e das ferramentas que precisará adquirir para se colocar no caminho.

Tendo a clareza da potencialidade heurística e formativa do processo de biografização que seria vivenciado, propus aos jovens, no planejamento do CRB, atividades que suscitassem neles a compreensão de suas experiências, o reconhecimento do contexto vivido, que passa a se materializar através da narrativa experimentada em grupo. Todos se mostraram receptivos à proposta, demonstrando, em alguns momentos, certa euforia.

Na fase do **trabalho de campo** foram realizados nove encontros, correspondentes ao período de janeiro a junho de 2018. Nos dois primeiros encontros foi dada continuidade às atividades da fase de exploração, anteriormente descrita. No Quadro 1 apresento o passo-a-passo de cada um dos encontros, de acordo com a estrutura proposta por Olinda (2018).

Ao longo dos dez encontros realizados entre a fase exploratória e a realização do CRB fui percebendo o quanto o grupo se envolveu com as atividades e se esforçou para participar de cada uma delas. Ainda que tenhamos enfrentado diversas dificuldades na logística de locomoção deles para encontros realizados mais distante do local em que moram, ou mesmo diante da indisponibilidade da maioria e dificuldade de manter uma agenda razoavelmente sistemática, quando já tinham algum compromisso marcado sempre demonstravam que sentiam muito em perder algum encontro. Essas demonstrações, verbais e não verbais revelou uma latente necessidade de participar de espaços/encontros que propusessem temáticas que lhes interessassem, que instigassem sua criatividade, imaginação e também que de algum modo estimulassem reflexões que não estavam realizando onde estavam/estão frequentando, a exemplo dos encontros que trataram de temáticas relativas à projetos de vida, mas, principalmente os nove encontros realizados no CRB.

Quadro 1 – Síntese das atividades vivenciadas no CRB (continua)

Atividade	Recursos
<p>PRIMEIRO ENCONTRO</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Acolhida – Dinâmica “Quem sou eu?” a partir de uma “releitura” do Panô produzido na fase exploratória, cada participante destacou quais suas características ali apresentadas e se mudaria algo de sua representação. ▶ Presentificação – Dinâmica do elo. Cada participante escreveu em uma tarjeta, o que oferecia/trazia ao CRB e seus participantes. Destacamos a importância do que cada um trazia consigo e construímos uma “corrente” com o elo que cada um trouxe para o grupo. Refletimos sobre a importância de cada elo para a fortaleza da corrente. ▶ Introdução à biografização – Acordo de convivência. Construímos um novo acordo de convivência que foi observado durante o CRB e demais encontros do Projeto. Apresentação dos conceitos básicos do CRB e leitura dinâmica/explicativa do Acordo Biográfico. ▶ Integração Experiencial – Em círculo ao som de uma música de relaxamento, fizemos um exercício de olhar uns para os outros reconhecendo nossas singularidades e pluralidades, concentrado nos sentimentos que nos motivavam a estar em grupo. Avaliamos nosso encontro a partir de um sentimento/expectativa sobre o CRB. Para tanto, usamos a dinâmica grupal intitulada “Pote das emoções”, que consiste em registrar os sentimentos que cada participante traz consigo antes de iniciar as atividades do CRB, e posteriormente, ao término. Sugeri que os jovens fizessem individualmente um momento de silêncio e fizessem essa avaliação a partir das seguintes questões: Entrada: Como cheguei ao encontro de hoje? Saída: Como saio do encontro de hoje? ▶ Lanche coletivo – Momento final de descontração, importante para o fortalecimento da confiança mútua e do coleguismo. 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Caixa de som ▶ Panô ▶ Tarjetas ▶ Papel e Canetas ▶ Texto do acordo biográfico do CRB ▶ Cartolina ▶ Caneta piloto ▶ Fita Gomada ▶ 1 Potes de vidro ▶ Lanche
<p>SEGUNDO ENCONTRO</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Acolhida – Memória do encontro anterior, releitura dos elos da corrente construída no primeiro encontro, leitura do acordo de convivência, esclarecendo dúvidas sobre o significado de cada palavra elencada. ▶ Presentificação – Exercício de visualização/ respiração. Ao som de uma música para meditação fizemos um exercício de visualizar um lugar que nos sentíssemos seguros e acolhidos. Visualizamos um caminho iluminado e com uma paisagem que transmitisse paz e serenidade. Ao chegar nesse lugar que consideramos seguro, encontramos alguém. Essa pessoa é de fato alguém de sua confiança e que você nutre um carinho especial. Imaginamos tudo que ela representa e quais características ela possui para que a consideremos uma pessoa confiável. Pensemos em quais características cada um do grupo possui para que também possa ser considerado confiável para dividirmos sentimentos e pensamentos. Imaginemos que a casa do William é também um local seguro, e que os colegas do Projeto Tear também sejam pessoas em que podemos depositar nossa confiança para partilhar um pouco de nós e de nossas vidas. Aos poucos voltamos nossa consciência e atenção ao nosso presente, na casa do William e nos preparamos para a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. ▶ Biografização – discussão e assinatura do acordo biográfico do CRB e do TCLE (Apêndices A e B). Envio do TCLE para assinatura dos responsáveis da Clara e do Gabriel que são menores de 18 anos. ▶ Integração Experiencial – De mãos dadas representando o elo da corrente que construímos, partilhamos quais sentimentos/dúvidas/ inquietações/ expectativas o CRB apresenta para nós. Mais uma vez, exercitamos a identificação de sentimentos utilizando a técnica do “pote das emoções”, conforme descrito anteriormente. ▶ Lanche coletivo 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Caixa de som ▶ Corrente que construímos no primeiro encontro ▶ Texto do acordo biográfico do CRB ▶ TCLE ▶ Papel e Canetas ▶ Potes das emoções ▶ Lanche

Quadro 1 – Síntese das atividades vivenciadas no CRB (continuação)

Atividade	Recursos
<p>TERCEIRO ENCONTRO</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Acolhida – Acolhida aos presentes. Memória dos encontros anteriores a partir do que os participantes lembram. ▶ Presentificação – Exercício de respiração ao som de uma música relaxante. Conversa sobre a biografização. ▶ Biografização – Cada membro do grupo dispôs de 30 minutos para fazer sua narrativa de vida a partir da seguinte questão: “Como me tornei a pessoa que sou hoje?” ▶ Integração Experiencial – Cada participante expressa o que sentiu ao fazer sua narrativa e ao ouvir a narrativa de seus colegas através de uma palavra. ▶ Lanche coletivo 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Caixa de som ▶ Gravador/gravador de celular ▶ Papel e Canetas ▶ Potes das emoções ▶ Lanche
<p>QUARTO ENCONTRO</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Acolhida – Acolhida aos presentes com a música do grupo Cidade Negra: a estrada. ▶ Presentificação – Memória do encontro anterior a partir da fala dos participantes. ▶ Biografização – Leitura da narrativa de vida transcrita e escuta do áudio de sua narrativa individual. Início da revisão do texto, retirando vícios de linguagem, trechos que avaliam ser repetitivos ou desnecessários, completando informações, esclarecendo trechos que não ficaram suficientemente claros. ▶ Integração Experiencial – A partir da leitura do texto transcrito de cada narrativa, os participantes escolheram uma frase que marcou sua narrativa ao escutar a si mesmo. Quais sentimentos emergiram? Quais reflexões suscitaram? Estas perguntas foram respondidas por escrito e colocadas no pote das emoções. ▶ Lanche coletivo 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Caixa de som ▶ Narrativas transcritas ▶ Áudios das narrativas ▶ Fones de ouvido ▶ Papel, lápis e Canetas ▶ Potes das emoções ▶ Lanche
<p>QUINTO ENCONTRO</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Acolhida – Acolhida aos presentes. Memória dos encontros anteriores a partir do que os participantes lembram. ▶ Presentificação – Leitura e reflexão do texto Eu não sou você, você não é eu de Madalena Freire (Apêndice C) ▶ Biografização – Colaboração narrativa. Cada membro do grupo fará uma nova partilha de sua história de vida que está sendo construída, após a revisão individual já realizada no texto desde o último encontro. Em trios, os jovens fizeram o processo de colaboração narrativa que consistiu em aprimorar o texto, com a ajuda de um “olhar externo”, aspectos que são necessários (esclarecimento e aprofundamento de alguns fatos, por exemplo). ▶ Integração Experiencial – A partir da leitura que foi feita do texto Eu não sou você, você não é eu de Madalena Freire, em círculo, repetimos juntos uma das estrofes do poema que diz: “Eu não sou você/ Você não é eu/ mas sou mais eu, quando consigo lhe ver, porque você me reflete/ No que já sou e no que quero vir a ser. Eu não sou você/ Você não é eu, mas somos um grupo, enquanto somos capazes de diferenciadamente eu ser eu, vivendo com você e você ser você vivendo comigo.” Em seguida repetimos a dinâmica do pote das emoções. ▶ Lanche coletivo 	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Caixa de som ▶ Texto impresso Eu não sou você, você não é eu ▶ Papel e Canetas ▶ Potes das emoções ▶ Lanche

Quadro 1 – Síntese das atividades vivenciadas no CRB (conclusão)

Atividade	Recursos
<p>SEXTO ENCONTRO</p> <p>▶ Acolhida – Acolhida aos presentes. Memória dos encontros anteriores a partir do que os participantes lembram.</p> <p>▶ Presentificação – Dinâmica do nó. Em círculo nos demos as mãos e “reconhecemos” quem está ao nosso lado direito e ao nosso lado esquerdo. Ao som de uma música ambiente andamos pela sala lentamente, olhando para cada um que estava presente e o acolhendo. Ao parar a música, demos novamente a mão direita para quem estava do nosso lado direito e a mão esquerda para quem estava ao nosso lado esquerdo, independente da posição que estavam na sala. Essa ação formou um emaranhado de mãos e braços, uma espécie de nó. Para desatar o nó foi necessário esforço grupal e concentração para buscar juntos a solução para aquele emaranhado. Conduzi a seguinte reflexão: Em nossas vidas caminhamos sempre ao lado de pessoas, mas, como a caminhada exige movimento, podemos sentir dificuldades no caminho e precisamos de ajuda para desatar nós e voltar a caminhar. Algumas vezes o processo é solitário, mas, quando contamos com apoio, superamos muitos desafios.</p> <p>▶ Biografização – Metáfora da árvore. Cada membro do grupo fará a leitura da versão atualizada da sua história de vida, construída após revisão individual, a colaboração narrativa e a minha contribuição enquanto pesquisadora e membro do grupo. Com a ajuda dos colegas, cada um ao fazer a leitura de sua história de vida construirá a representação da árvore de sua vida, elegendo entre momentos, pessoas e sentimentos, os que são fundadores (raízes), fundantes (caule), resultantes (copa da árvore) de sua trajetória, ao final destacando seus planos e sonhos (abóbada celeste).</p> <p>▶ Integração Experiencial – Partilha da experiência da construção da árvore e do texto final de sua história de vida.</p> <p>▶ Almoço coletivo</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Caixa de som ▶ Árvore em plotagem ▶ Papel dupla face colorido ▶ Papel e Canetas ▶ Potes das emoções ▶ Almoço
<p>SÉTIMO ENCONTRO</p> <p>▶ Acolhida – Memória dos encontros anteriores e acolhida dos participantes.</p> <p>▶ Presentificação – A partir de um sorteio de diversas frases com o tema do encontro, iniciamos uma breve sensibilização sobre o fato de o tema estar presente na narrativa (auto)biográfica feita por todos eles, de modo direto ou indireto (através de atitudes e falas nos momentos extra encontro)</p> <p>▶ Biografização – Previamente os jovens foram contatados a realizarem uma reflexão individual sobre sua relação com o sagrado e a partir dela, escolher uma música que represente ou transmita um pouco desse sentimento ao grupo. Todos os participantes foram convidados a compartilhar as músicas escolhidas e realizamos o seguinte exercício: ao longo da música, os participantes atentos à letra, anotaram trechos que foram significativos ou lhes transmitiu alguma mensagem, tocaram o seu interior de alguma forma. Ao final de cada uma delas, o participante que havia escolhido a música partilhava sobre o porquê de ter escolhido a mesma para representar um pouco de sua relação com o sagrado; após a partilha, os demais membros do grupo partilharam os trechos escolhidos e o porquê haviam feito suas escolhas. Houve um momento de uma profunda conexão no grupo, tendo em vista que a partilha proporcionada e o respeito pelo que cada um apresentava foi de rico aprendizado.</p> <p>▶ Integração Experiencial – Cada participante elegeu a frase que mais lhe tocou, dentre as músicas tocadas e presenteou outro participante, desejando que seu colega levasse consigo a mensagem ali apresentada.</p> <p>Encerramos com o pote das emoções.</p> <p>▶ Lanche coletivo</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Caixa de som ▶ Papel e Canetas ▶ Potes das emoções ▶ Lanche

Fonte: Elaborada pela autora.

Via em cada um deles o desejo de “enfrentar” o desafio de falar de si, pois, para eles era uma necessidade vital em face da necessidade de enfrentar o acúmulo de negações de

direitos e experiências de exclusão. Com palavras e gestos relatavam o nervosismo e a apreensão de falar sobre o que nunca haviam falado. De se debruçar sobre as próprias vivências avaliando o que elas fizeram com eles mesmos. Em alguns momentos partilhei com eles o que também senti na minha primeira experiência de participar de um CRB. Falei do quanto ele foi benéfico para mim, mesmo não tendo essa compreensão inicialmente.

Participar pela segunda vez do Círculo Reflexivo Biográfico, dessa vez como mediadora, foi especial, intenso e (trans)formador. Na realização do encontro em que iniciamos as narrativas de vida, meu coração batia acelerado - menos acelerado do que quando realizei minha narrativa pela primeira vez, certamente, mas, era uma palpitação diferente - parecia que ele batia vezes oito, porque todos eles estavam ali diante de mim e a pedido deles fiz minha narrativa. Narrei e me desnudei diante deles, como na primeira vez que estive no CRB. Dupla sorte, pois ali também me senti especialmente acolhida por eles. Entender que se sentir acolhido e seguro para narrar é um fator determinante na biografização foi experienciado ao viver o CRB como participante, esta é uma das orientações que a criadora do dispositivo sempre chama a atenção: Para ser mediador de um CRB é preciso primeiro vivê-lo enquanto participante, narrador primário. O esforço que foi empreendido no decorrer da fase exploratória, para fortalecer o grupo e promover este espaço seguro, afetuoso e acolhedor vem dessa experiência enquanto narradora primária.

3 TECENDO FIOS, CONTANDO HISTÓRIAS

“Não se consegue escrever algo sobre si mesmo que seja mais verdadeiro do que aquilo que se é. Essa é a diferença entre escrever sobre si mesmo e escrever sobre objetos externos. Escreve-se sobre si mesmo da sua própria altura, não apoiada em muletas ou andaimes, mas com os pés descalços”. (Ludwig Wittgenstein)

Neste capítulo, apresento os cinco jovens participantes da pesquisa, aqui nomeados de “tecelões”, apontando as situações de risco e de vulnerabilidade social a que estiveram/estão submetidos, assim como elencando os programas que os assistiram.

Antes de apresentar suas histórias de vida, trago reflexões teóricas sobre a categoria juventude, buscando a compreensão de suas multifaces, com apoio teórico de pesquisadores do campo da sociologia da juventude.

A tessitura das histórias de vida se deu, conforme já enunciado no capítulo 02, no processo coletivo desenvolvido no Círculo Reflexivo Biográfico. Nos oito encontros do grupo pesquisador tivemos momentos de relatos orais e escritos, assim como de expressões artísticas sobre sentimentos e experiências vividas. O texto final, aqui apresentado passou, na fase de trabalho de campo pelo seguinte tratamento: transcrição literal da narrativa oral e posterior textualização com a retirada de repetições e vícios de linguagem, feitos por mim. Na sequência levei o texto para apreciação dos narradores que sugeriram algumas alterações e complementações. Na fase de escrita da tese realizei uma “transcrição”. Para Boni (2013, p. 1) este procedimento foi tomado de empréstimo da literatura e adaptado para o campo da história oral por José Carlos Sebe Bom Meihy. Trata-se de um procedimento fecundo para a “[...] construção de uma narrativa atenta mais aos sentidos do que é falado [...] do que à reprodução de palavras de forma literal” (BONI, 2013, p. 2). O objetivo é proporcionar ao futuro leitor a compreensão da essência da mensagem. Ainda é Boni que chama a atenção para o fato de que transcrição e colaboração são “uma forma de compartilhar conhecimentos” (p.1).

3.1 Os tecelões: apresentação geral

Os nomes dos jovens são fictícios, tendo sido este um compromisso ético firmado no acordo biográfico (Apêndice 01), discutido e assinado por todos os participantes no primeiro encontro do Círculo Reflexivo Biográfico.

As vidas dos jovens tecelões se cruzaram em diferentes momentos, fortalecendo vínculos de amizade e de confiança. A participação de todos no Serviço de Convivência e

Fortalecimento de Vínculos, ofertado pela Política de Assistência Social do município de Maracanaú foi definitiva para a consolidação de um sentimento de pertencimento ao mesmo grupo. Reafirmo aqui que este fator foi basilar para a fluência na tessitura das narrativas de si.

Os vínculos também expressam uma identificação, pois todos estiveram/estão submetidos a situações de risco e de vulnerabilidade social. Importa, neste momento elucidar as diferenças entre estas duas categorias. Começo trazendo Janczura (2012, p. 301) ao afirmar que essas definições “só podem ser entendidas quando associadas a diferentes contextos histórico-culturais e diferentes áreas científicas que as desenvolveram para dar conta de seus objetos.” Portanto, ao me aproximar dos estudos de cunho sociológico e psicológico, optei por assumir as definições de risco e de vulnerabilidade social que reconhecem a sociedade pós-industrial como uma “sociedade de risco”, ou seja, uma sociedade marcada por “[...] riscos sociais, políticos, econômicos e individuais [que] tendem cada vez mais a escapar das instituições para o controle da sociedade industrial” (BECK, 1997, p. 15).

Apesar de comumente serem utilizadas como sinônimos, as noções de risco e de vulnerabilidade social se diferenciam, pois, a primeira refere-se às condições fragilizadas da sociedade (grupo social) contemporânea e a segunda identifica a condição dos indivíduos nessa sociedade. Para Janczura (2012, p. 306)

A noção de risco implica não somente iminência imediata de um perigo, mas também a possibilidade de, num futuro próximo, ocorrer uma perda de qualidade de vida pela ausência de ação preventiva. A ação preventiva está relacionada com o risco, pois não se trata de só minorar o risco imediatamente, mas de criar prevenções para que se reduza significativamente o risco, ou que ele deixe de existir.

No capítulo 05 retomarei estes conceitos ao fazer a análise textual discursiva das histórias de vida aqui expostas em sua totalidade.

O quadro retrocitado mostra a situação geral de cinco jovens com idades variando entre 16 e 22 anos. Eles são parte de uma juventude urbana que vive no município mais violento do Brasil, segundo dados recentemente divulgados. O que é ser jovem? Como compreender teoricamente a categoria sociológica “juventude”? Farei algumas reflexões teóricas para me aproximar das respostas a estas perguntas.

Quadro 2 – Apresentação geral dos sujeitos da pesquisa

Nome	Idade (anos)	Riscos a que esteve submetido(a)	Situação de vulnerabilidade enfrentada	Programas/serviços que participou
1. Clara	16	Insuficiência de renda/ Insegurança Alimentar	Conflitos familiares/ Violência psicológica	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos/Política de Assistência Social
2. Gabriel	16	Insuficiência de renda/ Insegurança Alimentar	Conflitos familiares	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos /Política de Assistência Social
3. Hadassah	22	Insuficiência de renda/ Insegurança Alimentar	Conflitos familiares/ Uso precoce de álcool/ Violência Sexual/ Gravidez na adolescência	Vira Vida/ Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos /Política de Assistência Social
4. Maria Ester	20 anos	Insuficiência de renda	Vínculos familiares fragilizados	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos /Política de Assistência Social
5. Raquel	19	Insuficiência de renda/ Insegurança Alimentar		Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos /Política de Assistência Social
6. William	22 s	Insuficiência de renda/ Insegurança Alimentar	Conflitos familiares relacionados à sua orientação sexual/ Trabalho infantil	Vira Vida/ Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos /Política de Assistência Social

Fonte: Elaborada pela autora

3.2 Uma compreensão teórica sobre Juventude

Do ponto de vista legal, a sociedade brasileira possui normativas que indicam as correspondentes fases da vida, e indicam os sujeitos de direito, tendo como base a faixa etária correspondente. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Lei nº 8.069/1990) (BRASIL, 1990) em seu artigo 2º “considera-se criança, [...] a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”; para o Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852/2013) (BRASIL, 2013) “são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”; já o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741) (BRASIL, 2003) é “destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”. Porém, adotar a definição etária entre as fases da vida, é assumir uma noção reducionista diante da complexidade e diversidade reveladas em cada fase vivida

pelo sujeito.

Para Groppo (2004) essa noção do direito que define/interpreta práticas sociais e do imaginário coletivo, dividindo a transição da infância à maturidade em adolescência e juventude, e delimitando idades para caracterizar as fases da vida de modo homogêneo, ainda que colabore “potencialmente para aumentar o grau de civilidade e bem-estar de indivíduos e coletividades, (...) deixa de lado muito da complexidade e diversidade assumidas pela condição juvenil” (GROPPO, 2004, p. 9).

A discussão sociológica acerca da conceituação de juventude se faz necessária, a fim de suscitar reflexões relativas aos aspectos que historicamente perpassam a construção desta categoria. Reconhecendo que, a ideia preconcebida de que existe uma única teoria acerca da juventude (como processo de desenvolvimento homogêneo) é ultrapassada, concordo com Adorno (2001, p.17) quando destaca que:

É importante também notar que a passagem para a idade adulta não se faz por um processo de crescimento apenas biológico ou corporal, pois quem desenha e determina o contorno e a característica desse processo é a sociedade, os costumes, os conflitos de cada época e de cada local em que o jovem cresça. As teorias que descrevem esse processo sem adotar uma perspectiva histórica podem nos levar a uma rotulação dos comportamentos que buscamos conhecer, prejudicando a nossa compreensão e a contribuição que possamos dar a ele.

Assim, estudos da história social de jovens (ADORNO, 2001; GROppo, 2004) revelam que a juventude, a infância, a idade adulta e a velhice passaram a ser demarcadas desde a Revolução Industrial e o Iluminismo, a partir de meados do século XVIII. Desde este período até o século XX, a visibilidade da juventude tornou-se ainda maior, e a preocupação com a “delinquência” e/ou promiscuidade juvenil das classes trabalhadoras se acentuava. Com a urbanização e industrialização se estendendo pela Europa, e em pouco tempo, para todo mundo, a questão da “juventude” desregrada, viciada, promíscua, indisciplinada, delinquente, formadora de bandos criminosos etc., transformou-se em uma questão social. Porém, os efeitos sociais negativos do capitalismo industrial não ficavam claros para o discurso social e até para as ciências, e a relação entre o avanço do capitalismo industrial e os problemas sociais daí decorrentes e a “questão da juventude”, não eram o alvo da preocupação.

Groppo (2004) afirma que o “problema da juventude” suscitou definições de quando, afinal, começaria e terminaria esta fase da vida, a fim de subsidiar a ação do Estado e das instituições socializadoras. Portanto, delimitar através dos anos de vida, quando começa e termina determinadas fases, tornou-se o melhor critério para julgamento das ações individuais e a atribuição de deveres e direitos, dada sua universalidade e caráter quantitativo. Além de

permitir “às ciências, principalmente no ponto de vista positivista, elucidar as pretensas determinações “naturais”, de caráter bio-psicológico, do desenvolvimento humano.” (GROPPO, 2004, p. 9).

Nesta perspectiva, a juventude é concebida como uma categoria unitária, com interesses comuns e características que se replicam. Para Pais (1990), sob esta ótica unitária, a juventude começa por ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável. “O fato de se falar dos jovens como uma “unidade social”, um grupo dotado de “interesses comuns” e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já em si, uma evidente manipulação.” (PAIS, 1990, p. 140). Para o autor o grande desafio para a sociologia da juventude é explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos de jovens, mas, principalmente, as diferenças sociais existentes. Pais (1990) reflete sobre os “trânsitos” que a sociologia da juventude percorre entre duas tendências acerca da juventude: i) a primeira que assume a juventude como um conjunto social constituído por indivíduos que partilham uma dada “fase da vida”, e que busca estudar os aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizam este conjunto como uma cultura juvenil específica, homogênea, definida a partir de critérios etários; ii) a segunda toma a juventude como um conjunto social necessariamente diversificado, composto por diferentes culturas juvenis, em decorrência de advirem de diversas classes, diferentes situações socioeconômicas, interesses diversos, oportunidades de trabalho diferentes, etc.

Neste último sentido, o autor defende que seria de fato inadequado, presumir que um conceito pudesse integrar sujeitos com características tão díspares. Deste modo, é necessário assumir a pluralidade do conceito e reconhecer que mesmo ao assumir o pluralismo das culturas juvenis, até certo ponto o conjunto de crenças, valores, símbolos e práticas que são compartilhados por um conjunto de jovens, tanto podem ser inerentes à fase de vida a que se associa uma das noções de “juventude”, como podem, também, ser derivados ou assimilados (seja por gerações passadas, seja pelas trajetórias de classe e que estão inseridos).

Permanece o desafio de fugir dos equívocos semânticos e sociológicos ao definir a categoria juventude, e Pais (1990) nos impele a treinar uma nova ótica, que permita ver através dos nomes das coisas, o valor semântico que aparece nas definições (ideias, conceitos, nomes). Assim, propõe que a juventude seja olhada em torno de dois eixos semânticos: como aparente unidade (quando referida à fase da vida) e como diversidade (quando estão em jogo diferentes características sociais que contribuem para distinguir os jovens uns dos outros). Considerando que quando falamos de jovens da zona rural e da zona urbana, jovens trabalhadores e jovens estudantes, jovens operários e jovens da classe média, jovens solteiros e jovens casados, se está

falando de juventudes em sentido diferente do sentido de fase da vida. Para o autor (PAIS, 1990, p. 149):

Tentar uma aproximação científico-analítica ao mundo da “juventude” exige, nesta ordem de ideias, um radical ascetismo de vigilância epistemológica que nos obriga a partir do pressuposto metodológico de que, em certo sentido, a juventude não é, com efeito, socialmente homogênea. Na verdade, a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações. Dar importância a este pressuposto metodológico parece tanto mais conveniente quanto é certo que, como se tem vindo a insistir, a noção de juventude é uma das que mais se têm prestado a generalizações arbitrárias. Com efeito, mesmo quando referida a uma fase de vida, o conceito de juventude é um dos que mais têm resistido a uma certa estabilidade operativa: por um lado, porque os contornos da fase de vida a que a juventude se reporta têm sistematicamente flutuado, como vimos, ao longo do tempo; por outro lado, porque a imagem da juventude associada a um processo de transição entre conhecidos e seguros estádios está cada vez mais a tornar-se obsoleta.

Ou seja, a juventude considerada apenas como fase da vida, reduzida à um intervalo de idades (anos de vida) é um conceito bem delimitado, mas, que desconsidera a complexidade que está “embutida” na palavra e na busca por sua compreensão. Porém, ao se considerar a juventude como um processo, isto é, ao considerar a juventude como uma sequência de “trajetórias biográficas” (Pais, 1990) entre a infância e a idade adulta deve se balizar duas ordens de acontecimentos distintos, mas, articulados entre si: os diferentes percursos que constituem uma trajetória individual (destacando as regularidades que refletem a história de determinadas estruturas sociais) e os acontecimentos históricos que compõem a evolução das estruturas sociais. O que leva mais uma vez, a considerar que não se pode negar a diversidade da juventude, se forem analisados os percursos realizados nesta transição.

Com efeito, quando a juventude é considerada na sua diversidade, as vertentes de acesso à vida adulta mostram-se bastante flutuantes, flexíveis e elas próprias diversificadas. [...] Sendo assim, como poder falar da juventude como um fenómeno sociologicamente homogêneo? O interessante será justamente dar conta das possíveis diferentes descontinuidades e rupturas que marcam a transição dos jovens —ou, melhor, de determinados grupos sociais de jovens — para a vida adulta. Para dessas possíveis descontinuidades e rupturas dar conta torna-se, no entanto, necessário olhar a juventude não apenas como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase de vida, mas também como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens; isto é, torna-se necessário passar do campo semântico da juventude que a toma como unidade para o campo semântico que a toma como diversidade. (PAIS, 1990, p. 149-150)

Nesta direção, a proposta de realizar uma escuta sensível das histórias de vida, construídas a partir das vivências dos jovens que fazem o Projeto Tear, se une a de reconhecer a especificidade desta juventude apresentada através desta pesquisa. Uma juventude que vive em um contexto de risco e vulnerabilidade social, e que aceita o convite para vivenciar um

processo de reflexão biográfica, de forma coletiva, dialogada e implicada, que deverá ser um espaço propício para a ressignificação das experiências, uma compreensão de si e do outro, num exercício dialógico e integrador entre os tempos de vida individuais e coletivos, em uma busca que também é individual e coletiva pelo *ser mais*, de todos e de cada um.

A procura a que me refiro, é a mesma proposta por Freire (2005) como urgência ontológica do homem, diante do mundo em que vive hoje. É reconhecer a si mesmo como problema a ser desvelado, e a cada nova incursão dentro de si mesmo, maior se mostra a inquietação por saber mais. Já que “ao se instalarem na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas” (FREIRE, 2005, p. 31).

Portanto, as histórias de vida construídas, tiveram como pano de fundo a busca pela descoberta de sua vocação ontológica, sua realização enquanto ser no mundo, que deseja ter sua singularidade e sua pluralidade reconhecidas. Os entrecruzamentos temporais propostos como experiência basilar desta pesquisa, sinalizam os caminhos possíveis a se percorrer nesta busca por reencontrar sua humanização, sua vocação ontológica do *ser mais*, que busca viver a plenitude de sua condição humana. Neste processo de tear seus tempos e modos de viver, propôs-se partir desta dolorosa constatação de sua desumanização, dentro da história, num contexto social real, concreto, objetivo, porém, em um permanente movimento de busca pela vocação negada, ansiando superar a opressão, alcançar a justiça e a realização de sonhos, planos e aspirações individuais e comuns a coletividade. Romper com a desumanização imposta e tear uma nova perspectiva de vida, pautada no (re)conhecimento de si e do outro.

A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do *ser mais*. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o *ser menos*. (FREIRE, 2005, p. 32)

Nesta direção, a biografização proposta de modo grupal, coaduna com o que Passegi (2011) defende ao afirmar que o processo de reflexão biográfica em grupos, “situa o coletivo no centro de uma prática individual e o indivíduo no seio de uma prática coletiva, em que se alternam a escrita de si (autobiografia) e a compreensão de si pela história do outro (heterobiografia).” (PASSEGI, 2011, p. 153). Compreender-se no mundo, a partir da escrita de

si e compreendendo a história do outro é também buscar a significação de sua condição e a efetivação pela vocação do *ser mais*.

Para a autora, a formação, quando adotada sob a ótica reflexiva sobre a experiência de vida, não deve ser entendida como uma “(trans)formação sem crises”, adotando ao contrário, na perspectiva dialética, uma dimensão histórica, que rompe com o princípio de aperfeiçoamento linear, preconizado pelo iluminismo, onde a progressividade e a concepção “a-histórica” do desenvolvimento humano são vigentes (PASSEGI, 2011). Para a autora:

Do ponto de vista psicológico da construção da subjetividade, as escritas autobiográficas mostram justamente à pessoa que narra essa descontinuidade, as rupturas, a imprevisibilidade, o fortuito e o papel das contingências como aspectos determinantes da experiência humana. (PASSEGI, 2011, p. 154)

A experiência humana, tão complexa e imprevisível, resulta em aprendizados e em memórias produzidas e guardadas em um emaranhado de fios. Construir sua narrativa autobiográfica é buscar uma ordenação dos fios emaranhados, a fim de tecer uma trama que toma forma, acabamentos, texturas e cores. O impulso para a ação de tear é o sentimento que considera o fio que virá, melhor do que o que já foi. Um vir a ser, com mais possibilidades de mudanças, novas experiências e crescimento. Mas, tear, também requer recuar, pausar, tecer cuidadosamente, pois os fios podem não estar prontos para atravessar a cala⁴. Ernst Bloch (2005) fala do princípio que rege esta ação de acreditar em algo melhor, que entrelaça os tempos presente, passado e futuro, e impulsiona a continuar a tecer.

Não se descobriu que, em todo presente, mesmo no que é lembrado, há um impulso e uma interrupção, uma incubação e uma antecipação do que ainda não veio a ser. E esse interrompido-irrompido não ocorre no porão da consciência, mas sim na sua linha de frente. Aqui trata-se, portanto, dos processos psíquicos do emergir, processos característicos sobretudo da juventude, dos períodos de mudança, da aventura da produtividade, de todos os fenômenos, pois, em que está contido e quer articular-se o que-ainda-não-veio-a-ser. É dessa maneira que o antecipatório age no campo da esperança. Portanto, esta *não é concebida apenas como afeto*, em oposição ao medo (pois também o medo consegue antecipar), mas mais *essencialmente como ato de direção cognitiva* (e, neste caso, o oposto não é o medo, mas a lembrança). A concepção e as ideias da intenção futura assim caracterizada são utópicas, mas não no sentido estrito desta palavra, definido apenas pelo que é ruim (fantasia emotivamente irrefletida, elucubração abstrata e gratuita) mas justamente no novo sentido sustentado do sonho para frente, da antecipação. Assim, portanto, a categoria do utópico possui, além do sentido habitual, justificadamente depreciativo, também um outro que de modo algum é necessariamente abstrato ou alheio ao mundo, mas sim inteiramente voltada para o mundo: o sentido de ultrapassar o curso natural dos acontecimentos (BLOCH, 2005, p. 22).

O curso “natural” dos acontecimentos da vida de muitos jovens das periferias

⁴ Abertura entre os fios Ímpares e pares da urdidura, por onde passa a trama do tecido.

urbanas, tem sido permeado por diversas situações de não garantia/acesso a direitos básicos, situações de vulnerabilidade, como a insuficiência de renda, desemprego, insegurança alimentar e de sérios riscos, como a violência letal e o uso abusivo de drogas. A realidade de banalização da violência e da fragilidade de vínculos, expõe muitos jovens a sentimentos como a desesperança em uma mudança possível. Porém, pelo que tenho constatado, este sentimento não é generalizado nas comunidades periféricas. Os jovens que fazem o Projeto Tear, têm demonstrado que a esperança é um princípio que faz parte de seu cotidiano e tem sido combustível para tecer uma nova configuração da trama da vida.

A esperança necessita de suporte social para se manter. Assim, cabe indagar sobre o que tem sido feito no município de Maracanaú para dar apoio aos jovens na consecução de seus objetivos e sonhos. Veremos, no próximo capítulo, algumas características do município onde os jovens participantes do processo de biografização vivenciado para a tessitura dos fios que compõem esta tese, vivem.

Na abertura de cada história de vida apresento uma imagem de auto-representação que foi produzida por cada participante na fase exploratória da pesquisa com o objetivo de construir a identidade grupal, a partir das representações individuais.

3.3 Quando o nó da garganta desata: Clara

Para começar a falar da minha infância, eu não lembro muita coisa, só lembro a partir dos três anos, lógico, mas pelo que a minha mãe me diz, eu também não sei a origem (Figura 5).

Figura 5 – Representação pessoal de Clara



Fonte: Elaborada pela autora.

Durante a gravidez dela, ela teve que trabalhar muito, porque ela morava de aluguel e o meu pai trabalhava em uma banca de frutas e ganhava quase nada. Minha mãe, muitas vezes tinha que andar de bicicleta, lá da colônia, lá do mutirão, para minha avó, para poder eu ter comida, eu ser alimentada e além disso, minha mãe também já sofria por conta do meu pai.

Então a minha infância toda foi vendo aquele sofrimento, vendo a amargura da minha mãe, presa ao marido, não podia falar, não podia se expressar, muitas vezes ele batia nela, na minha presença. No dia seguinte, minha mãe tinha que vestir uma roupa longa para ninguém ver as marcas.

Teve um tempo que ele começou a trabalhar em Fortaleza, que ele vinha, mas não tinha o dia certo para vir. Então era um dia sim, dois não; dois dias passava em casa, no outro dia trabalhava. Sempre quando ele vinha, ele já voltava bêbado, então eu tinha que dormir na minha avó, tanto porque minha mãe não queria que eu sofresse mais trauma, tanto por conta que ele não gostava de mim, eu não sei o porquê.

Ele estranhava, dizia que eu não era filha dele, e eu muitas vezes tinha medo pela forma que ele me tratava. Me perguntava: Por que ele me tratava assim de uma forma que para as outras pessoas podiam ser normal, mas para mim, não era? Por quê? Além dele me maltratar, outra hora ele queria me abraçar. Mas, um abraço que não era de amor de pai para filha.

Então eu sempre fui afastada, eu cresci sendo revoltada, eu cresci sendo a pessoa que sou hoje. Então, além de ver a minha mãe sofrendo, ainda via parte dos meus irmãos sofrendo, que eu tinha que deixar meus irmãos sozinhos com ela e com ele para poder dormir na minha avó por essas questões.

Teve uma vez quando eu estava no fundamental, no 6º ano, no meio do ano, ele chegou e foi logo espancando a minha mãe. Na mesma hora estava passando uma viatura do Ronda (polícia militar) e prendeu ele em flagrante. Ele passou uns dezesseis dias na cadeia. Durante esses dezesseis dias atrapalhou muito a minha vida na escola, porque já era o tempo de prova, as provas bimestrais, então eu perdi tudo. Porque eu tinha que ficar com meus irmãos de manhã, para minha mãe poder ir para a delegacia com a minha tia resolver as coisas.

Até que chegou um dia que a diretora queria conversar com a minha mãe porque eu ia repetir de ano e a minha mãe explicou toda a situação. Então tive que fazer duas provas, sendo escritas.

Falando um pouco de antes que eu também passava muito, eu era muito apegada com o meu avô. Apesar dele morar longe, morar no interior, fui a primeira neta dele, então eu tive uma ligação muito forte, até que passou um tempo, em que ele passou um ano ou mais morando lá em casa, no dia que ele quis voltar para a casa dele, já era no mês do meu

aniversário, foi em 2009, 2008.

Quando ele voltou para casa estava até bem, mas os meus tios não tinham cuidado com ele, como minha mãe tinha. Muitas vezes meu avô passava o dia com fome, não comia, não bebia, era tratado tipo como um cachorro. Quando foi no dia 23, dia 24 a minha mãe se reuniu com os meus tios que moravam aqui para poder ir visitar ele. Só que a minha mãe já estava planejando uma festinha entre a gente lá de casa. Minha mãe pegou e já tinha deixado tudo comprado, e tinha deixado com a minha prima.

No dia do meu aniversário, a minha mãe ainda estava lá. Eu peguei e fiquei comemorando, eu e a minha prima, meu primo que é o Jefferson e mais umas meninas da rua. Antes de cantar os parabéns a minha prima pegou e atendeu o telefone, dando a notícia de que o meu avô tinha falecido. Então aquilo ali para mim foi mais outro trauma que eu passei, que até hoje eu não consigo superar.

Eu não consigo, eu brinco, brinco, mas só Deus sabe como é meu coração. Porque, sempre quando chega a data, é mais um ano de que uma pessoa especial na minha vida morreu. Eu era tão apegada a ele, que eu só faltava chamá-lo de pai, porque eu não tinha um. Eu cresci e até hoje nunca tive um pai, nunca tive amor, não tive carinho, não tive atenção, porque tudo que eu passe, durante o tempo que ele morava lá em casa, eu não tinha liberdade de me expressar, eu não podia. Mesmo que saísse eu me sentia livre por um momento. Eu era tipo um passarinho preso em uma gaiola, vendo todo o sofrimento e sofrendo junto, porque não era apenas a minha mãe que sofria, até porque a rixa dele também era comigo.

Então passou um tempo, em agosto de 2017 foi o pior momento que eu já passei na minha vida, apesar de todos, porque ele chegou, para todo mundo, ele era um crente, que todo mundo queria ser igual a ele, que ele era muito santo, que ele era isso e aquilo, mas só Deus sabia como passávamos dentro de casa. Ele chegou falando cada coisa, esculhambando a minha mãe, falando todo tipo de nome, batendo na minha mãe, queria me bater também. A minha tia chegou bem na hora e expulsou ele de casa, disse que se ele não saísse ia chamar a polícia de novo. Então ele saiu.

Depois desse dia, a gente vem seguindo nossa vida com luta, porque era ruim com ele, mas também está sendo pior em questão da parte financeira, porque, enquanto, ele saiu, já tivemos a energia cortada, já passamos um mês, dois sem energia. Agora recentemente ficamos sem água, porque recebemos a pensão, mas não dá para pagar quase nada. Não dá para a mãe me manter no curso, não dá para minha mãe pagar água e luz, e manter a gente dentro de casa. Então toda vida que eu vejo ele, mesmo que eu possa falar de perdão, eu possa aconselhar uma pessoa, mas eu aconselho uma coisa que eu não vivo, porquê?

Para mim eu nunca tive um pai e eu nunca vou ter. Eu não considero ele como meu pai, não é à toa que quando as pessoas falam: o pai da Clara, eu corrijo, eu chamo ele pelo nome dele, eu passo por ele e finjo que ele é um desconhecido. Ele liga para minha mãe, e pergunta sobre mim, mas eu não gosto que a minha mãe fale da minha vida para ele. Então, é um sentimento que está no meu coração, que eu quero tirar, mas permanece ali. É uma coisa muito difícil de explicar.

Tipo, eu me sinto muito vezes culpada por tudo. Às vezes, eu penso que se eu fosse uma pessoa diferente, não teria acontecido tudo que aconteceu, se eu fosse diferente da minha mãe, tivesse denunciado ele, na primeira vez que eu vi ele batendo na minha mãe, minha mãe não teria passado por cada coisa.

Então as pessoas me criticam muito, mas sem saber da história realmente. As pessoas me criticam, por não chamarem ele de pai, por não considerar ele como pai, por eu ter me tornado diferente desde quando ele saiu de casa, porque eu chamava ele de pai, mas era forçado, obrigado, não era porque eu queria, era tipo obrigação.

Minha mãe há um tempo arranhou um namorado e eu não aceitava porque eu já vi todo o sofrimento e eu não queria que minha mãe sofresse de novo. Por quê? Eu julgava a pessoa por um erro de outro. Não é à toa que a minha mãe veio até a mim e me pediu, só que eu disse que por enquanto, eu não queria, eu não quero que a minha mãe se junte com outra pessoa. Eu tenho ciúmes e cuidado. Porque eu não quero passar por tudo que já passamos. Eu não quero ter o mesmo trauma. Eu não quero que os meus irmãos cresçam com a mágoa que eu tenho. Porque só eu sei o quanto dói.

Muitas vezes eu choro de lembrar, depois eu ainda ouço gente me criticando na rua, dizendo coisas que não sabem, aquilo me fere tanto, por quê? Porque eu não desejo ninguém, não desejo que ninguém passe por tudo que eu passei. Por mais que seja difícil, eu não quero que meus irmãos sintam nem um terço do que eu senti. Até porque além deles não saberem de nada do que acontecia, eles ainda tem um carinho por ele. Eu sempre digo para o meu irmão mais velho não dá toda a confiança e não se iludir demais.

Porque é muito difícil tirar um sentimento que você tem, mas que não quer que permaneça. Então desde saída dele eu tento perdoar, eu tento falar com Deus para tirar aquilo de mim, mas cada vez que falo com Deus, é como se Ele fosse tirando aos poucos. Porque, antes eu não queria nem ouvir falar do nome dele, e hoje eu só não quero falar com ele.

Posso até perdoar, mas falar, ter a convivência como antes, eu não quero. Porque eu tenho medo de me decepcionar de novo, de criar expectativa em uma pessoa que só está enganando. Por isso que hoje, mesmo todo mundo fala que sou fechada, que eu sou difícil de

criar amizade, que sou séria, que sou isso ou aquilo, mas é porque eu já depusitei muita confiança em uma pessoa e ela não correspondeu.

Então é isso, eu não consigo estabelecer amizade, quando eu estabeleço é difícil, até porque eu não consigo ter uma convivência, eu não consigo confiar em outra pessoa, mas com o tempo acho que isso vai mudando, eu vou amadurecendo e percebendo que isso é errado. Que não devemos julgar uma pessoa, pelo erro da outra.

Apesar de ele ter feito tanto mal, ele pelo menos fez algo de útil na minha vida, que foi fazer com que eu tenha vontade de ir para a igreja, porque eu sempre fui do tipo de não gostar de nenhuma. Tanto católica, como evangélica, eu nunca gostei de um padre, nunca gostei de um pastor. Mesmo que ele tenha praticamente me obrigado a ir para a igreja no começo, depois eu comecei a ir por mim mesma, eu percebi que a nossa vida é em torno do que Deus tem para gente, do plano de Deus para gente.

Vejo que se eu tive que passar por tudo isso é porque tem algo planejado mais à frente, que eu vou poder desfrutar com alegria. Então, eu sou até grata a isso e me tornando quem eu sou hoje, apesar dos pesares, eu não quero deixar de ir para igreja, não importa qual. Não quero deixar porque se é difícil para uma pessoa que está na igreja, imagine uma que não está, uma que não tenta conseguir seguir os caminhos que o Senhor tem para gente.

Eu não me importava com nada, não conseguia sonhar, nem ter planos para o futuro. Mas depois de ter ingressado na igreja, eu comecei a pensar, comecei a refletir sobre a minha vida, eu já sei o que eu quero, o que não quero, o que eu vou fazer e o que não vou. Já sei o que é certo e errado e muitas vezes, apesar de não ter comunicação familiar, como era para eu ter, a igreja me ensinou o certo e o errado. Sobre o que eu posso fazer e o que eu não posso. Se eu fizer aquilo pode magoar uma pessoa, se eu fizer aquilo pode magoar minha mãe.

Depois disso, até antes de entrar na igreja, outra coisa que eu não fazia, era valorizar a mãe que tenho. Porque, apesar de tudo, eu sei que ela sempre quer o melhor para mim e que já fez de tudo para eu poder ter uma vida que ela não teve. Ela me apoia, sempre está ali para me ajudar, mesmo com condições ou sem condições. Tudo que aconteceu foi uma forma de me ajudar a me aproximar mais dela, não é à toa que para onde ela vai, eu quero ir. Coisas que eu dizia como “podia morrer na minha frente, mas eu não estava nem aí, que eu não tinha um carinho, um sentimento por ela”, então é isso.

No entanto, os traumas que eu passei não conseguiram me impedir para eu poder mudar, até porque a igreja me ajudou muito. As pessoas me ajudaram muito, e eu reconheço. Reconheço que na minha vida Deus enviou anjos para me ajudarem a passar por tudo que passei, não sozinha, mas para eu compartilhar a minha dor e ajudar outras pessoas que passam pela

mesma situação que eu.

3.4 A potência narrativa desconhecida: Gabriel

Quando eu ainda era um bebê eu tive pneumonia, muito grave quase morri. Mas, minha mãe, fez um voto com Deus, dizendo que se Deus me curasse ela ia voltar para a igreja. Porque nesse tempo ela estava desviada. Pouco tempo depois o médico me deu alta, dizendo que eu estava curado (Figura 6).

Figura 6 – Representação pessoal de Gabriel



Fonte: Elaborada pela autora.

Lembro que quando era criança nós morávamos em uma casa grande com quintal bem grande. Eu lembro que nessa época meu pai maltratava a minha mãe, não era com agressão física, era maltrato verbal. Ela vivia só de blusa e short, uma blusa velha frouxa, e ele tinha muito ciúme dela e ela sabia que toda noite ele traía ela. Eu acho que ela não se separou dele por causa de nós mesmo. Nós, nessa época, éramos muito pobres e não tínhamos condição de nos sustentar. Por isso eu acho que ela não se separou dele, porque era ele que botava comida na mesa.

Lembro de uma vez que ele chegou do trabalho, e era tempo de Copa do mundo, o povo tem mania de fazer aquelas tiras, aquelas tiras tipo São João, e quando ele chegou e passou no caminhão arrastou tudo, até um poste. Uma vez ele chegou do trabalho e viu que as três meninas, a Raquel, a Rebeca e a Hadassah, brincaram de me maquiar e brincaram de boneca comigo e ele brigou com elas.

Às vezes, aos sábados, eu jogava bola com ele, no campo que tinha lá perto de casa. Ele até mentia para mim dizendo que passava na televisão e eu ingênuo acreditava. Eu acho que foi por isso que eu comecei a gostar de jogar bola. Outra vez eu estava brincando na rua com um estilingue que ele tinha comprado e ele chegou lá na calçada e começou a matar os calangos que estavam nas paredes. Às vezes eu ia para casa dele, com a mulher chata dele. Ela tem um filho que era muito mimado e como é filho de mãe, que o pai está entrando na vida da mulher, aí ele era muito mimado e meu pai dava tudo que não deu para mim para ele. Eu ganhei o meu Nintendo do meu amigo. E quando eu fui no final de semana na casa dele, ele já tinha um Playstation com televisão no quarto...e eu com aquela televisão de tubo, bem pequenininha, brincando de Nintendo. Eu agradeço ao meu amigo que foi um amigo de verdade para mim.

A família do meu pai vivia na nossa casa, que era uma rua do lado. Uma vez, a minha tia paterna chegou lá e meus pais tinham discutido, então a minha tia chegou lá fingindo que estava lavando a louça para fofocar da vida da minha mãe, porque ela não gostava da minha mãe, nenhuma pessoa da família dele gostava da minha mãe. Aí eles se separaram por causa da família mesmo...porque ele tinha muito ciúme dela e a minha tia materna não podia nem entrar lá dentro e nem minha vó materna porque senão ele crucificava elas. Aí nós fomos para casa da minha tia materna e da minha avó. A gente ficou morando lá acho que uns seis a oito anos. Nesse período a gente era muito pobre. A minha mãe dormia às vezes no chão. Eu e as minhas irmãs dormíamos de rede.

Nesse tempo eu desconfio que a minha irmã Hadassah, usava drogas, fumava, porque uma vez ela chegou em casa com os olhos vermelhos e pura cerveja. Um dia eu estava doente em casa, a minha tia Graça tinha ido para igreja com todo mundo e chegou um irmão para orar por mim e perguntou: “Como é o nome dele?” responderam: “É Gabriel.” Ele respondeu: “Pois chamem sempre ele pelo nome, porque chamar ele de outras coisas (abestado, idiota, doido) pois isso é um espírito de loucura que fica rodando ele.” O pastor falou que era uma atitude de amaldiçoar. Minha irmã estava encostada na parede e o irmão perguntou: “Quem é ela? É a mãe dele?!” Aí minha tia Graça falou: “Não! É a irmã dele”. Do jeito que ela estava parecia mesmo que ela era minha mãe, porque ela estava com aparência de sofrimento, dor no coração.

Minha tia tinha uma pequena mercearia, e ela deixava o pote com as moedas do que ela vendia. Minha irmã enchia a mão de moeda e ia para Lan House com uma amiga dela. Ela vivia nas esquinas, fumando droga com os amigos drogados que ela tinha, vivia em "dance" também... e foi nessa época que minha mãe conheceu meu padrasto.

Minha mãe e meu padrasto se conheceram num pic-nic. A Hadassah o conhecia

porque ele ajudava a mãe dele na padaria, a mãe dele era a dona da padaria, então a Hadassah falou: "Mãe a senhora vai sair com o meu amigo?" Minha mãe falou que ele nem pediu o telefone dela porque ele só queria curtir mesmo, só queria ficar. Mas, acabou pegando o número da minha tia, pois minha mãe não tinha celular na época, por causa do meu pai e porque ela não tinha condições de comprar.

Depois que eles começaram a se relacionar sério ele foi lá na nossa casa para nos conhecer. Eu e a Rebeca estávamos sentados junto da minha vó, ela estava sentada do outro lado. Lembro até do vestido que a Rebeca estava vestida. Eles estavam lá fora e ele me chamou e falou assim: "Tu quer saber como é que faz um cisne que voa?" Ele fez um molde e eu nem percebi que era um avião. Nesse dia eu comecei a gostar dele e depois de um mês ele se mudou lá para casa. Eles dois dormiam no chão, no chão mesmo, porque na casa moravam 8 pessoas.

Nesse tempo eu não tinha amigo. Eu brincava de boneca com as minhas irmãs, eu fazia até roupinha de boneca. Eu passava mais tempo com a minha avó. Ela costurava aqueles "fuxico" e a gente começou até fazer para vender. Eu não tinha amigo, eu brincava com as meninas de Barbie. Brincava de raia sozinho, nunca brinquei com ninguém.

Depois de um tempo a gente mudou de casa. Só fomos nós cinco: eu, a Rebeca, a Hadassah, o Hélio e a mãe. Nos mudamos e a minha avó ficou lá com a Raquel e a minha tia, as três pessoas na mesma casa. Nesse tempo a Hadassah já estava com 15 anos engravidou pela primeira vez. Ela contou para família no dia de ano novo. Contou que tinha conhecido um menino e que estava grávida. Ela discutia muito com meu padrasto, o Hélio. Depois que a minha sobrinha mais velha nasceu ela foi embora, por que ele brigava muito com ela por causa da gravidez dela. Ela foi morar com o pai da minha sobrinha e mora com ele até hoje.

Há dois anos atrás minha avó morreu, eu tinha uns 12 anos. Eu acho que ela não gostava de mim e nem da Hadassah. Ela só gostava da Raquel... qualquer coisinha que eu fazia ela brigava comigo. No enterro dela só fomos eu, a Raquel, a Rebeca e a Hadassah por que a minha tia que era muito chegada a ela, ela não aguentava ver ela. Minha tia não foi nem pro enterro da igreja, por que ela não conseguia ver minha avó.

Depois de um tempo minha tia conseguiu se aposentar por causa do problema de saúde que ela tem e ela estava conseguindo viver junto com a minha prima. Meu padrasto teve que mudar de emprego porque ele trabalhava pegando muito peso, uns caixotes de refrigerante muito pesados e em grande quantidade o dia todo. Para não ter um problema mais grave nas costas ele passou a trabalhar com entrega de mercadorias. Nessa época eu acho que meu pai ainda não dava pensão em dinheiro. Ele fazia umas compras com R\$200,00 para gente se sustentar. Minha tia se mudou para nossa casa e voltamos a morar todos juntos. Como meu pai

não fazia as compras direito, ele começou a dar o dinheiro. Foi quando eu comprei uma bola de leite para mim, que eu ainda lembro dos desenhos, que era da Hotwels azul e eu comecei a brincar com a bola numa areazinha que tinha lá em casa. Eu ficava brincando de bola lá, chutando na parede por que não tinha pai. Então comecei a brincar com uns amigos da escola, por que nessa época eu fui estudar no Rui Barbosa, que é uma escola perto da minha casa, por que a outra escola que estava estudando ela só ensinava até o 5º ano.

Fui estudar no Rui Barbosa e conheci os amigos que eu tenho agora. Eu acho que devido eu não conhecer ninguém e ninguém falar comigo o ano todo, eu repeti de ano por causa disso no 8º ano. Eu não estudava, não fazia nada e repeti de ano. No ano seguinte fui treinar num time que um irmão da igreja perto da minha casa tinha formado. Era um projeto social, para tirar as crianças da rua. Eu entrei por que era de graça, e comecei a jogar bola no campo. Eu comprei uma chuteira para mim que custava R\$ 35,00, eu ganhei R\$50,00 e comprei essa chuteira por que minha mãe não tinha condição de comprar uma chuteira pra mim, pois o dinheiro que ela tinha era para sustentar a família. Eu entrei no time e comecei a jogar lá, até que o irmão viajou, ele foi morar em Quixadá, e outra pessoa assumiu o time. Quem assumiu não fazia nada com o time, não jogava pra ganhar, não fazia nada, então achei melhor sair. Nessa época, todos os meus amigos já tinham saído do time, só eu tinha ficado. Saí desse time e fui pra outro, dessa vez um time de quadra que também não tinha mensalidade, é um projeto social. Atualmente estou jogando quadra, por que no time anterior, eu jogava campo. Comprei minha chuteira de quadra, que foi muito barato também. É a minha primeira chuteira de marca boa/ cara. Fui com minha irmã comprar. Passei uns quatro meses juntando dinheiro para comprar a chuteira, comprei foi quase à vista. Era uma chuteira da Nike, que eu gostava muito! Foi a primeira da Nike que eu tive. E eu estou jogando até hoje.

Nesse tempo eu tinha me “desviado” um ano, por que a minha mãe não ia pra igreja, quando ia não ouvia a palavra, não fazia nada. Aí depois disso, um ano desviado, a minha mãe voltou para a igreja e está se “congregando”. Ela me levava só pra ir mesmo. Por que eu não ia para fazer nada. Não ia para agradecer a Deus, eu ia pra agradecer a minha mãe mesmo. Aí eu comecei a ir, e estou indo até agora. E a gente está vivendo até hoje por causa de Deus. Eu estou vivendo até hoje por causa de Deus, por que eu já tive pneumonia, eu era gordo quando eu era bebezinho, eu era bem fofinho, depois que eu tive pneumonia emagreci e até hoje não engordei. Eu como seis pães, se me der R\$2,00 de pão para eu comer, eu como todinho.

Na escola eu tirava sempre notas entre 7 e 8, até o 7º ano. Eu fiz curso de espanhol, fiquei só um semestre por que eu desisti mesmo, por que eu não quis estudar. Até fiz outra prova e passei nas duas provas. Em uma eu passei em segundo lugar e na outra eu não vi, só sei que

passei. Passei dois semestres estudando espanhol, mas, desisti e nunca mais fiz. Este ano vou para o 1º ano do Ensino Médio e vou estudar no Liceu de Maracanaú.

3.5 A voz que grita pedindo proteção: Hadassah

Bem, falando um pouco do que a minha mãe me conta, no dia que eu nasci ela não tinha escolhido meu nome específico, ela tinha pensado em alguns e, no caso, ela estava pensando em Carla Soraya, esse nome é bem estranho (Figura 7).

Figura 7 – Representação pessoal de Hadassah



Fonte: Elaborada pela autora.

Mas, depois do parto, que quem fez foram dois irmãos médicos gêmeos, eu não sei como foi que aconteceu, mas eles falaram que eu parecia com Hadassah. Então minha mãe colocou meu nome de Hadassah.

Eu não lembro, ela não conta de coisas quando eu era bebê, só lembro que minha tia comprava muitas coisas para mim, porque ela trabalhava e eu fui a primeira neta, a primeira sobrinha, a primeira filha, tudo primeiro para mim e então eu era “a filhinha da mamãe”. A minha avó trabalhava e só me via de 15 em 15 dias. Quando ela vinha, ela trazia muitos mimos e eu era muito mimada.

Quando eu completei cinco anos, eu ganhei uma bicicleta da minha avó, era tão linda. Porque eu fiquei fazendo birra dentro da loja e ela no outro dia foi lá e comprou. Fiquei com essa bicicleta até uns dez anos ou mais. Minha mãe ainda era casada com meu pai, morávamos em uma casa e eles colocaram um ponto de venda de verduras e frutas, porque meu

pai naquela época já trabalhava na CEASA, e então ficava mais fácil ele comprar para revender. Minha mãe ficava em casa para vender as mercadorias e ficar com os filhos e ele ia trabalhar na CEASA. Somos três irmãos: eu, Gabriel e Rebeca.

Teve um episódio muito engraçado! Nós estávamos sentados na calçada e, de repente, aparece uma vaca correndo e nós também saímos correndo para dentro de casa com medo da vaca! Ela entrou no ponto e ficou comendo as frutas que estavam lá dentro da banca! Tivemos um prejuízo grande naquele dia. Depois apareceu o dono da vaca e levou ela embora.

Lembro também que minha mãe trabalhava muito para dar mais oportunidade para nós, ela se virava, vendia cachorro-quente, vendia outras coisas, também. Eu não lembro o porquê da separação dos meus pais, pois quando aconteceu eu tinha entre nove e dez anos, mais ou menos. Eles se separaram, e minha mãe nunca contou o motivo específico, mas ela conta para gente que ela sofreu muito.

Ele foi morar longe, lá no Aracapé. Antes dele se separar da minha mãe, ele já tinha uma mulher e está com ela até hoje, graças a Deus. Nunca teve filhos com ela. De vez em quando ele vem em Maracanaú e a irmã dele mora perto da casa da minha mãe e então quando ele vai lá para vê-la, ele vê a gente, também.

A separação dos meus pais foi muito difícil para mim. Eles brigavam muito e nós tínhamos mentalidade de criança. Como passávamos mais tempo com a nossa mãe, ela nos contava as coisas horríveis que ele fazia, e para uma criança, quando sua mãe lhe diz uma coisa, o certo é aquela coisa. Então para mim o meu pai era um “monstro”, porque era o que ela relatava. Então eu não queria vê-lo, não queria falar com ele, não queria me aproximar dele. Mas, depois fui pegando confiança, e quando eu tinha por volta de 11 anos, ele nos pegava para passarmos o final de semana para passear, levava para a casa dele e então fomos perdendo esse medo e convivendo mais com ele.

Chega a parte mais difícil da minha vida, que foi a mais conturbada, revoltada, mais tudo, que foi quando eu completei 12 anos. Quando eu tinha essa idade, minha mãe estava trabalhando em casa de família. A casa que morávamos quando ela era casada, foi vendida por lei, então dividiram o valor da venda para ambos e estávamos morando com a minha tia. Morávamos eu, minha tia, minha avó, meus três irmãos e a minha mãe que só vinha de 15 em 15 dias. Então quem ficava responsável por nós, era a minha tia.

Nessa época eu já era bem revoltada, ou “mimada”, e eu não queria conselho, eu não queria saber de regras, queria viver do meu jeito. Então eu saía, ia para a casa dos meus colegas. Por mais que fosse perto, eu teria que avisar, e hoje eu vejo que isso foi bem errado, mas eu não estava nem aí, saía e não dizia para onde eu ia, se eu ia voltar cedo, se eu ia voltar

tarde e nesse meio tempo, eu conheci várias pessoas diferentes e de várias índoles diferentes. Algumas são meus amigos até hoje, que permaneceram e que agora eu vejo que realmente são meus amigos.

Eu me relacionei muito com essas pessoas, me envolvi muito e com isso me deixei levar pelas situações. Foi aí que piorou tudo. Eu ouvia um conselho aqui, outro ali, e com 12 anos, eu conheci uma pessoa, que já era muito mais velha do que eu, eu tinha 12 e a pessoa tinha 25, então era uma diferença de idade muito grande.

Essa pessoa era casada, aliás, até hoje é casada e ainda tem um filho. Só que com essa idade, eu não tinha mentalidade do que era certo e do que era errado. Até poderia ter, mas eu não queria aceitar a verdade. Então, escondido da minha mãe e do meu pai, escondido de todo mundo, eu me relacionei com essa pessoa, essa pessoa ficou prometendo mundos e fundos para mim. Porque nessa época vivíamos em uma situação financeira muito difícil, até porque minha mãe não tinha estudo, ela não trabalhava para ganhar remuneração boa. Vivíamos em uma situação financeira ruim, e ele prometia mundos e fundos: que ia melhorar a vida da gente, que ia ajudar, se eu desse alguma coisa em troca. Que foi justamente a relação sexual.

A partir daí eu comecei a ter a minha vida sexual ativa com esse homem, e ele prometia várias coisas e na verdade, prometeu e não aconteceu nada. Foi quando minha mãe descobriu que eu estava sendo vítima de pedofilia e o denunciou. Ele era conhecido de toda nossa família, morava perto, a família dele morava perto da nossa casa, e ainda temos contato com o resto da família dele, pois os vemos de vez em quando. Mas, toda a família se mudou por causa disso, porque ele tinha que manter distância e morando perto, quase em frente, não tinha como. Por isso ele foi embora.

Nesse período eu já estava tão revoltada, tão fora de controle, que quando alguém queria colocar um limite em mim, eu me transformava de um jeito que era irreconhecível. Eu me debatia no chão, eu queria me cortar, me matar, era todo um teatro que era horrível de se ver. Minha mãe e minha tia sofreram muito por causa disso. Eu ia para a escola, quando eu voltava não queria saber de ajudar em casa, não queria saber de meus irmãos. Aliás, a raiva que eu sentia fora, eu descontava todo no meu irmão, que é o mais novo, o Gabriel. Ele não podia nem falar, que eu já estava esmurrando o pobre do menino. Hoje eu percebo que é errado, e fico até constrangida, mas para toda ação existe uma reação. Eu me sinto muito culpada com isso.

Depois a minha mãe soube que eu estava muito rebelde e que eu não queria obedecer a minha tia, e a minha tia não tinha essa obrigação de cuidar de mim. Então a patroa dela, que era médica pediatra, aceitou que eu morasse lá com elas, então fui morar em Fortaleza com ela e essa doutora, que era muito gente boa. Era um ajo, posso dizer. Ela pagava colégio

para mim, pagava plano de saúde, todo o material necessário que eu precisasse, ela dava. Lá eu tinha um quarto, que era o quarto de hóspedes da casa dela, ela cedeu para mim, eu poderia arrumar do jeito que fosse necessário. Assim, eu estava confortável e ao mesmo tempo não, porque a situação lá, era boa financeiramente, minha mãe estava comigo, mas, meus colegas estavam em Maracanaú, e eu não conhecia ninguém lá, não tinha amizade com ninguém, não podia sair que era uma coisa que eu gostava demais de fazer. Lá por ser um bairro estranho, não conhecia ninguém e era cheio de prédio, então não tinha como socializar com outras pessoas assim tão fácil. Então ficava me sentindo confinada, ficava me sentindo presa e eu não gostava daquilo, a única relação que eu tinha era na escola.

Teve um dia que a minha mãe foi para casa e eu fiz um escândalo para ficar, foi quando ela decidiu deixar, largar o emprego, porque ela nem podia me deixar aqui só para poder ir trabalhar, porque, só Deus sabe onde é que eu estava envolvida, podia até morrer e ela resolveu ficar. Ou das duas, uma: morríamos de fome ou eu morria literalmente. Ela optou por ficar em casa, para cuidar de mim.

Foi quando eu tive um acompanhamento com a psicóloga, que ela conseguiu no Albert Sabin, eu ia toda semana. Lá conversava com a psicóloga, perguntava, por que disso, por que essa raiva, por que eu descontava, ela perguntava tudo e nos entendíamos muito bem. Foi quando eu comecei a melhorar, não gritava mais, não ficava querendo me matar, não ficava me jogando no chão e já estava começando a tratar os familiares diferente.

Infelizmente, por questões financeiras, não podíamos mais ficar pegando o transporte e indo toda semana lá e tivemos que parar o acompanhamento. Continuamos aqui. Essa mesma ex-patroa da minha mãe continuou pagando um colégio para mim, que é o antigo Colégio Diego Mendonça, que até mudou o nome e fiquei lá até o 6º ano, quando eu fui estudar no Colégio Rui Barbosa, onde terminei o ensino fundamental.

Mas, antes de completar o ensino fundamental, eu conheci o Alex que é o meu atual esposo e era uma relação vamos dizer “conturbada” porque a minha mãe não sabia, eu o conheci através de umas colegas. Eu sempre fui assim, queria ser da galera. Tipo, terminou a aula mais cedo, se alguém me chamasse para ir “ali”, eu não queria saber para onde era, eu ia. Se alguém dissesse assim: “vamos à casa de um colega meu?” Eu não queria saber se ele era ladrão, pistoleiro, sei lá o quê, seja lá o que for, maconheiro, estávamos indo. Numa dessas situações, eu conheci o meu marido. Primeiramente ficamos colegas, conversávamos, íamos para a casa da avó dele, e depois que eu o conheci mais profundamente, começamos uma relação amorosa.

A minha mãe não sabia. Nesse meio tempo ela começou a namorar, também. Era um rapaz que morava perto lá de casa. Eu e meu marido tentávamos nos esconder ao máximo,

para que ela não nos visse. Só que um dia não deu para esconder, ela viu, então quando nos encontramos frente a frente ela disse: “para casa agora!”. Ela ficou surpresa, afinal a diferença de idade entre mim e meu esposo também é grande, são 7 anos. Para uma pessoa como eu, que ainda tinha 14 anos e ele já tendo 21 anos, também é pedofilia.

Eu conversei com minha mãe, na verdade não foi nem uma conversa, foi uma briga mesmo. Gritamos, choramos, mas, como ela é bem compreensiva, ela disse assim: “traga ele para conhecermos”. Quando minha família o conheceu, viram que ele era rapaz de família e uma pessoa direita. Hoje eu percebo que foi um livramento que Deus me deu daquela outra vida que eu tinha e que eu tinha que me libertar daquilo. Ele foi tipo um remédio. Eu deixei de fazer tudo de errado que fazia antes por causa dele. Porque eu queria ficar com ele. Então teria que parar de fazer aquilo que eu fazia. Namoramos por um ano e eu engravidei da minha filha mais velha quando ainda tinha 14 anos. Eu morava com minha mãe e com o meu padrasto e eu não me dava bem com o meu padrasto porque quando conheci meu marido, um mês depois, a minha mãe conheceu esse meu padrasto e no outro dia, ele já foi morar lá na nossa casa. Eu não entendi por quê. Eu não gostava disso, porque eu tinha ciúme, não nos dávamos muito bem na época.

Quando eu tive minha filha mais velha, eu saí da escola, não terminei o ensino fundamental, acho que eu estava no 8º ou 9º ano, eu parei e não fui mais, fui ser mãe. Depois que minha filha mais velha nasceu, eu tive uma briga muito grande com meu padrasto e ele me expulsou de casa e essa foi outra fase horrível que eu tive que viver: morar com a minha sogra. Não tinha para onde ir, ele não trabalhava, eu também não trabalhava, nem tínhamos terminado os estudos e nem idade para isso. Fui morar com minha sogra e meu marido arranhou um emprego. Eu ficava em casa, só que era muito tormento, porque a minha sogra é praticamente o cão. Então foi um momento muito difícil, do mesmo jeito que meu marido tem mania de limpeza, o pai dele também tem, e é muito pior e eu já sou o contrário de tudo isso, eu já sou bagunceira. Na época eles bebiam muito, tanto meu sogro, como minha sogra. Quando meu sogro bebia ficava muito agressivo e se fizesse um tanto assim com ele, ele saía quebrando tudo. Às vezes, eles brigavam e quebravam tudo, e eu e minha filha presenciávamos tudo. Ficávamos com aquela angústia. Até que resolvemos ir morar de aluguel. Esse período foi até tranquilo, só que ele saiu do emprego. Tivemos que voltar para lá de novo, eu tive uma ideia, já estava na minha mente de construir uma casa, porque o terreno lá é bem grande, bem espaçoso e eu disse a ele que com o dinheiro da firma, ele começasse a construir a nossa casa, como eu recebo pensão do meu pai, eu também poderia ajudar com alguma coisa.

Foi quando descobrimos o CRAS e que o CRAS ajudava a inscrever no Bolsa Família. Foi quando eu me inscrevi, porque eu estava inscrita no cadastro da minha mãe, e

como eu constitui família e eu tive que abrir um próprio cadastro. Fiquei recebendo por mim, minha filha mais velha e meu marido. Quando em 2012, engravidei do meu segundo filho, e foi bem complicado, porque a nossa casa não estava pronta ainda, morávamos praticamente em um quarto, então era um quarto para dois adultos e duas crianças, não cabia, era um aperto mesmo, eu tive complicações durante a gestação, quase ele ia morrendo na hora do parto, porque estava o cordão umbilical enrolado duas vezes e eu não estava conseguindo ter forças para ter ele, ele nasceu todo roxo. Na barriga, no ultrassom, dava para ver já, por isso que ele nasceu de 8 (oito) meses, não esperou.

Meu sogro, quando falei para o sogro, quando ele estava lúcido, sem estar bêbado, eu falei para ele que talvez ele não aguentasse e não sobrevivesse, não ia sobreviver. Ai, ele pegou e fez uma promessa para mim: ele disse que se meu filho nascesse perfeito, normal e saudável, ele nunca mais ia colocar um pingão de álcool na boca. Ai, quando foi no dia 24 de outubro, eu comecei a sentir dores, para ter ele e eu fui para o hospital, nesse dia ele estava enchendo a cara, meu marido ligou para mim, e falou que ele estava bebendo todas e chorava. Quando ele soube que meu segundo filho nasceu, que não teve nenhuma complicação, que ele estava perfeito, normal, todas as bebidas que tinham dentro da geladeira, ele rebolou na pia, e esse ano, dia 24 de outubro desse ano, vai fazer 6 anos, que ele não bebe mais, por conta dessa promessa que ele fez. Uma parte, eu sinto que eu ajudei porque bebida só traz doença. Por outro lado, minha sogra ainda bebê. Então, isso não afetou nela em nada, não teve resultados e até hoje tivemos briga porque ela é daquele tipo de pessoas que para ela só importa ela, se ela está bem, o resto que se dane. Então, nossa vida já é difícil.

Quando conheci o serviço de convivência eu já tinha minha primeira filha, comecei a fazer parte nem era serviço de convivência ainda, era CRAS, era PROJOVEM, que era lá no Jereissati. Eu comecei a fazer e mudou para cá, e virou serviço de convivência. Em 2015, eu estava no serviço, até em uma dinâmica parecida com essa, eu contei a minha vida e senhorita e uma pessoa me apresentaram o “Vira Vida”. Fui fazer parte do Vira Vida, passei um ano e seis meses me especializando e tal e peguei engravidei durante o curso do terceiro, do Ítalo, mesmo assim, não desisti, continuei indo, até porque, eu queria, eu não queria mais aquela vida de antes. Eu queria dar o que eu não tive para os meus filhos, então eu focava muito nisso. Isso foi minha força para continuar. Eu terminei o ensino fundamental estando no “Vira Vida”, porque era obrigatório estar estudando, ou ter concluído já. Então terminei por conta disso.

O Vira Vida me deu ajuda, tanto profissional, como financeira, porque tinha aquela bolsa. Foi quando terminamos a casa, terminamos de construir a casa e passamos para dentro. Meu último filho nasceu antes de eu concluir o curso. Durante o cursinho no fim da gestação

foi tão difícil. Você sabe que uma gestação, por si só, já cansa. Então, mesmo em casa, você sente dor, incômodo, não consegue dormir e é tudo misturado, uma chuva de sentimentos, emoções e não dá para suportar só. Ainda mais tendo que passar por tudo isso com dois filhos pequenos, porque eles eram pequenos, e fazendo curso e tendo uma casa e tendo um marido, a minha mente estava a mil. Mas, mesmo assim, eu continuei no curso. Eu pegava ônibus, tinha que ter aquela relação afetiva com os demais do curso, mesmo que eu não estivesse com propósito para aquilo. Eu terminei em 2015. Quando foi no começo de 2017 teve o reencontro da gente, lindo e maravilhoso e começamos o nosso projeto.

Hoje, vindo para o presente mais um pouco, através do projeto, eu tive experiências e através dessas experiências eu pude passar para o meu dia-a-dia, e para me tornar essa pessoa que sou, foi através do nosso convívio. Outras pessoas viram que eu tinha mudado, que eu tinha capacidade. Então, me convidaram para ser professora de crianças, porque tanto eu dava aula de escola dominical para as crianças da minha igreja, como também, tive três filhos, eu tinha paciência com crianças. Então, fui convidada para participar desse outro projeto que é remunerado, que eu ensino e ganho uma bonificação e também aprendo muito. Não só ensino, mas aprendo a ter paciência, bastante paciência, coisa que eu não tinha. Hoje, eu estou aprendendo a ter paciência, a lidar com a diferença, porque não há nada mais diferente do que criança. Cada uma tem uma personalidade diferente, cada uma tem um jeito de falar, cada uma tem uma maneira de se expressar. Uma se expressa com o olhar, outra com a fala, com atitudes. Eu estou aprendendo com eles a ter minha própria personalidade, porque antes, eu era levada pela emoção dos outros, se o outro estava feliz, eu estava feliz. Então não tinha personalidade própria. Eu estou aprendendo isso agora, a ter minha própria personalidade. Está sendo muito bom para mim, até como mãe, porque lá eu ensino na palavra do senhor, e sabemos que as coisas de Deus não têm explicação.

Antes de entrar nesse projeto eu me reconciliei com Jesus. Eu entrei em uma congregação que eu não conhecia, não conhecia os membros, não sabia quem era, através da minha mãe que ela entrou primeiro, através do pai da Clara, foi através deles. Eu fui, vamos dizer assim, porque ela ia, e eu queria ir também. Eu fui. Eu me interessei, me entreguei, e estou até hoje, graças a Deus. Com duas semanas que eu tinha me reconciliado, a minha avó faleceu, ela faleceu com problemas de saúde. Aquilo foi um choque muito grande para mim, porque minha avó, avó é avó, é mãe duas vezes e eu fiquei tão triste. Vocês entendem.

Eu estava indo para a igreja só por ir, vamos dizer que eu era um esquentamento de banco, mas depois que minha avó faleceu, eu acho que eu não sei o que foi que aconteceu comigo, que eu me transformei, me vi como adulta, como mãe, como esposa, como filha e vi

que o tempo da gente, é muito curto para estarmos gastando nosso tempo com besteira. Então comecei a dar mais valor aos filhos, a dar mais valor à mãe.

Eu até me emociono, porque eu não dava valor a minha mãe, e já brigamos muito e já fiz ela sofrer demais. Eu vejo que hoje, eu não queria, passar pelo que ela passou, eu não quero que meus filhos sejam revoltados do jeito que eu era. Eu não queria fazer ela chorar e hoje eu percebo que eu fiz muito ela chorar.

Acho que esse sentimento de culpa que caiu sobre mim, me fez ver a realidade das coisas. Então, eu cresci por conta disso, foi um crescimento prematuro, eu tive que crescer por causa dos erros, por causa da situação eu vi que eu estava cuidando de três vidas e que essas vidas dependiam de mim para poder crescer como profissionais, como pessoas éticas. Foi quando caiu a ficha que eu estava perdendo meu tempo com coisas fúteis. Eu cresci e ainda estou crescendo. Amadurecendo aos poucos.

Eu tenho visto, que eu tenho muito apoio, apoio familiar, coisa que eu não via, vamos dizer que meus olhos e minha mente estavam fechadas. Então foi assim um choque de realidade. Depois que minha avó faleceu e que eu estava perdendo meu tempo com coisas banais. Então eu comecei a batalhar, terminei o ensino fundamental, o curso, coisas que eu começava uma coisa e não continuava. Parava na metade do caminho, já tentei começar outros cursos também, mas eu não terminei como o curso de informática.

Gente, eu estou perdendo tempo, minha vida está passando, e o que eu vou poder mostrar para meus filhos, quando eles crescerem, o que eu vou poder apresentar para eles, como mãe, como pessoa? Foi, quando eu comecei a batalhar mais, a querer mais, a buscar mais. Eu vi a realidade das outras pessoas: nossa, fulano de tal terminou os estudos, fez faculdade, está trabalhando, olha que legal. Está construindo a casa dela, por que eu não posso? Eu também posso. Então comecei a batalhar, vou terminar minha casa, em nome de Jesus, estou nos caminhos certos para terminar minha casa, para dar uma comodidade melhor para meus filhos. Estamos correndo atrás para ver como vai ser daqui para frente, porque tenho que mostrar o melhor de mim para eles, não só o que eu era.

Então agradeço o que está acontecendo, agradeço a você. Agradeço as meninas do grupo, do projeto também que eu trabalho lá, a minha família. Principalmente a Deus.

3.6 Sorrir e crer, entregar e confiar: Raquel

Eu vou começar falando da minha infância. A minha infância foi divertida, mas, ela foi bem difícil. Eu cresci só com a minha mãe, porque a minha avó trabalhava e ela não passava

muito tempo com a gente. Foi sempre eu e minha mãe, porque quando eu completei 9 meses meu pai foi embora. Hoje sabendo o que se passou, acho bem injusto o que ele fez. Porque, ele foi embora no momento em que minha mãe mais precisou dele. Porque, ela tem um problema chamado Linfodema e na época estava bem agravado e devido a gravidez ficou muito mais, a perna dela chegou a ficar preta, ela não conseguia andar. Por ele ter ido embora, ela acabou ficando com depressão, porque estava em uma situação difícil. Ela doente e eu, recém nascida, estava doente, porque tinha um problema de alergia e estava muito grave. Minha avó trabalhava e era difícil porque as vezes ela vinha e saía do emprego para poder cuidar da gente.

Figura 8 – Representação pessoal de Raquel



Fonte: Elaborada pela autora.

Quando minha mãe se recuperou mais, e eu estava um pouco maior, ela começou a procurar meu pai para poder conseguir comprar alguma coisa para mim com a pensão, que era meu direito. Só que para ela conseguir dinheiro para alguma coisa, ela tinha que se humilhar para poder conseguir pelo menos 30 reais. Ela me falou de um episódio em que ela foi a procura dele, eu estava na casa da minha tia, e quando ela estava lá ele chegou. Ela pediu dinheiro a ele e ele começou a discutir com ela, brigar com ela. Minha mãe me disse que ao ver eles dois brigando eu comecei a chorar. A minha tia mandou ele criar vergonha na cara e parar de brigar, porque estavam na minha frente. Meu pai no começo foi bem covarde, porque ele traía a minha mãe há muito tempo e hoje em dia ele é casado com essa mulher que ele traía ela.

Quando eu era pequena passamos todas essas dificuldades com meu pai, no começo. Uma vez, uma tia minha apareceu lá em casa, acho que eu tinha três anos e viu todas

as dificuldades que estávamos passando, naquela casa, sem nada, com muita dificuldade, porque era a mãe doente e eu também. Ela nos convidou para morarmos com ela, porque ela tinha uma casa que estava em reforma, só estava com as paredes levantadas e o teto, não tinha porta, não tinha instalação de luz, de água, não tinha nada.

A família da minha mãe morava toda no bairro Cágado. A irmã da minha mãe morava perto da gente, só que como ela era casada com o Noé e ele não gostava da minha mãe e não podíamos ir pra lá, porque ele achava ruim. Minha tia queria ajudar, mas ela não podia. O máximo que ela podia fazer, ela fazia, mas ajudar como ela queria, ela não podia, porque, ela era casada com ele, justamente porque ela não tinha condições de sustentar os filhos dela, que eram todos pequenos.

Essa minha tia levou a gente para lá. Fomos eu, minha mãe e minha avó. A casa que ficamos não tinha porta, nem energia elétrica, nem água, não tinha nada. No dia seguinte de nossa chegada minha tia chamou uma pessoa para colocar a porta e a janela na casa, a Coelce para instalar a luz e a Cagece para instalar água. Demorou um dia para conseguirmos nos estabelecer na casa. Minha avó colocou umas plantações de feijão, macaxeira e outras coisas. Essa plantação ajudava bastante na nossa sobrevivência.

Minha mãe sempre pedia dinheiro ao meu pai porque eu era criança e criança necessita de leite, de mingau, essas coisas. Mas, o dinheiro que ele dava não era o suficiente, mas ajudava a complementar o que já tinha. Passamos 3 anos lá, depois voltamos e voltou toda a dificuldade de novo. Nesse período a minha avó conseguiu se aposentar, depois de um tempo, pois ela tinha o coração crescido. Ela passou a vida toda, trabalhando, pegando peso, porque naquela época o pai dela tinha morrido e como ela era a mais velha, ela tinha que sustentar a casa. Então, desde pequena ela trabalhou, sempre pegou pesado. Além do coração crescido ela tinha diabete, tinha colesterol alto e devido a isso, ela se aposentou. Quando minha avó se aposentou as coisas começaram a melhorar.

Antes da minha avó se aposentar, a minha tia se separou do marido e nesta época, posso dizer que foi muito difícil, porque a casa era pequena, tinha muitas pessoas na casa e não tínhamos nenhum dinheiro. Passamos cerca de três meses sem energia em casa, comprávamos comida quando minha avó chegava do trabalho e ela passava alguns dias com a gente. O dinheiro que ela recebia, era todo para fazer compras para casa e pagar as contas. Mas, era muito difícil ela aparecer lá em casa, porque ela não podia sair, porque a patroa dela não dava folgas regularmente e nem férias. Quando éramos pequenas, nós íamos muito para o trabalho da minha avó. Passávamos as férias lá.

Nessa época nossa família recebeu mais um integrante, o Hélio, padrasto dos

meninos, e a casa lotou mais ainda. Mas, ele trabalhava e passou a ajudar nas despesas. Quando minha avó se aposentou, tinha a renda do Hélio e a aposentadoria dela para manter a casa, e as coisas se estabeleceram. A Hadassah engravidou, teve três filhos, só que ela foi para a casa dela; só que ela vivia mais na nossa casa, do que na casa dela. Ela praticamente morava com a gente e ia para a casa dormir, por que ela comia, tomava banho, tudo lá em casa. Ela nem trabalhava e nem estudava. Só depois ela começou a fazer o curso dela.

Bom, eu acredito que eu sou a pessoa que sou hoje por causa da minha mãe. Ela passou por muitas dificuldades durante toda a vida dela, desde a infância, até o momento em que conheceu meu pai. Ela engravidou aos 17 anos.

Depois que ela conheceu meu pai, foi só desgraça. Depois que ela engravidou, a doença dela agravou por causa da circulação, ela passou muito tempo tendo muitas crises. Quando ela tem crise, a perna dela fica o dobro do tamanho e fica toda dolorida, as vezes fica muito quente, não consegue encostar o pé no chão, não consegue se levantar. Quando eu era pequena, e morávamos só eu e ela, era bem difícil, porque quando ela tinha essas crises, nem sempre eu conseguia ajuda-la, pois ela não conseguia se levantar.

A minha tia às vezes ia lá em casa ajudar a gente, só que na maioria das vezes, quem fazia as coisas era eu. Eu tinha que a ajudar a ir ao banheiro, a tomar banho, eu tinha que lavar a louça, lavar roupa, tinha que fazer o almoço e eu tinha escola. Foi difícil? Foi. Mas, apesar de todas as coisas que ela passou, ela sempre foi uma mulher muito forte. Ela sempre andou para todo lugar, ela não fica quieta, ela sempre me incentivou muito a lutar pelas minhas coisas e nunca esperar por ninguém. Eu sou assim hoje em dia, por que ela me ensinou muito isso. Eu não era a aluna que tirava 10 em todas as matérias, mas eu nunca repeti um ano, graças a Deus. Eu não tirava nota ruim, mas também não tirava aquela nota máxima. Ficava naquela média ali, mas conseguia passar, não repetia nenhum ano. No ensino fundamental, eu ficava de recuperação todos os anos. Não tinha um ano que eu não ficasse de recuperação no fundamental, mas no médio eu melhorei. Não fiquei de recuperação.

Se não tivesse sido pela minha mãe, acho que eu não teria convívio com meu pai. Ele, não é o melhor pai do mundo, ele também não foi um bom pai, não me deu muitos ensinamentos, nunca aprendi nada com meu pai, a não ser que ele é bem desenrolado para esse negócio de vida, de emprego, essas coisas, é bem desenrolado. Essas coisas acho que aprendi com ele, mas nunca me ensinou nada de importante. Ele me decepcionou muito. Mas, a minha mãe sempre me incentivou a amar ele, mesmo desse jeito.

Mesmo ele não me dando muita atenção, mesmo ele não sendo aquele pai atencioso, mesmo ele não sendo aquele pai presente. Mas, ela sempre me incentivou a amá-lo e respeitá-

lo pela pessoa que ele é, porque pai é pai. Não importa o que ele faz, mas pai é pai. Hoje eu tenho uma relação muito boa com o meu pai. Mas, não é por mérito dele, porque mérito dele não é, é mais por esforço meu e por incentivo da minha mãe. Eu nunca toco no assunto, vontade de falar, a gente tem, de jogar tudo na cara, mas eu nunca entrei nesse assunto com meu pai, jogar na cara dele as coisas que ele fez, as coisas que ele fez a gente passar, nunca fiz isso, nunca joguei nada na cara dele, apesar dele merecer. Eu tento manter um bom relacionamento com meu pai.

Eu tenho ótimo relacionamento com a minha mãe, minha mãe é praticamente a minha melhor amiga, eu conto tudo para ela, porque sempre só fomos eu e ela a vida toda. Ela sempre me conta os segredos dela também. Os namoros dela, por exemplo. A mamãe sempre foi muito namoradeira, ela me conta muita coisa. Às vezes eu contava se eu tivesse ficado com algum menino. Quando era pequena e isso acontecia, ela falava que eu não tinha idade para isso, e brigava. Mas, era uma repreensão que eu não me chateava. Sempre foi assim, porque sempre tivemos um vínculo de amizade, era mais amizade do que maternidade. Eu sempre senti a proteção dela de maternidade. Mas, eu sempre me sentia muito confortável por conta dessa amizade que sempre tivemos.

Sempre apoiamos muito uma a outra, em tudo. Quando ela quis se aposentar foi uma luta bem grande, para ela conseguir por causa dessa doença dela, mas sempre estivemos uma ao lado da outra. Foi muito bom quando ela se aposentou, porque as coisas estavam melhores, mas passaram a ficar muito melhores quando ela conseguiu se aposentar.

Desde pequena, eu tenho um sonho de ser fisioterapeuta. Eu vou ser! Eu vou entrar na faculdade! Eu procurei a partir de 12, 13 anos, sempre procurar alguma coisa para fazer. Às vezes, eu ajudava uma amiga na loja dela, eu sempre fazia alguma coisa. Eu consegui estágios para laboratório, fiz um curso de análises clínicas na escola técnica e eu consegui estágio em dois hospitais, fiz algumas amizades, alguns contatos, e eu tenho tentado agora buscar emprego para poder pagar a minha faculdade. Vamos tentando.

Eu tive muitas experiências na minha vida. A minha mãe sempre foi muito de me deixar sair e conhecer as coisas da vida. Eu fiz duas escolas missionárias, e a primeira que eu fiz foi a ESCAMF. A Escamf, que quer dizer Escola Missionária de Férias foi a primeira escola missionária, foi a que mais me chamou atenção. Que mais marcou a minha vida. Primeiro, porque quando eu fui tive bastante apoio da minha família e de algumas pessoas da igreja. Eu não tive apoio de uma amiga minha, que eu considerava a minha melhor amiga. Mas, ela não me apoiou nessa viagem. Eu fiquei muito chateada com ela, hoje em dia eu não confio mais nela, me decepcionou e não confio mais nela.

Só que teve uma pessoa que fez um grande sacrifício: a Rebeca, porque eu não queria ir sozinha. Então a Rebeca disse: “Eu vou contigo!”. Só que o dinheiro para mim já estava na mão, mas o dela não tinha. Nos viramos nos 30, para conseguir o dinheiro para ela, porque eram R\$ 200,00. Ganhamos desconto ainda e ficou R\$ 120,00, só que não tínhamos o dinheiro dela. Mas, conseguimos! Só que lá no Clodoaldo, as recuperações só são no mês de janeiro. Eu falei: “Não vou ficar de recuperação!” mas, a Rebeca sabia que ia ficar de recuperação. Depois descobrimos que eu estava de recuperação em português, e ela estava de recuperação em 8 matérias. A escola ficava perto, porque a ESCAMF ficava no Aracapé, e dava para sair de lá e ir para escola, para fazer a recuperação, porque eles deixavam sair. Eles não deixavam sair direto, mas uma ou duas vezes podia. Só que ela eram 8 vezes, 8 matérias. Eu, nunca tinha ficado de recuperação no Ensino Médio, e não sabia como funcionava. Mas, eu tinha que ir para a aula a semana toda, por que matéria era português e português tinha aula quase todos os dias. Eu expliquei para a professora que iria na prova final porque estava na ESCAMF. Eu digo que a Rebeca fez um sacrifício, porque ela poderia ter voltado para a casa, para fazer as recuperações dela. Só que ela foi lá comigo, ela me deu muito apoio, ela ficou comigo, ela repetiu de ano, porque ela não foi fazer essa recuperação, com todas essas matérias, ela repetiu de ano, para ficar comigo. Só que quando estávamos lá dentro, a Rebeca ficou bem desesperada, porque temos um teste de avaliação para poder ver como a gente evangeliza as pessoas, e a Rebeca ficou super desesperada, porque ela não sabia e ela me disse: “Raquel eu não sei, como vou fazer?” Eu acalmei ela e disse: “Calma! Vai dar certo! Te ajudo.” Eu precisava estudar, para a minha apresentação e ela precisava estudar para a apresentação dela. Só que eu não estudei sozinha para poder ajudar ela a estudar para a apresentação dela. E assim cada lado fez seu sacrifício, só que eu digo que o dela foi maior, porque ela repetiu o ano.

Eu ainda consegui fazer a recuperação, foi difícil, porque o diretor não quis deixar, porque eu estava em Fortaleza, lá para Sapiranga, e vir de lá para cá, para o Maracanaú para fazer uma prova, e voltar para lá de novo não dava. Então minha tia e o esposo dela, junto com a minha mãe, foram até a escola perguntar se podiam levar a prova até onde eu estava. Mesmo o diretor resistindo, não querendo aceitar, deixou a decisão para a professora, que acabou aceitando. Meus tios foram lá onde eu estava, levaram a prova e quando eu terminei a prova levaram de volta para a escola. Foi dificuldade, mas eu consegui passar de ano.

Eu fiz outro curso de imersão missionária, só que dessa vez eu fui sozinha. Era mais longe e mais caro, por conta da passagem que eu tive que pagar para Juazeiro do Norte. A minha mãe me deixou ir, mas no fundo ela teve um aperto no coração. Mas, ela deixou, porque ela sabe que fazer esse tipo de coisa, é a minha vida praticamente. Eu vivo para isso, eu sinto que

eu vivo para isso. Então se eu não fizer, eu me desespero, eu tenho que tirar um tempo da minha vida, poder tirar um tempo para isso, poder viajar e fazer esse tipo de coisa. Ela me deixou ir, mas no fundo, ela ficou preocupada, com certeza. Eu estava indo para um lugar que eu nunca fui na minha vida, não sabia, não conhecia ninguém. O pessoal que ia encontrar lá, nem conhecia pessoalmente, só por foto.

Essa história, é uma longa história, porque eu descii na rodoviária errada. Foi um desespero muito grande. A minha mãe ficou desesperada e ainda disse para o pessoal que estava lá me esperando, eu descii uma rodoviária antes, uma parada antes, era para ter descido na próxima. Eu só pensava em voltar para a minha casa, pegar o dinheiro e pagar outra passagem para eu ir embora. Depois de um bom tempo, percebi que estava na rodoviária do Crato. Só que era para eu ter descido na de Juazeiro do Norte. Eu fiquei de 6 da manhã, até as 14h na rodoviária esperando. Era um ligando para outro: “eu estou aqui na rodoviária, não estou te encontrando”. Mas, eu estou aqui na rodoviária. Eu jurando que estava no lugar certo, mas, não perguntei o nome da rodoviária. Passei sete dias na escola, depois fomos para o interior, que ficava lá perto, chamado Serrinha.

Em cada viagem dessa temos experiências, encontramos pessoas que marcam a nossa vida. Eu tive uma experiência muito grande na ESCAMF, com uma mulher, nunca vou esquecer dessa mulher, tudo que passei com ela, foi muito forte. Em Juazeiro, não tive uma emoção tão grande, como tive na ESCAMF, tivemos lá os momentos emocionantes, só que eu me senti muito confortável em Juazeiro. O pessoal do interior de Juazeiro, me acolheu bem e eu quis voltar.

Quando eu cheguei, eu passei um ano em casa, mas em julho do ano passado, eu voltei. Eu me programei inicialmente para ficar pelo menos um mês lá, mas, aconteceu tanta coisa, tinha exame que eu tinha marcado no posto há 3 meses e caiu no mês que eu ia viajar, teve o aniversário da Yasmin, e me pediram para fazer o bolo e eu acabei indo só no final do mês e passei só uma semana lá. O Gabriel foi comigo, dessa última vez. Dessa vez eu não fui por escola missionária, eu fui por conta própria e sabia onde eu deveria descer. Pretendo voltar lá novamente esse ano.

Tudo que eu passei desde infância até hoje, é o que me faz ser o que sou hoje. Eu posso me considerar uma pessoa muito forte, decidida, e eu não sei e não gosto de esperar por ninguém quando quero alguma coisa. Eu vou, vou atrás das minhas coisas, e faço tudo para que dê certo. Se não der certo faço com que dê certo.

3.7 Uma flor cheia de espinhos, mas, de rara beleza: William

Eu não lembro de quando nasci. Perguntava para minha mãe e ela me disse que antes de nascer, deveria ter nascido outro irmão meu, mas, ela abortou. Porque, era o jeito. Eu sou o terceiro mais novo, então eu era o quarto filho. Eu era o quarto filho e ela estava sem condições nenhuma, e meu pai naquele tempo só bebia, nunca me deu nada. Meu padrasto que vivia com ela quando eu nasci, e vive até hoje, também bebia muito, mas a ajudava com alguma coisa. O meu pai mesmo, engravidava ela e abandonava a gente, nunca deu nada. Ela nos criava com o meu padrasto, e meu padrasto sempre acreditou que éramos todos filhos dele. Sempre o tratamos como pai, porque foi realmente quem foi o pai da gente.

Figura 9 – Representação pessoal de William



Fonte: Elaborada pela autora.

Aos 10 anos, eu saí de casa para trabalhar, pois eu não queria ficar em casa, não gostava. Não tinha o que fazer em casa, então eu fui em busca de trabalho, mesmo que fosse avulso. O importante era que eu ganhasse algum dinheiro, para eu poder comprar minhas coisas, porque minha mãe não tinha condições de dar tudo o que os 10 filhos dela pediam. Ela dava só o básico, e pronto. Houve um tempo que passamos muita necessidade e chegávamos a pedir comida para os vizinhos. Então eu resolvi, por minha conta própria ir procurar emprego. Não foi pedido de minha mãe nem nada, eu queria apenas comprar minhas próprias coisas.

Com 10 anos de idade, eu fui conhecer os lugares, como por exemplo, o centro de Fortaleza. Minha mãe sempre deixou os filhos dela livres, nunca foi de prender, e nem de ter

medo. Ela sempre ensinou o que é certo e o que é errado. Tem muita gente que pensa que a forma dela de criar os filhos, poderia estar errada, porque ela não nos prendia, e podíamos fazer o que quiséssemos, podíamos fazer coisas erradas, escondido ou até mesmo sem ser escondido. Mas, ela sempre deixou claro para nós o que é certo e o que é errado. Se quiséssemos fazer, tínhamos que pensar na consequência depois. Porque nada era escondido para sempre. Então todos os dez filhos dela decidiam não decepcioná-la e mostrar para ela e para a família, que realmente éramos pessoas direitas, não fazíamos coisas erradas, porque já pensávamos nas consequências dos nossos atos.

Meus irmãos mais velhos trabalhavam e ajudavam em casa, só que eles não começaram tão cedo como eu comecei. Mesmo assim eu não abandonei a escola, eu recebi muitas propostas ao longo da minha vida, de abandonar a escola, só trabalhar, ganhando muito bem, mas nada de carteira assinada. Não valeria a pena. Então pensava muito sobre as consequências de ganhar muito dinheiro para comprar tudo o que queria, mas, depois acabar me prejudicando, então percebia que era melhor evitar os problemas de deixar de estudar cedo. Quando completei 16 anos, eu queria muito trabalhar como *Jovem Aprendiz* que assinava a carteira e eu então, fui tirar todos os meus documentos. Fui à procura de informação sobre como tirava documentação - eu tinha dinheiro, porque eu trabalhava avulso -, e soube onde tirava, como tirava, se precisava dos meus pais e, graças a Deus, para ter meus documentos não precisei da presença dos meus pais, porque se eu precisasse seria muito difícil.

Minha mãe começou a trabalhar avulso também e ela não tinha muito tempo para nós. Na escola, ela já demonstrava isso. Quando estudávamos - todos nós, sempre estudamos -, quando acontecia reunião da escola, a diretora chamava a minha mãe, mas, ela não ia. Porque ela não ia deixar o trabalho dela para ir para reunião de escola. Ela só matriculava a gente mesmo. Ela foi muito presente para mim quando precisei dela, mas em relação a acompanhamento dos estudos, ela não foi, até porque, acredito que o fato de ela não ter terminado os estudos – ela até teve vontade de voltar, mas, não voltou a estudar -, não cobrava tanto dos filhos nada relativo a isso. Ela como mãe poderia muito bem cobrar os filhos, mas, poderia ouvir algum dizer: “Você está cobrando por que, se você não estudou?” ou “Por que está cobrando da gente, se você não fez o mesmo?”.

Quando estava terminando o Ensino Médio fui me inscrever no Serviço de Convivência do CRAS, pois eu queria curso, para poder acrescentar no meu currículo, pois aprendi na escola, que precisávamos de um currículo para conseguir emprego, e quanto mais coisas no currículo melhor. Busquei o CRAS, o SENAI, e eu consegui! Hoje em dia tenho 25 cursos e não quero mais fazer curso na minha vida! Porque fiz todo tipo de curso, até cursos

que não eram da minha área, pois aproveitava todas as oportunidades.

Quando eu terminei o Ensino Médio vi meus irmãos mais novos muito desinteressados. A maioria dos mais velhos não terminaram o Ensino Médio e optaram por comprar certificado. Eu, por ter terminado o Ensino Médio e ter passado por isso tudo - que foi difícil, eu perder parte da minha infância para trabalhar, mas, não ter nunca desistido de estudar - era mais fácil eu dar exemplo para meus irmãos. Eu tinha como dar exemplo a eles e fazer com que eles não desistissem dos estudos. Aí eu cobrava deles, minha mãe não podia cobrar. Então eu passei a cobrar deles, a levá-los para a escola, acompanhá-los na reunião de escola, e estava dando tudo certo. Mas, eu tinha um sonho a realizar: sonhava que quando completasse 18 anos e conseguisse um emprego de carteira assinada eu sairia de casa.

Quando eu estava com 17 anos, minha mãe conheceu um homem e começou a se relacionar com ele, eu apoiei. Para mim, minha mãe havia sofrido demais com o relacionamento com meu pai e o casamento dela com o meu padrasto não estava dando mais certo e eles já não se relacionavam maritalmente. Eu apoiei, mas esperei dela o mesmo apoio em todas as minhas decisões. Se eu decidisse fazer, é porque eu havia pensado muito bem e eu queria muito o apoio dela em minhas decisões, assim como eu a apoiava nas dela. Ela chegou a me dizer que se eu conseguisse arrumar um trabalho e saísse de casa eu deveria levá-la junto e eu aceitei. Eu disse: “Está certo! Eu prometo que quando eu sair de casa, eu lhe levo, até porque eu não sei fazer nada, não sei fazer comida, não sei fazer nada, nunca fiz nada, em questão de casa”. Completei os 18 anos, mas, não consegui emprego e então não tinha condições de sair de casa.

Aos 19 anos, eu conheci um menino e começamos a conversar. Um dia ele me perguntou se poderia ir na minha casa conhecer minha família. E eu perguntei: “Para quê? Não temos nada, só estamos conversando.” Mas, ele insistiu e disse que era apenas para conhecer minha família. Eu aceitei. Pensei: “Minha família vai aceitar de boa. É só um amigo, não tem nada demais.” No dia que marcamos de ele vir até minha casa fui buscá-lo na parada de ônibus pois, afinal, era a primeira vez que ele estava indo lá. Porém, quando ele chegou, estava com uma mochila cheia de roupas nas costas! Tive que perguntar: “O que é essa mochila aí?” E ele respondeu: “Vou dormir na tua casa!” Ele não tinha combinado nada disso comigo e eu não tinha avisado para minha mãe. Quando cheguei em casa conversei com a minha mãe e ela concordou que ele ficasse pra dormir. Ele dormiu na minha casa e no dia seguinte me pediu em namoro. Dormiu lá em casa por alguns dias até que falou comigo que voltaria para casa.

Na época, meu quarto ficava nos fundos da casa e “tudo que não prestava” acabava indo pra lá, era um quarto porão. Não tinha o teto totalmente coberto e quando acordava pela manhã o sol “batia” no meu rosto. Depois de ele ter ido embora, minha mãe me perguntou:

“Aquele menino não é teu amigo? Ele tem alguma coisa contigo, não tem?” Eu respondi: “Tem!” E ela me pediu para ter cuidado, nada mais. No mesmo dia, o apresentei para a minha tia, pois tinha certeza que ela aceitaria de boa. E realmente foi!

Minha mãe não falava nada sobre o assunto, nem meus irmãos. Até hoje eu não entendo se a minha mãe falou para a minha irmã - que é “crente” - ou se ela deduziu. Porque, os meus outros irmãos deduziram que ele seria alguma coisa minha, mas, também nunca falaram nada. Já a minha irmã, eu não sei se a minha mãe contou ou não, mas, o fato é que depois que ele foi embora, ela mudou totalmente comigo. Na época ela ajudava muito na nossa casa, então tudo que ela colocava dentro de casa, eu não podia comer de jeito nenhum. Tudo que ela comia, eu não podia comer de jeito nenhum. Se eu estivesse em um lugar e ela chegasse, ela saía. Ela não queria ficar perto de mim e eu imaginei que seria por isso. Até um dia que a minha mãe me disse assim: “Aquele menino não pode mais dormir aqui!” Mas, ele só tinha dormido aqueles quatro dias e pronto. E continuou: “Não pode mais dormir aqui, pois sua irmã conversou comigo e disse que não ajudaria mais em casa se ele dormisse aqui ou estivesse aqui”. Eu quis argumentar com ela: “Mãe, a senhora é que é a dona da casa, a senhora é quem manda!”. Mas, ela insistiu, pois como minha irmã é quem “colocava as coisas em casa” teríamos que aceitar. Na época, eu ajudava pouco, pois não trabalhava formalmente e então, tive que me calar. Esse foi um período muito difícil. Me doía tanto chegar em casa e estar no mesmo ambiente que minha irmã e ela me tratar daquela forma. Se eu já não vivia muito em casa, nesse período eu ficava ainda mais tempo fora.

Quando estava frequentando o Serviço de Convivência no CRAS, a Hadassah me falou sobre o *Projeto Vira Vida* que era um projeto do SESI e eu então falei com o educador social sobre minha participação nesse projeto, pois, era através do CRAS que fazíamos as inscrições, mas, ele me disse que eu não estava preparado totalmente para fazer. Mas, eu achei que estava preparado e fui em busca de informações diretamente no SESI, e acabei sendo incluído no Projeto. Eu cheguei no *Vira Vida* com uma expectativa grande, porque era uma coisa que ia passar o dia todo e a noite ia para a escola e da escola ia trabalhar, e então ia ocupar meu tempo todo. Eu cheguei no *Vira Vida* com muito entusiasmo. Fui conhecendo gente nova e aprendendo muitas coisas, mas, aos poucos, fui conhecendo as pessoas de verdade, me decepcionei um pouco e acabei desanimando. Mas, mesmo assim, eu não faltava nem um dia. Mas, como dava para notar meu desânimo, pois não agia mais como no início, meu comportamento foi percebido e me encaminharam para uma psicóloga do próprio projeto. Mesmo tendo um pouco de resistência no começo, - pois eu achava que era coisa de doido ir para psicólogo - eu fui para o acompanhamento. A psicóloga de lá me prometeu fazer um livro

sobre a minha história e eu acreditei. Cobrei a ela pois, para escrever minha história eu teria que contar tudo a ela, e eu contei mesmo. Só que quando eu insisti perguntando sobre o livro, ela me disse que não iria mais fazer, e então eu fiquei ainda mais desanimado do que antes. Era uma promessa! E como não foi cumprida, eu não fui mais. Eu achei muito errado e desisti. Quando eu terminei o Serviço de Convivência também, eu comentei lá no *Vira Vida* e eles me ajudaram muito, inclusive por várias vezes que a aula terminava cedo e eu pedia para ficar até o final do dia, para poder não ir para casa, porque era chato ficar em casa. Mesmo com tudo o que estava acontecendo comigo ainda assim concluí o Projeto e fui para a formatura. Fui sozinho, pois ia convidar minha mãe, mas, como ela sempre é ausente nessas coisas, então deduzi que ela não iria. Fui sozinho, mas, foi muito boa a formatura.

Quando estava namorando com o menino que eu falei, ficamos pouco tempo juntos até ele me pedir um tempo. Eu achei meio esquisito, pois ele só falava que era melhor, e quando eu perguntava o porquê ele não me dava o real motivo. Só que eu já estava gostando dele de verdade. E então não aceitei muito bem, e eu me culpei de uma coisa que não era culpado. Me culpei de ter feito alguma coisa errada e eu não sabia o que era, mas estava me culpando. Pensava que tinha sido minha culpa e pronto. Três dias depois de termos essa conversa e ele ter me pedido um tempo, eu não me agüentei, pois eu nem estava conseguindo sequer assistir aula direito no colégio. Então eu o procurei e perguntei se poderíamos conversar. Ele me respondeu que não estaria em casa, mas eu fui até a casa dele mesmo assim. Quando cheguei lá ele estava em casa e conversamos. Eu disse: “Agora é a oportunidade que você tem de me falar toda a verdade.” Ele disse que não queria me falar logo, mas, tinha conhecido um garoto e tinha me traído com ele. Esclarecida a situação mesmo assim decidimos permanecer amigos. Como eu era o único amigo dele, ele me contava tudo. Ou pelo celular ou pessoalmente quando eu ia lá visitá-lo, ele me contava simplesmente tudo. Por dentro, eu queria muito que ele terminasse o relacionamento, mas por fora, tinha que dizer que ele fosse feliz, que ficasse tudo certo. Ele me disse que estava desconfiado que o menino estava traindo ele e eu dizia: “Não, ele não vai fazer isso, ele te ama!”. Mas, por dentro, pensava o contrário. Ele me contou que havia terminado o relacionamento com o rapaz depois de uma situação que ele passou por causa dele. Ele me disse: “Ele me levava para as festas, só que como eu não tinha dinheiro, pois não estava trabalhando, ele pagava tudo para mim. Então eu pedia dinheiro para minha mãe emprestado para poder ir para festa. Quando eu chegava lá, ele me dava o dinheiro da passagem de ida e volta. Eu devolvia o dinheiro para minha mãe. Mas, em um dia que saímos juntos, fui ao banheiro e quando voltei, peguei ele beijando outro cara e perguntei o que era que estava acontecendo. Ele disse que eu tinha que perdoar ele, porque senão ele não ia me dar o dinheiro

da passagem de volta. Por ser longe, eu tive que aceitar isso. Ele pagou minha passagem e eu me calei. Quando eu cheguei em casa, eu bloqueei ele de tudo”. Mesmo ele me falando tudo isso, ainda hoje sinto falta dele. Passei um tempo gostando muito dele, mas, tentava demonstrar todo tempo que eu não estava mais interessado. Com o tempo, eu passei a ver ele apenas como amigo e que nunca daríamos certo mesmo.

Fui em busca de emprego e depois de deixar um currículo, uma empresa ligou para mim para eu fazer uma entrevista. Consegui um trabalho de carteira assinada! Essa era a oportunidade de sair de casa. Mas, eu passei uns três meses em casa ainda, trabalhando e ajudando a minha mãe, mas, decidi realmente sair de casa pois eu vi a oportunidade de ter privacidade e de aprender a gastar meu dinheiro. Porque, até então, todos os trabalhos que eu já tinha feito, eu ganhava muito bem, mas eu não sabia controlar o dinheiro. Comprava muita coisa para mim, besteiras que nem precisava e quando eu via não tinha mais dinheiro e nem sabia com que eu tinha gasto. Quando eu passei a morar só, eu comecei a controlar tudo mesmo. No dia das mães eu falei para ela que ia sair de casa para morar sozinho. Ela chorou e disse que talvez eu não conseguiria viver só, porque exigiria muita responsabilidade, além de muitas coisas para eu fazer no cuidado com a casa, coisas que nunca eu tinha feito. Mas, parei para pensar: “Eu tenho que tentar, se não der certo, pelo menos tentei”. Então criei coragem, dei a cara à tapa e saí de casa, só com as coisas do quarto mesmo. Assim que saí de casa, minha mãe fez do cômodo que era meu quarto uma cozinha para ela. Para mim foi como se ela dissesse: “vai, e não tem mais jeito ele voltar não.” Depois de três semanas que havia me mudado ela veio me visitar. Outras pessoas da família já tinham vindo me visitar, mas, ela só veio depois de três semanas. Acredito que foi para ver se realmente eu estava conseguindo, pois ela duvidou que eu conseguiria. Ela pensou que eu estava vivendo com alguém, porque, eu estava fazendo coisas que eu não fazia dentro de casa, como cozinhar, lavar louça e limpar a casa, então ela veio e viu e, ainda assim, duvidou. Mas, eu disse que não estava morando com ninguém. Até hoje estou morando só e conseguindo graças a Deus, mas, quando eu terminei meu contrato e não fui efetivado, e fui contar para minha mãe, ela chorou novamente. Eu imaginei que na hora que eu contasse para ela, ela pediria para eu voltar para casa. Mas, foi totalmente o contrário. Ela disse que se eu não estava trabalhando de carteira assinada, eu poderia trabalhar avulso e se eu não conseguisse, ela me ajudaria a pagar o aluguel e eu poderia continuar no meu canto e não precisaria voltar. Na hora, eu pensei que ela não queria mais que eu voltasse para casa, mas depois, entendi que foi melhor assim. Voltei a trabalhar avulso e consegui me manter sem precisar da ajuda dela, ao contrário, eu é quem a ajudava. Eu percebi que foi muito bom ela ter feito isso, pois talvez se eu tivesse voltado, não seria o melhor para mim.

Quando eu saí de casa, a situação que mudou muito foi em relação aos meus irmãos, pois depois que eu saí de casa, não consegui mais acompanhar eles na escola. Nesse período depois que eu saí de casa eles passaram a frequentar muito pouco a escola. Eu sempre cobrava e pressionava eles, mas, a minha mãe nunca conseguiu fazer isso. Eu sempre disse para ela: “olha, no dia que eles fizessem alguma coisa errada, no dia que eles desistissem totalmente da escola e partir para fazer coisas erradas, eu sou o primeiro para chegar para você e dizer que a culpada é você. Porque você é quem manda! Mesmo que você não tenha terminado os estudos, dê o exemplo a eles, quem manda neles é você, pois até então, eles estão morando debaixo do seu teto, comendo da sua comida. Você tem que mandar neles.”

Com esse tempo morando só, eu fui amadurecendo bastante com essa questão da família. Penso que se eu perdesse alguém da família, ou alguma coisa acontecesse de ruim com a minha família, eu estaria muito preparado, muito ciente que iria aguentar e iria passar a notícia para todos. Quando meu avô ficou doente, teve depressão e acabou falecendo, minha família do interior ligou para mim, para eu dar a notícia para minha mãe. Eu conversei com ela e fui bastante forte com essa questão. Foi então que eu percebi que realmente eu poderia muito bem ajudar minha família estando no meu canto e eles lá e de vez em quando eu ser presente. De vez em quando chamar eles para comerem aqui, e muitas vezes eu, ajudar minha mãe. Hoje em dia, ela pede muito para morar comigo, mas, já tentei dividir aluguel com uma amiga e eu via que ela fazia as coisas por mim e eu não gostava, então já me acostumei. Só queria morar com ela porque eu tinha prometido a ela, e tinha que tirar ela de casa, porque ela tinha que viver a vida dela, já que ela não conseguia viver a vida dela, pois teve filho muito nova e meu avô pediu para ela sair de casa. A infância da minha mãe foi perdida e ela nunca teve uma privacidade total, de não se preocupar muito com filho. Hoje em dia, ela se preocupa muito, ainda mais com os mais velhos. Então eu prometi e me sinto no dever de trazer ela para morar comigo. Até agora não deu certo por causa da indecisão dela, porque ela quer e ao mesmo tempo não quer. Como está indecisa, ainda não entramos em um consenso, para ver o que realmente faremos.

De todos os filhos dela, acredito eu,- ela já me falou várias vezes -, eu fui o único que deu mais orgulho para ela, pois, muitas coisas que eu fiz, eu não esperei por ninguém, corri atrás e isso os outros não faziam. Então, até hoje, para resolver alguma coisa em casa, ou quando está preocupada com algo, ela vem conversar comigo para desabafar. Quando ela sai para comprar coisas para ela, como roupa, por exemplo, ela me chama para eu ajudá-la, por ser um filho que sempre dava alguma coisa pra ela no dia das mães, no aniversário dela e lembrava dela e os outros filhos nem tanto.

Eu percebi que eu precisava da ajuda dela, de ela me apoiar e me deixar ficar em

casa e eu levar quem eu quisesse para lá, mas, ao invés disso ela estava mais do lado da minha irmã. Eu não gostei muito disso, apesar de entender o lado dela. Mas, assim como eu apoiei e ainda apoio ela, esperava o mesmo da parte dela. Mas muitas vezes ela não me apoiou. Mesmo assim eu ainda sou muito ligado com a minha mãe, gosto muito dela. Para meus irmãos eu tento mostrar que se eles pararem de estudar, sofrerão as consequências disso, mas não tem jeito, e eu acredito que não posso deixar de viver minha vida, para viver por eles. Já fiz minha parte, já tentei mostrar de toda forma. Então eles vão pagar por suas escolhas, só isso.

4 O UNIVERSO SOCIOECONÔMICO E CULTURAL ONDE OS JOVENS TECELÕES HABITAM

Se nós somos, se todo o indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual (Franco Ferrarotti)

Orientada pelo paradigma do singular-plural, expresso em epígrafe, elaborei este capítulo com o intuito de localizar o ambiente socioeconômico e cultural do município onde os jovens moram, apresentando um panorama geral da situação da(s) juventude(s) brasileira(s) em geral e a maracanaense, em particular.

As fontes bibliográficas advêm da Sociologia crítica e os dados estatísticos foram colhidos de fontes oficiais, com destaque para o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e para a pesquisa “Cada Vida Importa”, realizada pelo Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência.

4.1 Um panorama nacional e local da juventude: “Cada Vida Importa”?

Meu contato com as dores, necessidades e sonhos dos jovens aguçou minha “curiosidade epistemológica” (FREIRE, 1996), lançando-me a incursões teóricas que permitissem maior proximidade com a temática. Iniciei por tentar conhecer o panorama geral da(s) juventude(s) pobre(s) brasileira, encontrando um quadro bastante preocupante. Apresento, a seguir, alguns dados de âmbitos nacional e local sobre o referido segmento.

Atualmente, somos 207.054.320⁵ de brasileiros. Desse total, 12,75% são mulheres entre 15 e 29 anos, enquanto os homens nessa mesma faixa etária representam 13,01% do total da população. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o aumento no número de jovens vem numa curva crescente, desde a década de 1940, quando a população juvenil era de 8,2 milhões de pessoas. Na década de 1970, o número de jovens chegou a 18,5 milhões de indivíduos e a proporção de crescimento se concentrava em 3,5 milhões a cada 11 anos na primeira metade dos anos de 1990. Em 1996, o total absoluto de jovens superou os 31 milhões.

Uma população diversa como a do Brasil revela muitas nuances no que se refere aos aspectos sociais, econômicos, culturais, de educação, saúde, entre outros. Como percebê-

⁵ Fonte: IBGE (2019).

las e compreendê-las em sua profundidade senão pela voz das pessoas que (con)vivem neste lugar? Ao destacar o fato de que essa população é composta por um número significativo de jovens, demonstro meu interesse em me aproximar mais uma vez desse segmento e desvelar dentre essas diversas nuances, as que os jovens, sobretudo os que vivem nas periferias urbanas, reconhecem como basilares à constituição do seu ser e dos caminhos percorridos no passado e no presente, convidando-os a realizarem um percurso de biografização.

O Censo 2010 mapeou 51.330.566 jovens de 15 a 29 anos no Brasil, o que representa um percentual de 27% sobre a população total. Há equilíbrio na distribuição de homens e mulheres na população jovem, que mora, em sua maioria, no meio urbano (84,8%). E 35,8% dos jovens ainda estudam, mas diferenças entre jovens brancos e negros já se apresentam nos índices iniciais de escolaridade. Com relação ao acesso ao mercado de trabalho, cerca de 28 milhões dos jovens brasileiros (53,5%) tinham algum trabalho em 2010. A desigualdade social se revela nas estatísticas do país e se agrava quando analisamos a realidade nordestina e de grandes centros urbanos e suas periferias. Maracanaú é um dos principais polos industriais do estado, chegando a ter a 3ª maior arrecadação. Com uma população de aproximadamente 227.886 pessoas em 2019, a cidade tem um número expressivo de famílias que se encontram na linha da pobreza ou extrema pobreza. Dessas famílias, público-alvo dos programas sociais e das ações específicas da Política de Assistência Social, vêm os membros do grupo que comigo construiu o processo de pesquisa apresentado nesta tese.

Nos últimos anos, o tema da juventude vem sendo frequentemente debatido, principalmente quando relacionado a algum acontecimento midiático, como é o caso da votação da Proposta de Emenda Constitucional – PEC 171, que trata da redução da maioridade penal de 18 para 16 anos de idade, ocorrida em julho de 2015. A aprovação do Estatuto da Juventude, Lei 12.852/2013 (BRASIL, 2013), que garante, pela letra da lei, direitos fundamentais e específicos a esta população, também virou notícia e ele vem sendo ainda bastante debatido quanto à sua implementação e participação ativa dos sujeitos de direitos diretamente envolvidos.

Ainda na esfera das políticas públicas, o governo federal lançou, em dezembro de 2013, o *Plano de Enfrentamento à Violência contra a Juventude Negra*, denominado de *Plano Juventude Viva*. Concebido pela Secretaria Nacional de Juventude da Secretaria-Geral da Presidência da República e pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, o plano visa reduzir e prevenir a violência contra a juventude negra, priorizando os territórios com os mais elevados índices de homicídios dessa parcela da população. Atualmente, o Plano tem sua implementação prevista para 142 municípios do país, entre eles todas as capitais e os

municípios que apresentam elevados números de mortalidade juvenil, especialmente negra. No Ceará, são seis os municípios que implementam ações estratégicas baseadas no Plano: Fortaleza, Maracanaú, Sobral, Caucaia, Juazeiro do Norte e Crato.

Localizado na Região Metropolitana de Fortaleza-Ceará, Maracanaú comemorou 36 anos de emancipação no último dia 06 de março. O nome atribuído ao município tem origem na Língua Tupi e quer dizer “lagoa onde as maracanãs⁶ bebem”. O município é distante 22 km, em linha reta, do centro da capital cearense e é dividido territorialmente em dois distritos: Maracanaú e Pajuçara.

Considerado um município de grande porte, Maracanaú teve sua população ampliada à taxa de 1,41% ao ano entre os Censos Demográficos de 2000 e 2010, passando de 179.732 para 209.057 habitantes. Quanto aos níveis de pobreza, no ano de 2010, em termos proporcionais, 7,0% da população encontravam-se na extrema pobreza, com incidência maior na área rural (13,2% da população na extrema pobreza na área rural e 7,0% na área urbana).

Segundo o IBGE, entre 2005 e 2009, o Produto Interno Bruto (PIB) de Maracanaú cresceu 52,8%, passando de R\$ 2.312,9 milhões para R\$ 3.534,4 milhões. A participação do PIB do município na composição do PIB estadual diminuiu de 5,65% para 5,38% no mesmo período. Em 2014, Maracanaú apresentou um PIB *per capita* de R\$ 30.684,04. Na comparação com os demais municípios do estado, sua posição era a 3ª de 184.

Entre a população total do município na ocasião do último Censo Demográfico, 13.240 (4,59% do total) encontravam-se em situação de extrema pobreza⁷. Destas, 238 (1,8%) viviam no meio rural e 13.002 (98,2%) no meio urbano.

O Censo também revelou que no município havia 1.077 crianças na extrema pobreza na faixa de 0 a 3 anos e 510 na faixa entre 4 e 5 anos. O grupo de 6 a 14 anos, por sua vez, totalizou 3.228 indivíduos na extrema pobreza, enquanto no grupo de 15 a 17 anos havia 923 jovens nessa situação. Foram registradas 764 pessoas com mais de 65 anos na extrema pobreza e 43,4% dos extremamente pobres do município têm de zero a 17 anos.

Do total de extremamente pobres no município, 6.841 são mulheres (51,7%) e 6.399 são homens (48,3%). Do total da população em extrema pobreza do município, 3.320 (25,1%) se classificaram como brancos e 9.561 (72,2%) como negros. Dentre estes últimos, 399 (3,0%) se declararam pretos e 9.162 (69,2%) pardos. Outras 359 pessoas (2,7%) se declararam

⁶ Ave característica do território.

⁷ Tomando como base as normativas do então Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, em 2010, eram consideradas famílias em extrema pobreza aquelas cuja renda familiar *per capita* mensal fosse igual ou inferior a R\$70,00.

amarelas ou indígenas.

Tabela 1 – Pessoas em situação de extrema pobreza por faixa etária, segundo o Censo Demográfico 2010

Idade	Quantidade
0 a 3 anos	1.077
4 a 5 anos	510
6 a 14 anos	3.228
15 a 17 anos	923
18 a 39 anos	4.360
40 a 59 anos	2.378
60 anos ou mais	764
Total	13.240

Fonte: Ministério da Cidadania (2019)

No aspecto relativo à educação, o Censo de 2010 revelou que no município havia 804 crianças de 0 a 3 anos na extrema pobreza não frequentando creche, o que representa 74,7% das crianças extremamente pobres nessa faixa etária. Entre aquelas de 4 a 5 anos, havia 100 crianças fora da escola (19,7 das crianças extremamente pobres nessa faixa etária) e, no grupo de 6 a 14 anos, eram 174 (5,4%). Entre os jovens de 15 a 17 anos na extrema pobreza, 261 estavam fora da escola (28,3% dos jovens extremamente pobres nessa faixa etária). Por fim, das pessoas com mais de 15 anos em extrema pobreza, 1.401 não sabiam ler ou escrever, o que representa 17,3% dos extremamente pobres nessa faixa etária. Dentre eles, 785 eram chefes de domicílio.

No que concerne ao acesso a eletricidade, água, esgotamento sanitário e coleta de lixo, 230 pessoas extremamente pobres (1,7% do total) viviam sem luz, enquanto 677 (5,1%) não contavam com captação de água adequada em suas casas. E 6.755 pessoas extremamente pobres, o equivalente a 51% do total, não tinham acesso a rede de esgoto ou fossa séptica e 1.277 (9,6%) não tinham o lixo coletado. Além disso, 709 pessoas extremamente pobres (5,4% do total) não tinham banheiro em seus domicílios e 358 (2,7%) não tinham em suas casas paredes externas construídas em alvenaria.

Na pirâmide etária, fica nítida uma das principais características da população maracanaense, que é o número significativo de jovens, especialmente entre 10 e 34 anos. Conforme exposto no Anexo B (IBGE, 2019), entre 2000 e 2010 foi verificada ampliação da população idosa, que, em termos anuais, cresceu 5,0% em média. Em 2000, esse grupo representava 5,6% da população, já em 2010 representava 7,6% do total da população.

Os dados apresentados demonstram, de forma preliminar, um cenário de grandes contrastes e o pouco acesso às riquezas produzidas no município por parte da população residente. Porém, é necessário que façamos uma incursão em aspectos particulares dessa realidade, tais como os sócio-históricos, além de uma breve caracterização da população juvenil do município, a partir das fontes oficiais.

4.2. Maracanaú: o que os números revelam

No mês de agosto de 2019, foram divulgados os dados do novo *Atlas da Violência* no país, revelando um fato alarmante sobre o município de Maracanaú, porém, não considerado uma “novidade” para seus moradores. A cidade possui alto número de arrecadação de impostos, é um dos maiores polos industriais do estado e, por consequência, possui um dos maiores PIBs *per capita*, porém, também é detentora de um título que chama atenção: o município é considerado o mais violento do país⁸. Proporcionalmente, a taxa de mortes violentas em Maracanaú é de 145,7 vítimas para cada 100 mil pessoas.

No relatório final divulgado pelo Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência, intitulado *Cada Vida Importa* (Figuras 8 e 9), o panorama do estado do Ceará é desalentador na comparação entre os estados. No *ranking* do Índice de Homicídios na Adolescência (IHA), o Ceará “supera” taxas como a do estado de São Paulo. Se em São Paulo o índice é de 1,29 homicídios por 1.000 adolescentes, no Ceará, a taxa chega a 7,74. A média nacional é de 4,8 homicídios a cada grupo de 1.000 adolescentes, entre as cidades com coeficiente mais alarmante, estão Fortaleza, com 9,92, seguida por Maracanaú, com índice de 8,81.

Entre as 20 cidades com mais de 200 mil habitantes, Maracanaú aparece em sétimo lugar. Segundo os pesquisadores, “o município da Região Metropolitana de Fortaleza perderia quase nove adolescentes antes dos 19 anos em cada grupo de mil, o que significaria 263 vidas a menos até 2018” (*Cada vida importa*, 2012, p. 52), caso não houvesse ações efetivas na prevenção da violência letal (Tabelas 2 e 3).

⁸ Para maior detalhamento, conferir: O Povo (2019); IPEA (2019).

Tabela 2 – Índice de homicídios na adolescência (IHA) nos municípios de 100 mil habitantes

Municípios	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Caucaia	1,52	2,06	2,22	1,56	2,06	4,46	2,21	4,67
Crato	2,09	1,25	1,7	1,27	2,6	2,11	0,93	2,14
Fortaleza	2,35	2,48	3,12	3,37	3,5	5,16	5,71	9,92
Itapipoca	0	1,21	0,43	1,6	0,83	0,4	2,07	1,63
Juazeiro do Norte	2,62	2,83	1,19	2,64	2,23	0,83	1,89	3,12
Maracanaú	0,77	2,6	2,9	2,89	4,49	6,46	6,01	8,81
Sobral	1,9	1,53	2,34	1,34	1,32	2,01	2,91	3,85

Fontes: relatório Cada Vida Importa (2012, p. 52)

Tabela 3 – Estimativa de morte na adolescência nos municípios de 100 mil habitantes

Municípios	2001			2012		
	IHA	População de 12 a 18 anos	Número total esperado de mortes entre 12 e 18 anos	IHA	População de 12 a 18 anos	Número total esperado de mortes entre 12 e 18 anos
Caucaia	2,21	49688	110	4,67	50226	234
Crato	0,93	16656	15	2,14	16565	35
Fortaleza	5,71	304774	1742	9,92	301354	2988
Itapipoca	2,07	18000	37	1,63	17979	29
Juazeiro do Norte	1,89	34379	65	3,12	34320	107
Maracanaú	6,01	29934	180	8,81	29797	263
Maranguape	1,25	16935	21	2,39	17100	41
Sobral	2,91	27379	80	3,85	27486	106

Fontes: relatório Cada Vida Importa (2012, p. 52)

No ano de 2013, o Ministério da Justiça lançou o Pacto Nacional pela Redução de Homicídios e, em uma lista de 81 territórios que o compõem, estão cinco municípios cearenses: Fortaleza, Maracanaú, Caucaia, Juazeiro do Norte e Sobral. O município de Maracanaú, com 73,7 homicídios por 100 mil habitantes, chega a superar a capital, com 72,7. Em 2014, o Governo Federal instituiu o Plano Juventude Viva, reconhecendo que a maioria dos homicídios no Brasil é de jovens negros das periferias. Sob a coordenação da Secretaria Nacional de Juventude e da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, a iniciativa se propunha a desenvolver ações de prevenção para reduzir a vulnerabilidade de jovens negros a situações de violência física e simbólica. Entre os 142 municípios contemplados no país, em função do *ranking* por número absoluto de homicídios contra jovens negros em 2010 e 2011, seis são do Ceará: Fortaleza, Caucaia, Crato, Juazeiro do Norte, Maracanaú e Sobral.

No relatório Cada Vida Importa (2012, p. 118), em termos de dados relativos ao Índice de Homicídios na Adolescência (IHA), o Brasil é um dos destaques, diante do panorama

alarmante apresentado, onde:

Um menino negro no Brasil tem três vezes mais chances de morrer assassinado do que um adolescente branco. O Mapa da Violência 2015 apresenta números idênticos. Em 2013, na faixa de zero a 17 anos de idade, foram vítimas de homicídio 1.127 crianças e adolescentes brancos e 4.064 negros, ou seja, 3,6 vezes mais. Ao refinar a análise, com a idade entre 16 e 17 anos, em números absolutos, foram mortos 703 brancos e 2.737 negros, isto é, 3,8 vezes mais. Entre os adolescentes de 16 e 17 anos, a taxa de homicídios de brancos foi de 24,2 por 100 mil, enquanto o índice de assassinatos de negros chegou a 66,3 em 100 mil. “A vitimização, neste caso, foi de 173,6%. Proporcionalmente, morreram quase três vezes mais negros que brancos”, compara Julio Jacobo Waiselfiz, sociólogo responsável pelo Mapa da Violência.

As vulnerabilidades e os riscos sociais vivenciados pelos maracanaenses estão demonstrados a partir de diversas fontes de dados oficiais, tais como: i) o CENSO do IBGE, ao caracterizar a população por gênero e faixa etária, destacando o acesso a renda e serviços básicos; ii) o Censo e Mapa de Riscos Pessoal e Social – CEMARIS do Governo do Estado do Ceará, que objetiva a regionalização dos riscos sociais ocorridos e notificados no estado para mapeamento e possível implantação de serviços regionalizados; iii) o Perfil Municipal elaborado pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará, que adensa informações municipalizadas por meio de dados populacionais e das diversas políticas públicas. Porém, é imperativo o destaque à violação de direitos vivenciada pelo segmento feminino. Essa tese não trouxe em seu escopo a discussão de gênero, mas é preciso que seja destacado o lugar da mulher, jovem, vítima de múltiplas vulnerabilidades e riscos, por ser mulher em um país, um estado e uma cidade como aqueles em que vivemos, tendo em vista que entre os jovens tecelões a grande maioria é composta por garotas.

Azevedo (2018) faz uma análise da conjuntura municipal no atendimento a mulheres vítimas de violações de direito e apresenta uma interessante reflexão sobre o trabalho intersetorial que é preconizado pelas normativas e o que é de fato realizado no município, tendo em vista que Maracanaú tem a oitava maior taxa de homicídios de mulheres entre os 81 territórios mais violentos que fazem parte do diagnóstico do Ministério da Justiça. Quando se fala em vítimas de violação de direitos, também nos reportamos ao atendimento a esses sujeitos e ao atendimento especializado que deveria ser viabilizado por parte do estado. Apenas Fortaleza possui Delegacia de Combate à Exploração da Criança e do Adolescente, ainda que existam outros municípios com taxas de homicídios de crianças altas – como é o caso de Juazeiro do Norte e Maracanaú – ou médias, como Caucaia.

Ainda no que tange às vulnerabilidades e aos riscos a que estão expostos os jovens maracanaenses, reporto-me a um registro feito pela pesquisa *Cada Vida Importa* sobre as

drogas no contexto brasileiro e especialmente cearense para pensarmos também na realidade municipal. O Relatório de Normas Internacionais de Prevenção ao Uso de Drogas, lançado em 2013 pelo Escritório de Drogas e Crimes da Organização das Nações Unidas, e os levantamentos realizados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas desde 1986 questionam as estratégias de distribuição de folhetos e de realização de campanhas para tentar desencorajar os jovens ao uso. Porém, a ONU evidencia que esse tipo de abordagem que não enfoca a disseminação de informações em detrimento da divulgação dos impactos negativos a respeito do uso não funciona.

Em entrevista para a pesquisa *Cada Vida Importa* (2012), o psiquiatra e representante da Associação Brasileira de Redução de Danos (Aborda), Rafael Baquit, chama atenção para um novo olhar sobre a prevenção do uso de drogas na adolescência.

Nós não estamos mais falando em combater as drogas, nós estamos falando em proteger nossos jovens e ajudar para que eles se desenvolvam de forma segura e saudável. Quanto mais os nossos jovens tiverem habilidades e potenciais sociais, habilidades para viver na nossa sociedade repleta de problemas e contradições e desafios, mais eles vão conseguir crescer saudáveis, menos esses jovens vão ter problemas relacionados ao uso de drogas (p. 441)

O uso abusivo de drogas é uma problemática enfrentada por membros de diversas famílias, no contexto de vivência de jovens tecelões, e não se dá em níveis alarmantes apenas no uso por parte dos próprios jovens, mas também e principalmente de familiares que fazem parte do núcleo parental de convívio diário. Até o ano de 2016, o Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº 8.069/90 (BRASIL, 1990) trazia, em seu artigo 19, a seguinte redação:

Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes.

Com a nova redação dada a partir da Lei nº13.257/2016, há uma ampliação na concepção de ambiente propício ao pleno desenvolvimento da criança e do adolescente, a saber: “Art. 19. É direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral”.

Tomando como base o que preconiza a legislação, é possível identificar quantas situações adversas foram enfrentadas pelos sujeitos dessa pesquisa no âmbito familiar, que, conforme a atualização de redação, aponta para a necessidade de que o desenvolvimento desses sujeitos de direitos se dê em ambiente que garanta, viabilize, proporcione seu desenvolvimento

de modo integral.

As histórias de cinco tecelões demonstram as multiformas de riscos e de vulnerabilidades a que estivera/estão expostos os jovens no contexto periférico das grandes cidades no país. A realidade vivenciada por eles não se torna díspare de muitas outras em que muitos outros jovens estão inseridos e desenvolvem-se de modo desigual quando deveriam se desenvolver de modo integral. Alguns trechos das histórias de vida demonstram a forma como estão marcadas algumas experiências no convívio com pessoas que faziam uso de substâncias psicoativas. Vejamos:

Gabriel conta que⁹:

Minha tia tinha uma pequena mercearia, e ela deixava o pote com as moedas do que ela vendia. Minha irmã enchia a mão de moeda e ia para lan house com uma amiga dela. Ela vivia nas esquinas, fumando droga com os amigos drogados que ela tinha, vivia em dance (festa) também.

Hadassah:

Na época, eles bebiam muito, tanto meu sogro como minha sogra. Quando meu sogro bebia, ficava muito agressivo e, se fizesse um tanto assim com ele, ele saía quebrando tudo. Às vezes, eles brigavam e quebravam tudo, e eu e minha filha presenciávamos tudo. Ficávamos com aquela angústia.

Clara:

Teve um tempo que ele (pai) começou a trabalhar em Fortaleza, que ele vinha, mas não tinha o dia certo para vir. Então, era um dia sim, dois não; dois dias passava em casa, no outro dia trabalhava. Sempre quando ele vinha, ele já voltava bêbado, então, eu tinha que dormir na minha avó, tanto porque minha mãe não queria que eu sofresse mais trauma tanto por conta que ele não gostava de mim, eu não sei o porquê.

Neste ponto, para demonstrar alguns dos aspectos vivenciados pelos tecelões, evidenciando o espaço onde esses jovens transitam e se formam, trago o caso particular de Hadassah a mostrar as consequências negativas de um ambiente violento e conturbado sobre o comportamento de uma adolescente:

⁹ Os trechos das histórias de vida dos cinco jovens participantes da pesquisa serão apresentados após uma pausa e virão em itálico, como forma de privilegiar suas falas.

Chega a parte mais difícil da minha vida, que foi a mais conturbada, revoltada, mais tudo, que foi quando eu completei 12 anos. Quando eu tinha essa idade, minha mãe estava trabalhando “em casa de família”. A casa que morávamos quando ela era casada foi vendida por lei, então, dividiram o valor da venda para ambos e estávamos morando com a minha tia. Morávamos eu, minha tia, minha avó, meus três irmãos e a minha mãe, que só vinha de 15 em 15 dias. Então, quem ficava responsável por nós era a minha tia. Nessa época eu já era bem revoltada, ou “mimada”, e eu não queria conselho, eu não queria saber de regras, queria viver do meu jeito. Então, eu saía, ia para a casa dos meus colegas. Por mais que fosse perto, eu teria que avisar, e hoje eu vejo que isso foi bem errado, mas eu não estava nem aí, saía e não dizia para onde eu ia, se eu ia voltar cedo, se eu ia voltar tarde e, nesse meio tempo, eu conheci várias pessoas diferentes e de várias índoles diferentes. Algumas são meus amigos até hoje, que permaneceram e que agora eu vejo que realmente são meus amigos. [...] Nesse período eu já estava tão revoltada, tão fora de controle, que, quando alguém queria colocar um limite em mim, eu me transformava de um jeito que era irreconhecível. Eu me debatia no chão, eu queria me cortar, me matar, era todo um teatro que era horrível de se ver. Minha mãe e minha tia sofreram muito por causa disso. Eu ia para a escola, quando eu voltava, não queria saber de ajudar em casa, não queria saber de meus irmãos. Aliás, a raiva que eu sentia fora, eu descontava todo no meu irmão, que é o mais novo, o Gabriel. Ele não podia nem falar, que eu já estava esmurrando o pobre do menino. Hoje eu percebo que é errado, e fico até constrangida, mas, para toda ação, existe uma reação. Eu me sinto muito culpada com isso. [...] Depois, a minha mãe soube que eu estava muito rebelde e que eu não queria obedecer a minha tia, e a minha tia não tinha essa obrigação de cuidar de mim. Então, a patroa dela, que era médica pediatra, aceitou que eu morasse lá com elas, então, fui morar em Fortaleza com ela e essa doutora, que era muito gente boa. Era um anjo, posso dizer. Ela pagava colégio para mim, pagava plano de saúde, todo o material necessário que eu precisasse, ela dava. Lá eu tinha um quarto, que era o quarto de hóspedes da casa dela, ela cedeu para mim, eu poderia arrumar do jeito que fosse necessário. Assim, eu estava confortável e, ao mesmo tempo, não, porque a situação lá era boa financeiramente, minha mãe estava comigo, mas meus colegas estavam em Maracanaú, e eu não conhecia ninguém lá, não tinha amizade com ninguém, não podia sair que era uma coisa que eu gostava demais de fazer. Lá, por ser um bairro estranho, não conhecia ninguém e era cheio de prédio, então, não tinha como socializar com outras pessoas assim tão fácil. Então, ficava me sentindo confinada, ficava me sentindo presa e eu não gostava daquilo, a única relação que eu tinha era na escola. [...] Eu sempre fui assim, queria ser da galera.

Tipo, terminou a aula mais cedo, se alguém me chamasse para ir “ali”, eu não queria saber para onde era, eu ia. Se alguém dissesse assim “vamos à casa de um colega meu?”, eu não queria saber se ele era ladrão, pistoleiro, sei lá o quê, seja lá o que for, maconheiro, estávamos indo.

Hadassah ingressou no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV aos 16 anos. Já convivia com o genitor de seus filhos desde os 14 anos e, através do trabalho realizado pelo Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, a jovem teve acesso a alguns direitos e a novas oportunidades de inserção social. Assim como ela, os demais membros do *Projeto Tear* participaram por pelo menos 2 anos das atividades do referido Serviço.

Em Maracanaú, a oferta do SCFV se dá através das 11 unidades de CRAS e através de entidades parceiras, inscritas no Conselho Municipal de Assistência Social e acompanhadas por profissionais das unidades de CRAS. Em 2018, foram atendidas cerca de 900 pessoas entre crianças, adolescentes e idosos, que são público prioritário para esse serviço. Porém, a Política de Assistência Social oferta vários outros serviços, em seus diferentes níveis de Proteção Social. Para situarmos o panorama municipal no que se refere a essa política pública, é importante abrirmos espaço para compreendermos o modo como ela se organiza no município onde vivem os jovens tecelões.

Conforme a Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS (Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993), (BRASIL, 1993), em seu “Art. 1º - A assistência social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas.” A Política de Assistência Social é organizada em dois níveis de Proteção Social, a saber: a) Proteção Social Básica: objetiva a prevenção de situações de risco, ao promover o desenvolvimento de potencialidades das famílias e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. O público-alvo são as famílias e indivíduos que se encontram em situação de vulnerabilidade social e/ou fragilidade de vínculos familiares e comunitários; b) Proteção Social Especial: objetiva o atendimento assistencial a famílias e indivíduos que se encontram em situação de risco pessoal e social em decorrência de violações de direitos agravadas. A Proteção Social Especial tem estreita interface com o sistema de garantia de direitos, o que exige uma gestão compartilhada com Poder Judiciário, Ministério Público e outros órgãos e ações do Executivo.

A fim de situarmos o meu local de atuação profissional e a política pública de assistência social acessada pelos jovens tecelões e suas famílias, apresento no quadro abaixo

(Quadro 3), de modo sintético, a definição dos serviços, em cada nível de Proteção Social, que são ofertados no município de Maracanaú, de acordo com a Tipificação dos Serviços Socioassistenciais – Resolução CNAS nº 109, de 11 de novembro de 2009 (BRASIL, 2009).

Os serviços acessados pelos jovens em questão se situam dentro da Proteção Social Básica, tendo em vista que as situações de risco e de vulnerabilidade não foram agravadas a ponto de haver violações de direito que demandassem atendimento especializado – no nível de Proteção Social Especial de Média Complexidade – ou de rompimento de vínculos que os levassem a alguma Unidade de Acolhimento Institucional – serviço do nível de Proteção Social Especial de Alta Complexidade. Vejamos o quadro para melhor compreensão da atuação dessa política pública no município de Maracanaú:

Quadro 3 - Serviços Socioassistenciais tipificados (continua)

Tipificação dos serviços socioassistenciais	
Proteção social básica	
Centros de Referência de Assistência Social – CRAS ¹⁰	
Serviço	Definição
Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família – PAIF	Consiste no trabalho social com famílias, de caráter continuado, com a finalidade de fortalecer a função protetiva das famílias, prevenir a ruptura dos seus vínculos, promover seu acesso e usufruto de direitos e contribuir na melhoria de sua qualidade de vida. Prevê o desenvolvimento de potencialidades e aquisições das famílias e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, por meio de ações de caráter preventivo, protetivo e proativo. O trabalho social do PAIF deve se utilizar também de ações nas áreas culturais para o cumprimento de seus objetivos, de modo a ampliar o universo informacional e proporcionar novas vivências às famílias usuárias do serviço. As ações do PAIF não devem possuir caráter terapêutico.
Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV	Serviço realizado em grupos, organizado a partir de percursos, de modo a garantir aquisições progressivas aos seus usuários, de acordo com o seu ciclo de vida, a fim de complementar o trabalho social com famílias e prevenir a ocorrência de situações de risco social. Forma de intervenção social planejada que cria situações desafiadoras, estimula e orienta os usuários na construção e na reconstrução de suas histórias e vivências individuais e coletivas, na família e no território. Organiza-se de modo a ampliar trocas culturais e de vivências, desenvolver o sentimento de pertença e de identidade, fortalecer vínculos familiares e incentivar a socialização e a convivência comunitária. Possui caráter preventivo e proativo, pautado na defesa e na afirmação dos direitos e no desenvolvimento de capacidades e potencialidades, com vistas ao alcance de alternativas emancipatórias para o enfrentamento da vulnerabilidade social.

¹⁰ Unidade de Atendimento que oferta os Serviços de Proteção Social Básica. Maracanaú possui 11 Unidades CRAS.

Quadro 3 - Serviços Socioassistenciais tipificados (continuação)

Tipificação dos serviços socioassistenciais	
Proteção social especial – média complexidade	
Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS ¹¹	
Serviço	Definição
Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos – PAEFI	Serviço de apoio, orientação e acompanhamento a famílias com um ou mais de seus membros em situação de ameaça ou violação de direitos. Compreende atenções e orientações direcionadas para a promoção de direitos, a preservação e o fortalecimento de vínculos familiares, comunitários e sociais e para o fortalecimento da função protetiva das famílias diante do conjunto de condições que as vulnerabilizam e/ou as submetem a situações de risco pessoal e social.
Serviço Especializado em Abordagem Social	Serviço ofertado, de forma continuada e programada, com a finalidade de assegurar trabalho social de abordagem e busca ativa que identifique, nos territórios, a incidência de trabalho infantil, exploração sexual de crianças e adolescentes, situação de rua, dentre outras. Deverão ser consideradas praças, entroncamento de estradas, fronteiras, espaços públicos onde se realizam atividades laborais, locais de intensa circulação de pessoas e existência de comércio, terminais de ônibus, trens, metrô e outros.
Serviço de Proteção Social a Adolescentes em Cumprimento de Medida Socioeducativa de Liberdade Assistida (LA) e de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC)	O serviço tem por finalidade prover atenção socioassistencial e acompanhamento a adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto, determinadas judicialmente. Deve contribuir para o acesso a direitos e para a ressignificação de valores na vida pessoal e social dos adolescentes e jovens. Para a oferta do serviço, faz-se necessária a observância da responsabilização face ao ato infracional praticado, cujos direitos e obrigações devem ser assegurados de acordo com as legislações e normativas específicas para o cumprimento da medida.
Serviço Especializado para pessoas em situação de rua	Serviço ofertado para pessoas que utilizam as ruas como espaço de moradia e/ou sobrevivência. Tem a finalidade de assegurar atendimento e atividades direcionadas para o desenvolvimento de sociabilidades, na perspectiva de fortalecimento de vínculos interpessoais e/ou familiares que oportunizem a construção de novos projetos de vida.
Acolhimento Institucional para crianças e adolescentes	Acolhimento provisório e excepcional para crianças e adolescentes de ambos os sexos, inclusive crianças e adolescentes com deficiência, sob medida de proteção (Art. 98 do Estatuto da Criança e do Adolescente) e em situação de risco pessoal e social, cujas famílias ou responsáveis se encontrem temporariamente impossibilitados de cumprirem sua função de cuidado e proteção. As unidades não devem se distanciar excessivamente, do ponto de vista geográfico e socioeconômico, da comunidade de origem das crianças e adolescentes atendidos.

¹¹ Unidade de Atendimento que oferta os Serviços de Proteção Social Especial de Média Complexidade. Maracanaú possui 1 Unidade CREAS.

Quadro 3 - Serviços Socioassistenciais tipificados (conclusão)

Tipificação dos serviços socioassistenciais	
Proteção social especial – média complexidade	
Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS ¹²	
Serviço	Definição
Acolhimento Institucional para adultos e famílias	Acolhimento provisório com estrutura para acolher com privacidade pessoas do mesmo sexo ou grupo familiar. É previsto para pessoas em situação de rua e desabrigo por abandono, migração e ausência de residência ou pessoas em trânsito e sem condições de autossustento. Deve estar distribuído no espaço urbano de forma democrática, respeitando o direito de permanência e usufruto da cidade com segurança, igualdade de condições e acesso aos serviços públicos.

Fonte: Elaborada pela autora.

Os serviços ofertados para o segmento juvenil, no âmbito da política de assistência social, caminham lado a lado com o que preconizam as legislações que dizem respeito à garantia de direitos e à promoção de um desenvolvimento integral para esses sujeitos. O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº 8.069/90 (BRASIL, 1990), decreta que

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem (incluído pela Lei nº 13.257, de 2016).

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

No que concerne à execução de atividades de caráter continuado e efetivo junto aos jovens e suas famílias, é relevante registrar que, ao longo dos últimos anos, o Governo Federal vem realizando sucessivos cortes orçamentários¹³ que incidem sobre a oferta de políticas públicas para a população mais vulnerável. O Conselho Federal de Serviço Social denuncia o fato em sua página oficial na internet ao afirmar que:

¹² Unidade de Atendimento que oferta os Serviços de Proteção Social Especial de Média Complexidade. Maracanaú possui 1 Unidade CREAS.

¹³ Para maior detalhamento, conferir: CFESS (2018); Diário do Nordeste (2019); Câmara dos deputados (2017); Mais Suas (2018).

O recente corte de quase 50% no orçamento proposto [...] no Projeto de Lei Orçamentária Anual aprofundará a precarização dos serviços, programas, projetos e benefícios ofertados a aproximadamente trinta milhões de famílias atendidas nos mais de oito mil Centros de Referência e Centros Especializados de Referência de Assistência Social (Cras e Creas), além de demais equipamentos. [...] tais cortes são não só uma continuidade aos ataques à política de Assistência Social desde 2018, mas seguem também a trilha da Proposta de Emenda Constitucional (PEC 95), que congelou os investimentos por 20 anos em todas as políticas públicas (CFESS, 2018).

Publicação da Resolução nº 20, de 13 de setembro de 2018, do Conselho Nacional de Assistência Social – CNAS, solicita a recomposição da dotação orçamentária de 2018 e da proposta orçamentária para o exercício de 2019 para a Assistência Social, porém, ainda que a dotação orçamentária fosse a prevista, seria necessária a luta pela efetivação do repasse da verba, que, até a data da publicação desta pesquisa, continua com parcelas em atraso para o Fundo Municipal de Assistência Social.

O município de Maracanaú atua junto ao segmento juvenil com ações específicas por meio da Secretaria de Juventude e Lazer – SEJULA, que promove e consolida a política de juventude no município, e tem como horizonte de atuação o diálogo com a sociedade, a promoção, a articulação e a formação de parcerias com programas que já existem no município, além do fortalecimento e da criação de redes institucionais que visam à garantia do acesso dos jovens aos serviços que as políticas públicas oferecem para este segmento.

A secretaria também visa ao estímulo e ao fortalecimento de organizações juvenis, favorecendo a participação dos espaços de representatividade juvenil, além de fomentar pesquisas sobre os grupos juvenis no município, promovendo intercâmbio de experiências, fortalecendo iniciativas voltadas para o combate a discriminações de toda natureza.

Em sua estrutura, a SEJULA organiza-se em três coordenações: 1. A Coordenação da Política da Condição Juvenil, que tem como expertise assegurar, através dos programas e projetos, todos os aspectos que correspondem à vivência digna e saudável da condição juvenil, considerando os aspectos que correspondem à vivência digna e saudável da condição juvenil, considerando os aspectos objetivos e subjetivos. 2. A Coordenação da Política de Desenvolvimento Juvenil, que articula e promove ações que contribuem na construção de projetos de vida das juventudes, orientando para as escolhas que são importantes para o ingresso na vida adulta. 3. Coordenação de Política de Lazer, que articula e promove ações que favorecem a prática do lazer e oportunizam atividades que garantam o direito ao tempo livre.

Os Programas e Projetos desenvolvidos pela primeira coordenação são¹⁴:

¹⁴ Informações extraídas do *site* oficial da Secretaria de Juventude e Lazer de Maracanaú (PREFEITURA DE MARACANAÚ, [20--])

1. Programa Estação Juventude;
2. Projeto Fala Jovem/Banco de preservativos;
3. Projeto Novo Ecoar;
4. Projeto Escola de Formação da Juventude.

Os Programas e Projetos desenvolvidos pela segunda coordenação são:

1. Projeto Pré Vest Jovem;
2. Programa Vira Vida;
3. Projeto Inserção Produtiva;
4. Projeto Feira tramos.

Os Programas e Projetos desenvolvidos pela segunda coordenação são:

1. Projeto Curtindo a Cidade;
2. Projeto Frequência Jovem.

Ao longo dos últimos três anos, a SEJULA realizou diversas atividades com vistas à execução de política de juventude no município, tendo como base os princípios preconizados pelo Estatuto da Juventude e observados por ambas as políticas públicas aqui enfocadas.

Ao realizar levantamento no *site* oficial da prefeitura municipal, elenquei ações realizadas para o segmento juvenil que foram notícia na página e as apresento a seguir de modo sintético para observarmos em que medida a política de juventude vem sendo desenvolvida em Maracanaú.

Entre 2016 e 2019, foram realizadas as seguintes ações:

1. Integração com o mercado de trabalho;
2. Projeto Novo Ecoar – capacitação de multiplicadores de educação ambiental;
3. Oficina de Coaching Gestão de Carreira;
4. Parcerias com SINE Municipal;
5. Curso preparatório para o ENEM;
6. Cadastramento Programa Jovem Aprendiz;
7. Projeto Cultura Mix – Oficinas de música, dança, teatro, capoeira e parkour;
8. Cursos profissionalizantes de: lojista, empreendedor criativo, linguagem de programação, oficina cultural;

9. Palestras sobre projetos de vida;
10. Incentivo a projetos nas escolas – Rádio Cultural;
11. Participação em ações comunitárias;
12. Workshop de empregabilidade;
13. Campanha de prevenção ao suicídio;
14. Curso de Redação;
15. Campanha Outubro Rosa;
16. Semana Internacional da Juventude;
17. I Encontro de Jovens e Adolescentes do Siqueira;
18. Curso Formação de Lideranças Juvenis;
19. Parceria com SENAI com a oferta de cursos técnicos;
20. Programa Identidade Jovem – documento de identificação para jovens de 15 a 29 anos, para garantir mais direitos e acessibilidade a lazer, esporte e cultura aos jovens do município;
21. Workshop história em quadrinho;
22. Caminhada de prevenção às drogas;
23. Inauguração, junto com o governo do estado, da Praça da Juventude;
24. Juventude em Movimento – 1ª via de documentação, palestras, curso de defesa pessoal, serviços de saúde, jogos esportivos, ritmos e atividades lúdicas;
25. Programa Curso de Férias;
26. Atividades esportivas no bairro Acaracuzinho;
27. 2ª edição do Hip Hop Battle 2018;
28. Cursos profissionalizantes – Rotinas administrativas, Imagem pessoal e profissional, Rotinas farmacêuticas, Connect Class (inglês), Secretariado, Empreendedorismo.
29. Reativação do Conselho Municipal de Juventude;
30. Juventude + Teq – Curso de Linguagem de programação utilizando as ferramentas Scratch e Code;
31. Juventude + Cultura – Break, rap, poesia, música ao vivo.
32. Oficina para empreendedores;
33. Cursos rápidos: Elaboração de currículo; Meu novo emprego; Telemarketing e Windows 10.
34. Cursos profissionalizantes: Cabeleireiro Unissex e Auxiliar de eletricista;
35. Projeto Inova Jovem – empreendedorismo para a moçada da comunidade;
36. Curso de violão;
37. Aquarela Festival – Bandas locais;
38. Oficina Juventude e Educação;
39. Corrida de Rua da Juventude;
40. Campeonato de Breaking Solidário;

41. Cursos profissionalizantes: Youtuber, Gestão de RH, Gestão Administrativa, Telemarketing, Informática, Excel, Desenvolvimento de aplicativos, Recepcionista, Atendimento ao cliente, Atendimento de farmácia e Logística de programação.

A partir desse levantamento, faço destaque ao que ambas as políticas públicas apresentadas têm buscado alcançar à luz das disposições do Estatuto da Juventude, mas, antes, é preciso que se dê o devido destaque ao que a própria letra da Lei nº 12.852/2013 (BRASIL, 2013), que institui o Estatuto da Juventude (EJ), traz em sua definição no que se refere ao público considerado jovem no Brasil:

Art. 1º - Esta Lei institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.

§ 2º Aos adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos, aplica-se a Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente, e, excepcionalmente, este Estatuto, quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente.

Portanto, há de se considerar que ambas as legislações tratam da proteção integral dos sujeitos de direito que se encontram na faixa etária entre 15 e 18 anos, porém, o ECA é a legislação primeira quando se trata desse público específico.

As políticas de assistência social e de juventude atuam de modo complementar e realizam ações que observam os princípios trazidos pelo EJ, principalmente aqueles que dizem respeito à promoção da autonomia e à emancipação¹⁵ dos jovens, à valorização e à promoção da participação social e política, de forma direta e por meio de suas representações, ao reconhecimento do jovem como sujeito de direitos, ao respeito à identidade e à diversidade individual e coletiva da juventude; à promoção da vida segura, da cultura da paz, da solidariedade e da não discriminação; e à valorização do diálogo e do convívio do jovem com as demais gerações.

Os direitos garantidos pela lei dizem respeito à educação, à profissionalização, ao trabalho e à renda, à saúde, à cultura, à comunicação e à liberdade de expressão, ao desporto e ao lazer, ao território e à mobilidade, à sustentabilidade e ao meio ambiente, à segurança pública e ao acesso à Justiça. Mas, a partir das histórias de vida dos cinco tecelões, é possível identificar uma série de direitos que não foram viabilizados/garantidos desde suas infâncias.

¹⁵ A emancipação dos jovens de que trata o inciso I do caput se refere à trajetória de inclusão, liberdade e participação do jovem na vida em sociedade, e não ao instituto da emancipação disciplinado pela Lei Nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 – Código Civil (BRASIL, 2002).

Assim como o ECA, o EJ também destaca a importância do ambiente em que se vive, para garantir o pleno desenvolvimento do sujeito. Vejamos (BRASIL, 2013):

Art. 37. Todos os jovens têm direito de viver em um ambiente seguro, sem violência, com garantia da sua incolumidade física e mental, sendo-lhes asseguradas a igualdade de oportunidades e facilidades para seu aperfeiçoamento intelectual, cultural e social.

Porém, os diversos fatores de risco a que estão expostos e identificados através das falas dos jovens apontam para um retrato cruel de nossa sociedade desigual e violadora de direitos fundamentais que garantem a dignidade humana.

Para concluir as reflexões que apresentei neste capítulo, trago um trecho do relatório Cada Vida Importa (2012), quando, ao observar os diversos diagnósticos construídos nos últimos anos pelas fontes oficiais, tais como os do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece), que localizam as regiões com as melhores e piores condições de vida, o texto do relatório aponta que:

Os governos têm em mãos, portanto, o diagnóstico dos problemas realizado por órgãos fundamentais para uma gestão pública eficiente, as pastas de planejamento. Mas não adianta planejar bem sem que a execução corresponda a essa etapa anterior da administração (p. 519).

Ao longo da tessitura desta tese, perguntei-me inúmeras vezes sobre como chegar efetivamente aos jovens por meio das políticas públicas, e este trecho do relatório representa, em parte, o que para mim soa como o elemento mais fatídico nesta reflexão:

‘Nós temos que superar essa página no Brasil da política feita na base do achismo, ela deve ser feita na base da racionalidade’, observa Daniel Cerqueira, técnico de planejamento e pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que identificou como uma realidade nacional a concentração de homicídios em determinadas áreas, o que facilitaria a tomada de decisões para enfrentar a violência. Metade dos homicídios no Brasil acontece em apenas 81 de um total de 5.570 municípios. Entre os 81, estão Fortaleza, Maracanaú, Caucaia, Juazeiro do Norte e Sobral. As mortes estão concentradas espacialmente. Quando a gente olha o Brasil, um país de dimensões continentais, que responde por mais de 10% dos homicídios do mundo, parece uma tarefa inglória, impossível, fazer políticas para diminuir a violência. Mas, quando a gente olha o grupo onde esses casos acontecem, a gente vê que são muito concentrados. Se a gente olhar dentro desses municípios, a gente vê que não existem municípios violentos. Eu cheguei à conclusão de que existem municípios com bairros muito violentos. Então, quando você vai olhar a distribuição espacial desses municípios, grande parte está concentrada em uma meia dúzia de bairros”, explica o pesquisador do Ipea. (p. 519)

A realidade dos dois bairros em que residem os nossos tecelões é permeada por conflitos territoriais e violência urbana, porém, em comparação com outras localidades do município, apresenta uma realidade menos adversa. Para fins de situar essa breve

caracterização, reuni alguns aspectos extraídos do Cadastro Único para Programas Sociais¹⁶ – CadÚnico do Governo Federal, cujo banco de dados caracteriza a população com renda *per capita* de ½ salário mínimo ou renda familiar total de até 3 salários mínimos, e por território de referência¹⁷ de CRAS.

O CRAS de referência das famílias dos tecelões atende um total de seis (6) bairros. Nestes, residem 3.342 famílias de baixa renda, perfazendo um total de 9.454 pessoas. Nos dois bairros onde moram os tecelões, residem 1.470 famílias, 4.095 pessoas. Desse total, são 300 sujeitos beneficiários do Benefício de Prestação Continuada¹⁸ e 509 famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família¹⁹. A renda *per capita* dos dois bairros em questão é a maior dentre os seis (6) atendidos pelo mesmo CRAS, sendo, respectivamente: R\$ 319,33 e R\$ 298,00 por componente familiar. Porém, ainda que sejam consideradas as “maiores” rendas *per capita*, do total de famílias inscritas no CadÚnico, somando o total de famílias que possuem renda maior que R\$ 954,00, são apenas 21.

A caracterização da população é proporcionalmente correspondente à caracterização dos jovens tecelões: a maioria esmagadora é de mulheres, negras.

Ao anunciar a caracterização dos tecelões e todo o contexto em que vivem, convido cada leitora e leitor à etapa mais intensa desta tese. No capítulo que segue, faremos, eu e você, uma incursão pelo universo dos jovens tecelões, e é necessário que estejamos atentos no entrelaçar dos fios dessa urdidura. Até aqui, foram muitos fios que prepararam nosso processo de tear, mas os contornos do tecido são mais bonitos e instigadores a partir desse fio, que entra no tear agora. Vamos juntos?

¹⁶ O Cadastro Único é um conjunto de informações sobre as famílias brasileiras em situação de pobreza e extrema pobreza. Essas informações são utilizadas pelo Governo Federal, pelos estados e pelos municípios para a implementação de políticas públicas capazes de promover melhoria na vida dessas famílias.

¹⁷ Território de referência é a abrangência territorial de atendimento. Cada Unidade de CRAS atende determinada delimitação territorial, que é definida por diversos critérios, tais como: capacidade de atendimento, proximidade/localização, reconhecimento da comunidade.

¹⁸ O Benefício de Prestação Continuada (BPC) é a garantia de um salário mínimo mensal à pessoa com mais de 65 anos que não possui renda suficiente para manter a si mesmo e a sua família, conforme os critérios definidos na legislação. Além de comprovar a idade mínima, para ter direito, é necessário que a renda por pessoa do grupo familiar seja inferior a 1/4 do salário-mínimo. Esta renda será avaliada considerando-se o salário do beneficiário, do esposo(a) ou companheiro(a), dos irmãos solteiros, dos filhos e enteados solteiros e os menores tutelados, desde que residam na mesma casa. Por se tratar de um benefício assistencial, não é necessário ter contribuído para o INSS para ter direito a ele. No entanto, este benefício não paga 13º salário e não deixa pensão por morte.

¹⁹ É um programa de transferência direta de renda, direcionado às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País, de modo que consigam superar a situação de vulnerabilidade e pobreza. O programa busca garantir a essas famílias o direito à alimentação e o acesso à educação e à saúde. Em todo o Brasil, mais de 13,9 milhões de famílias são atendidas pelo Bolsa Família.

5 NA TRAMA DA VIDA: O QUE O ENTRELAÇAR DOS FIOS REVELA?

“O aprendizado da vida, sem dúvida, não acontece sem o aprendizado dos contratempos, condição importante para o acesso para a sua realidade dialética, seu devir, sua formação permanente”. (Gaston Pineau)

Neste capítulo fiz a análise das histórias de vida apresentadas no capítulo anterior, conforme as “categorias emergentes” surgidas na análise textual discursiva: negação de direitos, relações familiares, presença de tutores de resiliência e crenças e pertencimentos religiosos. Após repetidas leituras das histórias de vida, estando “impregnada” dos sentidos que carregavam, identifiquei a recorrência e importância de tais categorias.

O suporte teórico para sustentar a análise triangulada (STECANELA, 2008) realizada, foi aquela indicada no capítulo 01 desta tese, acrescida de autores que tratavam de temas mais específicos sobre família, situação da mulher na sociedade contemporânea, políticas públicas para as juventudes e religiosidade. Os marcos legais advindos do Estatuto da Crianças e do Adolescente e do Estatuto da Juventude também foram importantes na análise.

Segui o caminho analítico tentando estabelecer as devidas conexões entre três dimensões: “os conteúdos de vida dos jovens – interlocutores empíricos; os referenciais teóricos – interlocutores teóricos; e os objetivos, problema de pesquisa e subjetividades do olhar da pesquisadora – conhecimentos tácitos.” (STECANELLA, 2008, p. 15)

5.1. Vidas marcadas pela negação de direitos fundamentais

A luta em defesa dos direitos da criança e do adolescente tem uma história permeada de conquistas que visavam superar a noção de menoridade, construindo uma perspectiva de proteção integral. De acordo com Cury (2008, p. 36):

Deve-se entender a proteção integral como o conjunto de direitos que são próprios apenas dos cidadãos imaturos; estes direitos, diferentemente daqueles fundamentais reconhecidos a todos os cidadãos, concretizam-se em pretensões nem tanto em relação à um comportamento negativo (Abster-se da violação daqueles direitos) quanto a um comportamento positivo por parte da autoridade pública e dos outros cidadãos.

Em grandes linhas, vejamos a posição do Brasil acompanhando as lutas internacionais que, em um longo processo, formularam a noção da criança e do adolescente como sujeitos de direito.

Em 1924 a Assembleia da Liga das Nações adotou a Declaração de Genebra dos Direitos da Criança. Porém, o impacto necessário ao pleno reconhecimento internacional dos

direitos da criança, não aconteceu; possivelmente em decorrência do previsível insucesso da Liga das Nações.

No Brasil, em 12 de outubro de 1927, o presidente Washington Luiz assinou a primeira lei dedicada à proteção da infância e da adolescência. Esta lei ficou conhecida como “Código de Menores” e eliminou a prática de prisão de jovens antes dos 18 anos: premissa da inimputabilidade, ainda questionada nos dias de hoje. A “Agência Senado”²⁰ fez o seguinte comentário sobre o referido código:

A pioneira lei, que foi construída com a colaboração do Senado, marcou uma inflexão no país. Até então, a Justiça era inclemente com os pequenos infratores. Pelo Código Penal de 1890, criado após a queda do Império, crianças podiam ser levadas aos tribunais a partir dos 9 anos da mesma forma que os criminosos adultos.

Crianças e adolescentes pobres eram vistos de duas maneiras: a) com desconfiança e condenação prévia - para eles eram lançados adjetivos como delinquentes, pivetes, entre outros; b) com piedade por uma “infância desvalida” que não teve o devido preparo moral na família. Esta perspectiva gerou práticas caritativas e, posteriormente, políticas assistencialistas. O que perdurava era uma visão punitiva e a concepção de que o Estado deveria tirar as crianças das famílias pobres, colocando-as em reformatórios. No início do século XX a estatística da miséria era alarmante. As cidades inchavam com o início da industrialização sem que uma infraestrutura de apoio educacional fosse preparada para as crianças que terminavam por vagar nas ruas ou eram submetidas a jornadas intensas de trabalho.

Somente com a Declaração Universal dos Direitos do Homem, em 1948, o reconhecimento da criança como sujeito que deve receber cuidados e atenção especiais. A partir desse marco legislativo foi criado um sistema pelo qual as Nações Unidas passaram a proteger a considerar os direitos da criança e a sensibilizar a comunidade internacional para o surgimento de um instrumento específico relativo aos direitos da criança.

Em 1959 as Nações Unidas proclamaram a Declaração Universal dos Direitos da Criança, onde era reafirmada a importância da garantia da universalidade dos direitos da criança. A criança pela primeira vez na história, passa a ser considerada sujeito de direitos e prioridade absoluta para sua garantia.

Tendo como base os princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e na Declaração Universal dos Direitos da Criança, de 1959, a Conferência Mundial sobre

²⁰ AGÊNCIA SENADO. **Crianças iam para a cadeia no Brasil até a década de 1920**. 2015. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/07/07/criancas-iam-para-a-cadeia-no-brasil-ate-a-decada-de-1920>. Acesso em: 10 set. 2019.

os Direitos Humanos promoveu em 1989 a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança.

Essa Convenção trouxe o princípio da proteção integral que contribuiu para a elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente no ano seguinte (Lei 8069/90). Já em sintonia com os princípios cidadãos e da noção de que o melhor interesse das pessoas em desenvolvimento deveria ser respeitado, em 1988, a Constituição Federal, no artigo 227 (BRASIL, 2010), proclamava:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada Pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010) [...]

Esta conquista também foi fruto de ampla mobilização da sociedade civil e, sobretudo, do Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (MNMNR)²¹, que neste período apresentava alternativas comunitárias de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua e apresentava novas experiências, que criticavam a forma com que eram conduzidas as políticas voltadas a este seguimento.

Após a ditadura militar, o MNMNR já trazia a articulação nacional e colocava a perspectiva de que a criança de rua é um sujeito de sua própria história, um sujeito político capaz de defender seus próprios direitos. Com a força do movimento e a participação efetiva no processo pró-constituente, foram inseridas sugestões apresentadas pelo movimento no texto final da Carta Magna, conforme apresentado anteriormente.

O movimento encontrava-se bem articulado em todo o país. O Fórum Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente estava instituído, e começou a trabalhar numa perspectiva da necessidade da regulamentação do artigo 227 da Constituição cidadã. Os primeiros escritos foram elaborados por atores sociais do Sistema de Garantia de Direitos e se encontravam na forma de Normas Gerais para a Infância e Adolescência, que fundamentaram o Estatuto da Criança e do Adolescente, lei aprovada em 13 de julho de 1990.

Os direitos fundamentais instituídos pelo ECA (BRASIL, 1990), foram previstos nos Artigos 3º e 4º, a saber:

Art. 3 - A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes

²¹ Sobre a ação deste movimento no estado do Ceará, cf. Barra (2014).

facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 4 – É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Vejamos, em que medidas tais direitos foram garantidos ou negados aos jovens participantes da pesquisa, a partir de suas próprias narrativas.

A partir das histórias de vida dos jovens, identifiquei que diversos direitos fundamentais elencados no ECA não são garantidos em sua plenitude. A realidade dos sujeitos e de suas famílias é permeada pela não garantia de direitos. Paradoxalmente, chama a atenção o fato de ainda haver muito desconhecimento em relação aos seus direitos, por parte das famílias, o que impossibilita a exigência da efetivação de políticas públicas que viabilizem o acesso a esses direitos.

É verdade que os jovens em questão, por terem participado por algum período das atividades desenvolvidas pela Política de Assistência Social no município, acessaram e conheceram alguns desses direitos e isso chama a atenção em suas falas, como é o caso de William:

Quando eu terminei o Ensino Médio vi meus irmãos mais novos muito desinteressados. A maioria dos mais velhos não terminaram o Ensino Médio e optaram por comprar certificado. Eu, por ter terminado o Ensino Médio e ter passado por isso tudo - que foi difícil, eu perder parte da minha infância para trabalhar, mas, não ter nunca desistido de estudar – era mais fácil eu dar exemplo para meus irmãos. Eu tinha como dar exemplo a eles e fazer com que eles não desistissem dos estudos. Ai eu cobrava deles, minha mãe não podia cobrar. Então eu passei a cobrar deles, a levá-los para a escola, acompanhá-los na reunião de escola, e estava dando tudo certo.²²

Neste trecho da história de vida de William, destaco o papel que ele tomou para si no cuidado com os irmãos mais novos e com a garantia do direito deles à educação. Ele aponta, em outros momentos da narrativa, o quanto foi difícil conseguir concluir o Ensino Médio, e o que este fato trouxe de positivo e negativo para ele. A baixa escolaridade da mãe e do padrasto, o afastamento da escola por parte dos irmãos mais velhos e a dificuldade de manter os irmãos mais novos na escola, evidenciam um ciclo que passa de geração em geração. Aqui não está em

²² Os trechos das histórias de vida dos cinco jovens participantes da pesquisa serão apresentados após uma pausa e virão em itálico, como forma de privilegiar suas falas.

jogo a não oferta de vaga ou a inexistência da instituição escolar, mas, principalmente as condições objetivas necessárias para o acesso e permanência dos educandos. William e os irmãos vivenciam a insuficiência de recursos básicos para a subsistência, tais como a alimentação. Esta, é uma realidade que decorre da insuficiência de renda que por sua vez, está atrelada aos vínculos empregatícios fragilizados ou inexistentes a que estão submetidos. Este ciclo demonstra o quanto as políticas públicas necessitam avançar para que o presente e o futuro da população entre em consonância com as prerrogativas legais que a Carta Magna e os acordos nacionais e internacionais de que o Brasil é signatário saiam do plano imaterial.

Kauane também revela em sua história de vida a realidade de negação de direito à educação a que estiveram submetidas suas irmãs, que assim como os de William, não conseguiram concluir a Educação Básica. Além desse fato, as narrativas dos dois jovens evidenciam a falta de estímulo que receberam por parte dos pais. Em registros feitos em meu diário de itinerância resgatei memórias de alguns momentos em que comentavam que os pais não faziam acompanhamento à sua vida escolar e demonstravam pouco ou nenhum interesse por essa área da vida dos jovens. Esse discurso esteve presente em diálogos informais com pelo menos três jovens.

Minha formatura foi muito legal, meu pai foi, mesmo ele não se importando muito para esses eventos de escola, mas ele viu que tinha que participar pelo menos uma vez na vida, até porque, das minhas irmãs todas, eu fui a única que concluiu o ensino médio. (Kauane).

Quando eu saí de casa, a situação que mudou muito foi em relação aos meus irmãos, pois depois que eu saí de casa, não consegui mais acompanhar eles na escola. Nesse período depois que eu saí de casa eles passaram a frequentar muito pouco a escola. Eu sempre cobrava e pressionava eles, mas, a minha mãe nunca conseguiu fazer isso. Eu sempre disse para ela: “olha, no dia que eles fizessem alguma coisa errada, no dia que eles desistissem totalmente da escola e partir para fazer coisas erradas, eu sou o primeiro para chegar para você e dizer que a culpada é você. Porque você é quem manda! Mesmo que você não tenha terminado os estudos, dê o exemplo a eles, quem manda neles é você, pois até então, eles estão morando debaixo do seu teto, comendo da sua comida. Você tem que mandar neles.” (William)

As situações de vulnerabilidade a que estiveram expostos, repercutem diretamente no acesso e/ou permanência na escola. Dentre essas múltiplas situações está a gravidez não planejada na adolescência. Hadassah descreveu sua experiência, e em conversas informais, apontou este acontecimento como um dos fatos mais marcantes de sua vida. A retomada aos

estudos foi um desafio para ela pois, a dinâmica familiar não favorecia, além disso, a jovem relatou que ao menor sinal de dificuldade já pensava em desistir. Graças à Educação de Jovens e Adultos (EJA), acessada através do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) de Maracanaú, foi possível conseguir concluir o Ensino Médio e recuperar a autoestima, retomando planos de aperfeiçoamento profissional e pessoal anteriormente deixados de lado.

[Eu e Alex] namoramos por um ano e eu engravidei da minha filha mais velha quando ainda tinha 14 anos. [...] Quando eu tive minha filha mais velha, eu saí da escola, não terminei o ensino fundamental, acho que eu estava no 8º ou 9º ano, eu parei e não fui mais, fui ser mãe. (Hadassah)

As violações de direito aparecem com intensidade nas narrativas e descortinam a realidade vivenciada por eles e que, até a realização do CRB, não fora verbalizada. Existe uma vasta discussão acerca do caráter multidimensional do conceito de pobreza (CRESPO; GUROVITZ, 2002; KAGEYAMA; HOFFMANN, 2006; ARAÚJO; MORAIS, CRUZ, 2013; OTTONELLI; MARIANO, 2014). A ausência de recursos materiais para a subsistência, o não acesso a políticas públicas de garantia de direitos, a fragilidade de vínculos empregatícios e diversas outras dimensões podem ser consideradas neste constructo.

Por meio das histórias de vida dos jovens tecelões foi possível identificar dimensões dos riscos e vulnerabilidades as quais estiveram expostos e que permanecem em constante movimento para superar/romper. Um deles, foi a necessidade de procurar fontes de renda em face da insegurança alimentar. Vejamos a narrativa de William a este respeito:

Aos 10 anos, eu saí de casa para trabalhar, pois eu não queria ficar em casa, não gostava. Não tinha o que fazer em casa, então eu fui em busca de trabalho, mesmo que fosse avulso. O importante era que eu ganhasse algum dinheiro, para eu poder comprar minhas coisas, porque minha mãe não tinha condições de dar tudo o que os 10 filhos dela pediam. Ela dava só o básico, e pronto. Houve um tempo que passamos muita necessidade e chegávamos a pedir comida para os vizinhos. Então eu resolvi, por minha conta própria ir procurar emprego. Não foi pedido de minha mãe nem nada, eu queria apenas comprar minhas próprias coisas.

O trabalho infantil vivenciado por William é uma realidade nos bairros periféricos de Maracanaú, especialmente em locais como a CEASA. Esta problemática vivenciada por diversas famílias do município se dá em decorrência da insuficiência de renda, resultado de uma desigual distribuição da riqueza produzida no município, como demonstrado no capítulo

3, no item no qual trato do panorama municipal.

William vivenciou o trabalho infantil também devido a insegurança alimentar que sua família enfrentava. Essa vulnerabilidade é vivenciada por cinco dentre os cinco jovens tecelões. Clara relembra alguns dos momentos em que ela e a mãe enfrentaram a fome:

Durante a gravidez dela [mãe de Clara], ela teve que trabalhar muito, porque ela morava de aluguel e o meu pai trabalhava em uma banca de frutas e ganhava quase nada. Minha mãe, muitas vezes tinha que andar de bicicleta, lá da colônia, lá do mutirão, para minha avó, para poder eu ter comida, eu ser alimentada.

A insegurança alimentar narrada pelos jovens tecelões é aquela que diz respeito à não possuírem garantias financeiras de prover uma refeição e adquirir a próxima mas, também, a de não ingerirem quantidade suficiente de nutrientes necessários para uma nutrição adequada. Para Silva e Takagi (2004) enfrentam insegurança alimentar aqueles que

Comem pouco por falta de renda, os que comem inadequadamente porque não ingerem os nutrientes necessários para uma vida saudável, embora possam até ingerir a quantidade necessária de calorias e proteínas; [...] e também os que comem demasiadamente, necessitando de uma reeducação alimentar. (SILVA; TAKAGI, 2004, p. 44)

Apesar dos próprios informantes não considerarem, todos eles vivenciam situações de insegurança alimentar, que é uma violação ao direito humano à alimentação adequada²³.

As questões de acesso à saúde, no que diz respeito ao acompanhamento e cura de enfermidades também esteve presente nas narrativas. Hadassah teve que interromper um acompanhamento psicológico porque não tinha como pagar o transporte. Raquel vivenciou as dificuldades no cuidado com a mãe, que possui um linfodema, desde a primeira infância.

Ela [mãe de Raquel] engravidou aos 17 anos. [...] Depois que ela engravidou, a doença dela agravou por causa da circulação, ela passou muito tempo tendo muitas crises. Quando ela tem crise, a perna dela fica o dobro do tamanho e fica toda dolorida, às vezes fica muito quente, não consegue encostar o pé no chão, não consegue se levantar. Quando eu era pequena, e morávamos só eu e ela, era bem difícil, porque quando ela tinha essas crises, nem sempre eu conseguia ajudá-la, pois ela não conseguia se levantar. A minha tia às vezes ia lá em casa ajudar a gente, só que na maioria das vezes, quem fazia as coisas era eu. Eu tinha que

²³ Para maior detalhamento dessa discussão em âmbito nacional e local cf. Nunes e Andrade (2011) e Cacau (2016).

a ajudar a ir ao banheiro, a tomar banho, eu tinha que lavar a louça, lavar roupa, tinha que fazer o almoço e eu tinha escola.

A insuficiência de renda enfrentada pela família da Raquel, aliada ao estado de saúde da mãe levou-os a terem que se abrigar na residência de um familiar. Aqui vemos, também, a instabilidade financeira vivenciada de forma longitudinal:

Quando eu era pequena passamos todas essas dificuldades com meu pai, no começo. Uma vez, uma tia minha apareceu lá em casa, acho que eu tinha três anos e viu todas as dificuldades que estávamos passando, naquela casa, sem nada, com muita dificuldade, porque era a mãe doente e eu também. Ela nos convidou para morarmos com ela, porque ela tinha uma casa que estava em reforma, só estava com as paredes levantadas e o teto, não tinha porta, não tinha instalação de luz, de água, não tinha nada. A família da minha mãe morava toda no bairro Cágado. A irmã da minha mãe morava perto da gente, só que como ela era casada com o Noé e ele não gostava da minha mãe e não podíamos ir pra lá, porque ele achava ruim. Minha tia queria ajudar, mas ela não podia. O máximo que ela podia fazer, ela fazia, mas ajudar como ela queria, ela não podia, porque, ela era casada com ele, justamente porque ela não tinha condições de sustentar os filhos dela, que eram todos pequenos. Essa minha tia levou a gente para lá. Fomos eu, minha mãe e minha avó. A casa que ficamos não tinha porta, nem energia elétrica, nem água, não tinha nada. No dia seguinte de nossa chegada minha tia chamou uma pessoa para colocar a porta e a janela na casa, a COELCE para instalar a luz e a Cagece para instalar água. Demorou um dia para conseguirmos nos estabelecer na casa. Minha avó colocou umas plantações de feijão, macaxeira e outras coisas. Essa plantação ajudava bastante na nossa sobrevivência. Minha mãe sempre pedia dinheiro ao meu pai porque eu era criança e criança necessita de leite, de mingau, essas coisas. Mas, o dinheiro que ele dava não era o suficiente, mas ajudava a complementar o que já tinha. Passamos 3 anos lá, depois voltamos e voltou toda a dificuldade de novo.

As problemáticas enfrentadas pela família de Raquel, durante sua infância, permeada pela insuficiência de renda e acesso aos serviços de saúde comprometido são agravadas pela ausência da avó materna, que era a figura provedora de bens materiais. O vínculo empregatício que não garantia direitos básicos; tais como férias anuais e jornada de trabalho de 44 horas semanais conquistados por meio da Lei Complementar nº150/2015, não permitia que a avó de Raquel levasse até a família os meios materiais de sobrevivência.

Antes da minha avó se aposentar, a minha tia se separou do marido e nesta época, posso dizer que foi muito difícil, porque a casa era pequena, tinha muitas pessoas na casa e não tínhamos nenhum dinheiro. Passamos cerca de três meses sem energia em casa, comprávamos comida quando minha avó chegava do trabalho e ela passava alguns dias com a gente. O dinheiro que ela recebia, era todo para fazer compras para casa e pagar as contas. Mas, era muito difícil ela aparecer lá em casa, porque ela não podia sair, porque a patroa dela não dava folgas regularmente e nem férias.

Os fatores de vulnerabilidade até aqui apresentados tiveram desdobramentos significativos nas histórias de alguns destes jovens, como o caso do trabalho infantil que William foi submetido. Hadassah, aos 12 anos foi vítima de violência sexual e a instabilidade ou mesmo insuficiência de renda é apontada por ela como um fator que a deixou vulnerável ao violador:

Eu me relacionei muito com essas pessoas, me envolvi muito e com isso me deixei levar pelas situações. Foi aí que piorou tudo. Eu ouvia um conselho aqui, outro ali, e com 12 anos, eu conheci uma pessoa, que já era muito mais velha do que eu, eu tinha 12 e a pessoa tinha 25, então era uma diferença de idade muito grande. Essa pessoa era casada, aliás, até hoje é casada e ainda tem um filho. Só que com essa idade, eu não tinha mentalidade do que era certo e do que era errado. Até poderia ter, mas eu não queria aceitar a verdade. Então, escondido da minha mãe e do meu pai, escondido de todo mundo, eu me relacionei com essa pessoa, essa pessoa ficou prometendo mundos e fundos para mim. Porque nessa época vivíamos em uma situação financeira muito difícil, até porque minha mãe não tinha estudo, ela não trabalhava para ganhar remuneração boa. Vivíamos em uma situação financeira ruim, e ele prometia mundos e fundos: que ia melhorar a vida da gente, que ia ajudar, se eu desse alguma coisa em troca. Que foi justamente a relação sexual. A partir daí eu comecei a ter a minha vida sexual ativa com esse homem, e ele prometia várias coisas e na verdade, prometeu e não aconteceu nada. Foi quando minha mãe descobriu que eu estava sendo vítima de pedofilia e o denunciou. Ele era conhecido de toda nossa família, morava perto, a família dele morava perto da nossa casa, e ainda temos contato com o resto da família dele, pois os vemos de vez em quando. Mas, toda a família se mudou por causa disso, porque ele tinha que manter distância e morando perto, quase em frente, não tinha como. Por isso ele foi embora.

Clara sofreu violências psicológicas múltiplas: sentimento de rejeição, insegurança afetiva, medo por ver o pai alcoolizado e espancando a própria mãe.

Teve um tempo que ele (seu pai) começou a trabalhar em Fortaleza. Ele vinha, mas não tinha o dia certo para vir. Então, era um dia sim, dois não; dois dias passava em casa, no outro dia trabalhava. Sempre quando ele vinha, ele já voltava bêbado, então eu tinha que dormir na minha avó, tanto porque minha mãe não queria que eu sofresse mais trauma, tanto por conta que ele não gostava de mim, eu não sei o porquê. Ele estranhava, dizia que eu não era filha dele, e eu muitas vezes tinha medo pela forma que ele me tratava. Me perguntava: Por que ele me tratava assim de uma forma que para as outras pessoas podia ser normal, mas para mim, não era. Além dele me maltratar, outra hora ele queria me abraçar. Mas, um abraço que não era de amor de pai para filha. Então eu sempre fui afastada, eu cresci sendo revoltada, eu cresci sendo a pessoa que sou hoje.

A violência psicológica sofrida por Clara trouxe várias implicações para seu comportamento e autoestima. Em diversas situações, a jovem fala sobre si com expressões que a menosprezam, tais como: “sou uma pessoa difícil”; “sou chata”; “sou ignorante”. Quando a indaguei, em um encontro da fase exploratória desta pesquisa, se essa era a percepção que ela mesma possuía de si, ela respondeu que nunca havia pensado a respeito, e que eram outras pessoas que a consideravam “difícil”, “chata” e “ignorante”. Notei que ela modificou seu comportamento nos encontros grupais e começou a dar mais atenção ao trabalho de autoconhecimento que foi construído dia após dia no Projeto Tear.

Múltiplas formas de violência psicológica sofridas no cotidiano dos jovens tecelões foram identificadas, especialmente no meio familiar. Deste fato emergiu uma das categorias de análise, a qual tratarei com mais vagar no item que se segue. Mas, o chamamento necessário é o de que as políticas públicas possam ser mais eficazes na prevenção e combate às violações de direitos que muitas crianças e adolescentes vem sendo vítimas. O ECA acaba de completar 29 anos e ainda há um longo percurso pela frente para a defesa dos direitos preconizados nessa legislação. A eficiência dos programas governamentais pode ser demonstrada através dos números que comprovam seu alcance junto à população, a participação e a continuidade de suas ações, e de fato, são elementos fundamentais. Porém, deve importar também saber o que contribuiu para a vida destes sujeitos em termos qualitativos. Um fato que merece reflexão é o modo com que os jovens não enfatizaram a participação em projetos governamentais, tendo sido citado por apenas dois jovens.

Quando estava terminando o Ensino Médio fui me inscrever no Serviço de Convivência do CRAS, pois eu queria curso, para poder acrescentar no meu currículo, pois aprendi na escola, que precisávamos de um currículo para conseguir emprego, e quanto mais coisas no currículo melhor. Busquei o CRAS, o SENAI, e eu consegui! Hoje em dia tenho 25 cursos e não quero mais fazer curso na minha vida! Porque fiz todo tipo de curso, até cursos que não eram da minha área, pois aproveitava todas as oportunidades. Quando estava frequentando o Serviço de Convivência no CRAS, a Hadassah me falou sobre o Projeto “Vira Vida” que era um projeto do SESI e eu então falei com o educador social sobre minha participação nesse projeto, pois, era através do CRAS que fazíamos as inscrições, mas, ele me disse que eu não estava preparado totalmente para fazer. Mas, eu achei que estava preparado e fui em busca de informações diretamente no SESI, e acabei sendo incluído no Projeto. Eu cheguei no Vira Vida com uma expectativa grande, porque era uma coisa que ia passar o dia todo e a noite ia para a escola e da escola ia trabalhar, e então ia ocupar meu tempo todo. Eu cheguei no “Vira Vida” com muito entusiasmo. (William)

Foi quando descobrimos o CRAS e que o CRAS ajudava a inscrever no Bolsa Família. Foi quando eu me inscrevi, porque eu estava inscrita no cadastro da minha mãe, e como eu constitui família e eu tive que abrir um próprio cadastro. Fiquei recebendo por mim, minha filha mais velha e meu marido. (Hadassah)

Quando conheci o serviço de convivência eu já tinha minha primeira filha, comecei a fazer parte nem era serviço de convivência ainda, era CRAS, era PROJOVEM, que era lá no Jereissati. Eu comecei a fazer e mudou para cá, e virou serviço de convivência. Em 2015, eu estava no serviço, até em uma dinâmica parecida com essa, eu contei a minha vida e a senhorita [referindo-se a esta pesquisadora] e uma outra pessoa me apresentaram o “Vira Vida”. Fui fazer parte do Vira Vida, passei um ano e seis meses me especializando e tal e peguei engravidei durante o curso do terceiro, do Ítalo, mesmo assim, não desisti, continuei indo, até porque, eu queria, eu não queria mais aquela vida de antes. Eu queria dar o que eu não tive para os meus filhos, então eu focava muito nisso. Isso foi minha força para continuar. (Hadassah)

O questionamento sobre em que medida os programas de assistência social do município de Maracanaú contribuíram para minorar o sofrimento desses jovens permaneceu comigo, pois o não-dito me levou a crer que havia ficado alguma lacuna na atuação que eu mesma havia presenciado enquanto trabalhadora e técnica do CRAS. Porém, esta indagação permaneceu comigo até eu identificar que eles demonstravam a relevância do que viveram no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV, ao lembrar, nos momentos

informais de conversa, atividades externas realizadas, oportunidades viabilizadas pela participação, acesso à benefícios socioassistenciais, aproximação e partilha com os colegas e com os funcionários do CRAS e demonstrando que o vínculo construído entre eles, iniciado no referido serviço era significativo.

O não-dito verbalmente pode ser experienciado e demonstrado por outros meios e os jovens tecelões dessa pesquisa desde que os conheci me convidaram/convidam a enxergar além do que os olhos me permitem.

5.2 Relações familiares conflituosas

No artigo 226 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), a família é concebida como “base da sociedade” tendo especial proteção do Estado. Em tese essa instituição, que pode apresentar diferentes configurações, deveria ser uma estrutura essencial à humanização e à socialização da criança e do adolescente, espaço ideal e privilegiado para o desenvolvimento integral dos indivíduos. No entanto, as narrativas juvenis apontaram para um quadro diverso, permeado de conflitos e de dificuldades materiais.

A literatura que se ocupa da história social das crianças, dos adolescentes e das famílias mostra que estas encontraram ao longo da história brasileira, e ainda encontram, inúmeras dificuldades para proteger e educar seus filhos. Tais dificuldades foram traduzidas pelo Estado em um discurso sobre uma pretensa “incapacidade” da família em relação à orientação de seus filhos. Na minha dissertação (PINTO, 2014, p. 74) mostrei que:

Por muito tempo, este foi o argumento ideológico utilizado pelo Estado para justificar o desenvolvimento de políticas paternalistas voltadas para o controle e a contenção social, principalmente para a população mais pobre, demonstrando total descaso pela preservação de seus vínculos familiares. Essa desqualificação das famílias em situação de pobreza, tratadas como incapazes, deu sustentação à prática recorrente da suspensão provisória do poder familiar ou da destituição dos pais e de seus deveres em relação aos filhos. Segundo esta lógica instituída pelo “sistema de proteção e assistência”, sobretudo, durante o século passado, permitiu que qualquer criança ou adolescente, por sua condição de pobreza, estivesse sujeita a ação da Justiça e da assistência, que sob o argumento de “prender para proteger” confinavam-nas em grandes instituições totais.

No caso dos jovens da presente pesquisa, nenhum passou pela experiência de ruptura total de vínculo familiar, mas as múltiplas tensões intrafamiliares marcaram suas vidas, levando a afastamentos periódicos, conforme expresso na fala de Gabriel:

A família do meu pai vivia na nossa casa, que era numa rua do lado. Uma vez, a minha tia paterna chegou lá e meus pais tinham discutido, então a minha tia chegou lá fingindo

que estava lavando a louça para fofocar da vida da minha mãe, porque ela não gostava da minha mãe, nenhuma pessoa da família dele gostava da minha mãe. Aí eles se separaram por causa da família mesmo...porque ele tinha muito ciúme dela e a minha tia materna não podia nem entrar lá dentro e nem minha vó materna porque senão ele crucificava elas. Aí nós fomos para casa da minha tia materna e da minha avó. A gente ficou morando lá acho que uns seis a oito anos. Nesse período a gente era muito pobre. A minha mãe dormia às vezes no chão. Eu e as minhas irmãs dormíamos de rede.

Pereira-Pereira (2004, p. 36) traz elementos para desmistificar a noção idealizada de família como “uma ilha de virtudes e de consensos”. Nos relatos dos jovens foi recorrente a presença de diferentes formas de violência intrafamiliar, seja física e/ou psicológica:

Teve um tempo que ele (o pai) começou a trabalhar em Fortaleza, que ele vinha, mas não tinha o dia certo para vir. Então era um dia sim, dois não; dois dias passava em casa, no outro dia trabalhava. Sempre quando ele vinha, ele já voltava bêbado, então eu tinha que dormir na minha avó, tanto porque minha mãe não queria que eu sofresse mais trauma, tanto por conta que ele não gostava de mim, eu não sei o porquê. Ele estranhava, dizia que eu não era filha dele, e eu muitas vezes tinha medo pela forma que ele me tratava. Me perguntava: Por que ele me tratava assim de uma forma que para as outras pessoas podia ser normal, mas para mim, não era. Além dele me maltratar, outra hora ele queria me abraçar. Mas, um abraço que não era de amor de pai para filha. Então eu sempre fui afastada, eu cresci sendo revoltada, eu cresci sendo a pessoa que sou hoje. Então, além de ver a minha mãe sofrendo, ainda via parte dos meus irmãos sofrendo, que eu tinha que deixar meus irmãos sozinhos com ela e com ele para poder dormir na minha avó por essas questões. Teve uma vez quando eu estava no fundamental, no 6º ano, no meio do ano, ele chegou e foi logo espancando a minha mãe. Na mesma hora estava passando uma viatura do Ronda (polícia militar) e prendeu ele em flagrante. Ele passou uns dezesseis dias na cadeia. Durante esses dezesseis dias atrapalhou muito a minha vida na escola, porque já era o tempo de prova, as provas bimestrais, então eu perdi tudo. Porque eu tinha que ficar com meus irmãos de manhã, para minha mãe poder ir para a delegacia com a minha tia resolver as coisas. (Clara)

Passou um tempo, em agosto de 2017 foi o pior momento que eu já passei na minha vida, apesar de todos, porque ele chegou, para todo mundo, ele era um crente, que todo mundo queria ser igual a ele, que ele era muito santo, que ele era isso e aquilo, mas só Deus sabia como passávamos dentro de casa. Ele chegou falando cada coisa, esculhambando a minha

mãe, falando todo tipo de nome, batendo na minha mãe, queria me bater também. A minha tia chegou bem na hora e expulsou ele de casa, disse que se ele não saísse ia chamar a polícia de novo. Então ele saiu. Depois desse dia, a gente vem seguindo nossa vida com luta, porque era ruim com ele, mas também está sendo pior em questão da parte financeira, porque, enquanto, ele saiu, já tivemos a energia cortada, já passamos um mês, dois sem energia. Agora recentemente ficamos sem água, porque recebemos a pensão, mas não dá para pagar quase nada. Não dá para a mãe me manter no curso, não dá para minha mãe pagar água e luz, e manter a gente dentro de casa. Então toda vida que eu vejo ele, mesmo que eu possa falar de perdão, eu possa aconselhar uma pessoa, mas eu aconselho uma coisa que eu não vivo, porquê? Para mim eu nunca tive um pai e eu nunca vou ter. Eu não considero ele como meu pai, não é à toa que quando as pessoas falam: o pai da Clara, eu corrijo, eu chamo ele pelo nome dele, eu passo por ele e finjo que ele é um desconhecido. Ele liga para minha mãe, e pergunta sobre mim, mas eu não gosto que a minha mãe fale da minha vida para ele. Então, é um sentimento que está no meu coração, que eu quero tirar, mas permanece ali. É uma coisa muito difícil de explicar. Tipo, eu me sinto muito vezes culpada por tudo. Às vezes, eu penso que se eu fosse uma pessoa diferente, não teria acontecido tudo que aconteceu, se eu fosse diferente da minha mãe, tivesse denunciado ele, na primeira vez que eu vi ele batendo na minha mãe, minha mãe não teria passado por cada coisa. Então as pessoas me criticam muito, mas sem saber da história realmente. As pessoas me criticam, por não chamar ele de pai, por não considerar ele como pai, por eu ter me tornado diferente desde quando ele saiu de casa, porque eu chamava ele de pai, mas era forçado, obrigado, não era porque eu queria, era tipo obrigação. (Clara)

Na família estão presentes elementos de apoio, principalmente de figuras femininas, seja a mãe, a avó ou uma tia, mas, ao mesmo tempo é permeada de elementos traumatizantes como a presença de alcóolicos que trazem insegurança e geram traumas ou de um pai que pratica violência doméstica espancando a mãe. Com Pereira-Pereira (2004, p. 36) podemos caracterizar a família como um núcleo permeado de contradições, pois

[...] como toda e qualquer instituição social, deve ser encarada como uma unidade simultaneamente forte e fraca. Forte, porque ela é de fato um *locus* privilegiado de solidariedades, no qual os indivíduos podem encontrar refúgio contra o desamparo e a insegurança da existência. Forte, ainda, por que é nela que se dá, de regra, a reprodução humana, a socialização das crianças, e a transmissão de ensinamentos que perduram pela vida inteira das pessoas. Mas, ela também é frágil, ‘pelo fato de não estar livre de despotismos, violências, confinamentos, desencontros e rupturas.

Identifiquei, fortemente, a supremacia do masculino nos seus traços mais perversos, conforme indicado nas narrativas que seguem:

Lembro de uma vez que ele chegou do trabalho, e era tempo de Copa do mundo, o povo tem mania de fazer aquelas tiras, aquelas tiras tipo São João, e quando ele chegou e passou no caminhão arrastou tudo, até um poste. Uma vez ele chegou do trabalho e viu que as três meninas, a Raquel, a Rebeca e a Hadassah, brincaram de me maquiar e brincaram de boneca comigo e ele brigou com elas. (Gabriel)

Quando minha mãe se recuperou mais, e eu estava um pouco maior, ela começou a procurar meu pai para poder conseguir comprar alguma coisa para mim com a pensão, que era meu direito. Só que para ela conseguir dinheiro para alguma coisa, ela tinha que se humilhar para poder conseguir pelo menos 30 reais. Ela me falou de um episódio em que ela foi a procura dele, eu estava na casa da minha tia, e quando ela estava lá ele chegou. Ela pediu dinheiro a ele e ele começou a discutir com ela, brigar com ela. Minha mãe me disse que ao ver eles dois brigando eu comecei a chorar. A minha tia mandou ele criar vergonha na cara e parar de brigar, porque estavam na minha frente. Meu pai no começo foi bem covarde, porque ele traía a minha mãe há muito tempo e hoje em dia ele é casado com essa mulher que ele traía ela. (Raquel)

Outras mães passaram pela mesma humilhação que a mãe de Raquel viveu, por falta de condições básicas de sobrevivência, submetendo-se a abusos para manter a subsistência dos filhos, tornando o terrível ditado popular “ruim com ele, pior sem ele” sua realidade.

Lembro que quando era criança nós morávamos em uma casa grande com quintal bem grande. Eu lembro que nessa época meu pai maltratava a minha mãe, não era com agressão física, era maltrato verbal. Ela vivia só de blusa e short, uma blusa velha frouxa, e ele tinha muito ciúme dela e ela sabia que toda noite ele traía ela. Eu acho que ela não se separou dele por causa de nós mesmo. Nós, nessa época, éramos muito pobres e não tínhamos condição de nos sustentar. Por isso eu acho que ela não se separou dele, porque era ele que botava comida na mesa (Gabriel).

A mãe de Hadassah assumiu em momentos distintos de sua vida, papéis diferentes na provisão de subsistência da família. Na narrativa da jovem, a mãe exercia um papel de resignação frente aos maus-tratos que sofria do marido. Foram anos de conflitos intrafamiliares e sendo subjugada pelo companheiro.

Minha mãe ainda era casada com meu pai, morávamos em uma casa e eles colocaram um ponto de venda de verduras e frutas, porque meu pai naquela época já

trabalhava na CEASA, e então ficava mais fácil ele comprar para revender. Minha mãe ficava em casa para vender as mercadorias e ficar com os filhos e ele ia trabalhar na CEASA. Somos três irmãos: eu, Gabriel e Rebeca. (Hadassah)

Quando o casal se separou, a insuficiência de renda e os vínculos fragilizados de trabalho levaram ao surgimento e/ou fortalecimento de situações de vulnerabilidade no cotidiano da família.

Lembro também que minha mãe trabalhava muito para dar mais oportunidade para nós, ela se virava, vendia cachorro-quente, vendia outras coisas, também. Eu não lembro o porquê da separação dos meus pais, pois quando aconteceu eu tinha entre nove e dez anos, mais ou menos. Eles se separaram, e minha mãe nunca contou o motivo específico, mas ela conta para gente que ela sofreu muito. (Hadassah)

Pereira-Pereira (2004, p. 38) comenta sobre o fenômeno da reestruturação da família contemporânea, “gerida e sustentada pelas mulheres” e, fazendo coro com as feministas, realça o acúmulo de funções assumidos pelas mulheres. Ela indaga: “[...] quem, na família contemporânea, arcará com o encargo de cuidar cotidianamente de crianças, enfermos, idosos debilitados, além de assumir as responsabilidades de provisão e gestão do lar?”

A narrativa de Raquel responde à pergunta anterior, mostrando que são as mulheres a arcar com os encargos mais pesados e permanente:

Minha mãe tem um problema chamado Linfodema e na época estava bem agravado e devido a gravidez ficou muito mais, a perna dela chegou a ficar preta, ela não conseguia andar. Por ele ter ido embora, ela acabou ficando com depressão, porque estava em uma situação difícil. Ela doente e eu, recém-nascida, estava doente, porque tinha um problema de alergia e estava muito grave. Minha avó trabalhava e era difícil porque as vezes ela vinha e saía do emprego para poder cuidar da gente. (Raquel) Quando ela tem crise, a perna dela fica o dobro do tamanho e fica toda dolorida, as vezes fica muito quente, não consegue encostar o pé no chão, não consegue se levantar. Quando eu era pequena, e morávamos só eu e ela, era bem difícil, porque quando ela tinha essas crises, nem sempre eu conseguia ajuda-la, pois ela não conseguia se levantar. A minha tia às vezes ia lá em casa ajudar a gente, só que na maioria das vezes, quem fazia as coisas era eu. Eu tinha que a ajudar a ir ao banheiro, a tomar banho, eu tinha que lavar a louça, lavar roupa, tinha que fazer o almoço e eu tinha escola. Foi difícil? Foi. Mas, apesar de todas as coisas que ela passou, ela sempre foi uma mulher muito forte. Ela

sempre andou para todo lugar, ela não fica quieta, ela sempre me incentivou muito a lutar pelas minhas coisas e nunca esperar por ninguém.

Apesar da legislação – Constituição Federal e Código Civil - ter avançado no aspecto da complementariedade de papéis entre homens e mulheres, nas representações sociais e na prática “[...] é das mulheres que se espera a renúncia das conquistas no campo do trabalho e da cidadania social, pois, se presume que o foco central de suas preocupações continua sendo a casa, enquanto o do homem ainda é o local de trabalho.” (PEREIRA-PEREIRA, 2004, p. 39)

A insuficiência de renda é um retrato que se repete nas famílias dos jovens sujeitos desta pesquisa, e essa vulnerabilidade trouxe diversos agravos para todos os membros. As violências física e psicológica são as mais comumente representadas nas narrativas, e constatadas através de dados municipais e também pelos profissionais que atuam junto a essa população, assim como eu.

Antes da minha avó se aposentar, a minha tia se separou do marido e nesta época, posso dizer que foi muito difícil, porque a casa era pequena, tinha muitas pessoas na casa e não tínhamos nenhum dinheiro. Passamos cerca de três meses sem energia em casa, comprávamos comida quando minha avó chegava do trabalho e ela passava alguns dias com a gente. O dinheiro que ela recebia, era todo para fazer compras para casa e pagar as contas. Mas, era muito difícil ela aparecer lá em casa, porque ela não podia sair, porque a patroa dela não dava folgas regularmente e nem férias. Quando éramos pequenas, nós íamos muito para o trabalho da minha avó. Passávamos as férias lá. (Raquel)

Durante a gravidez [de Clara], ela teve que trabalhar muito, porque ela morava de aluguel e o meu pai trabalhava em uma banca de frutas e ganhava quase nada. Minha mãe, muitas vezes tinha que andar de bicicleta, lá da colônia, lá do mutirão, para minha avó, para poder eu ter comida, eu ser alimentada e além disso, minha mãe também já sofria por conta do meu pai. Então a minha infância toda foi vendo aquele sofrimento, vendo a amargura da minha mãe, presa ao marido, não podia falar, não podia se expressar, muitas vezes ele batia nela, na minha presença. No dia seguinte, minha mãe tinha que vestir uma roupa longa para ninguém ver as marcas. (Clara)

Ao assumir a responsabilidade de cuidar e amparar a família, especialmente os filhos, muitas mulheres enfrentam terríveis dilemas entre sobreviver e viver.

Teve um dia que a minha mãe foi para casa e eu fiz um escândalo para ficar, foi

quando ela decidiu deixar, largar o emprego, porque ela nem podia me deixar aqui só para poder ir trabalhar, porque, só Deus sabe onde é que eu estava envolvida, podia até morrer e ela resolveu ficar. Ou das duas, uma: morríamos de fome ou eu morria literalmente. Ela optou por ficar em casa, para cuidar de mim. Foi quando eu tive um acompanhamento com a psicóloga, que ela conseguiu no Albert Sabin, eu ia toda semana. Lá conversava com a psicóloga, perguntava, por que disso, por que essa raiva, por que eu descontava, ela perguntava tudo e nos entendíamos muito bem. Foi quando eu comecei a melhorar, não gritava mais, não ficava querendo me matar, não ficava me jogando no chão e já estava começando a tratar os familiares diferente. (Hadassah)

Raquel reconheceu que chegou a ser o que é por causa da sua mãe, que mesmo passando por muitas dificuldades durante toda a vida, desde a infância, até o momento em que conheceu seu pai, sempre esteve do seu lado: *“Ela engravidou aos 17 anos. Depois que ela conheceu meu pai, foi só desgraça. Depois que ela engravidou, a doença dela agravou por causa da circulação, ela passou muito tempo tendo muitas crises”*.

Nas famílias dos jovens partícipes está arraigada uma cultura machista e sexista que separa nitidamente os lugares de atuação e de poder de homens e de mulheres. Nessa esteira, o modelo aceito é o heteronormativo, daí a persistência de discriminações em relação àqueles cuja orientação destoava desse padrão. William sofreu as consequências de tais crenças quando resolveu assumir sua homossexualidade.

Minha mãe não falava nada sobre o assunto, nem meus irmãos. Até hoje eu não entendo se a minha mãe falou para a minha irmã - que é “crente” - ou se ela deduziu. Porque, os meus outros irmãos deduziram que ele seria alguma coisa minha, mas, também nunca falaram nada. Já a minha irmã, eu não sei se a minha mãe contou ou não, mas, o fato é que depois que ele foi embora, ela mudou totalmente comigo. Na época ela ajudava muito na nossa casa, então tudo que ela colocava dentro de casa, eu não podia comer de jeito nenhum. Tudo que ela comia, eu não podia comer de jeito nenhum. Se eu estivesse em um lugar e eu chegasse, ela saía. Ela não queria ficar perto de mim e eu imaginei que seria por isso. Até um dia que a minha mãe me disse assim: “Aquele menino não pode mais dormir aqui!” Mas, ele só tinha dormido aqueles quatro dias e pronto. E continuou: “Não pode mais dormir aqui, pois sua irmã conversou comigo e disse que não ajudaria mais em casa se ele dormisse aqui ou estivesse aqui”. Eu quis argumentar com ela: “Mãe, a senhora é que é a dona da casa, a senhora é quem manda!”. Mas, ela insistiu, pois como minha irmã é quem “colocava as coisas em casa”

teríamos que aceitar. Na época, eu ajudava pouco, pois não trabalhava formalmente e então, tive que me calar. Esse foi um período muito difícil. Me doía tanto chegar em casa e estar no mesmo ambiente que minha irmã e ela me tratar daquela forma. Se eu já não vivia muito em casa, nesse período eu ficava ainda mais tempo fora. (William)

Desta fala podemos ressaltar ainda, um elemento importante a reforçar os preconceitos contra os homossexuais: a cosmovisão evangélica neopentecostal. A dimensão da religiosidade, presente nas narrativas de todos os jovens será tratada com mais vagar no item 5.4.

Em síntese as configurações familiares se apresentaram complexas, havendo trânsito entre regimes afetivos que oscilam entre “o amor-possessão éros” e o “amor-doação ágape”. Conforme Pineau (2012, p. 203) tais formas estreitam ou liberam energias relacionais. Vimos que a tônica familiar é a do conflito permanente e extensivo a parentes próximos. Em todas as famílias ocorreram violência doméstica, abusos, adultério, negligência material e abandono afetivo, sobretudo da figura paterna, falta de privacidade em face do constante trânsito de familiares nas residências. As falas abaixo ilustram os três últimos aspectos anteriormente citados:

Em relação ao meu irmão, filho da minha mãe, ele está morando conosco agora, já faz seis meses. Ele era casado, estava em um relacionamento de 12 anos, então resolveu se separar da mulher e veio morar aqui conosco. Eu não gosto disso porque eu gosto de ter minha liberdade dentro de casa, eu gosto de ficar sozinha, mas é isso mesmo. Não me sinto muito confortável com ele aqui, ele nunca morou com a gente, ele foi criado com a madrinha dele porque minha mãe não podia criar ele por conta do trabalho e porque já cuidava da minha outra irmã e não tinha condições de criar ele. Eu nunca tive uma convivência diária com ele, agora eu tenho. Ele é personal trainner e está tentando comprar uma moto e procurando um lugar para morar. Se Deus quiser, que seja logo. Já com minha irmã, nós convivemos muito tempo juntas, muito tempo mesmo, a gente brigava demais, eu sofri muito. Por isso que agora dou graças a Deus por ela estar na casa dela porque ela é uma mulher muito difícil de lidar. (Kauane)

Depois de um tempo minha tia conseguiu se aposentar por causa do problema de saúde que ela tem e ela estava conseguindo viver junto com a minha prima. Meu padrasto teve que mudar de emprego porque ele trabalhava pegando muito peso, uns caixotes de refrigerante muito pesados e em grande quantidade o dia todo. Para não ter um problema mais grave nas

costas ele passou a trabalhar com entrega de mercadorias. Nessa época eu acho que meu pai ainda não dava pensão em dinheiro. Ele fazia umas compras com R\$200,00 para gente se sustentar. Minha tia se mudou para nossa casa e voltamos a morar todos juntos. Como meu pai não fazia as compras direito, ele começou a dar o dinheiro. Foi quando eu comprei uma bola de leite para mim, que eu ainda lembro dos desenhos, que era da Hotwels azul e eu comecei a brincar com a bola numa areazinha que tinha lá em casa. Eu ficava brincando de bola lá, chutando na parede por que não tinha pai. Então comecei a brincar com uns amigos da escola, por que nessa época eu fui estudar no Rui Barbosa, que é uma escola perto da minha casa, por que a outra escola que estava estudando ela só ensinava até o 5º ano. (Gabriel)

Eu morava com minha mãe e com o meu padrasto e eu não me dava bem com o meu padrasto porque quando conheci meu marido, um mês depois, a minha mãe conheceu esse meu padrasto e no outro dia, ele já foi morar lá na nossa casa. Eu não entendi por quê. Eu não gostava disso, porque eu tinha ciúme, não nos dávamos muito bem na época. Depois que minha filha mais velha nasceu, eu tive uma briga muito grande com meu padrasto e ele me expulsou de casa e essa foi outra fase horrível que eu tive que viver: morar com a minha sogra. Não tinha para onde ir, ele não trabalhava, eu também não trabalhava, nem tínhamos terminado os estudos e nem idade para isso. Fui morar com minha sogra e meu marido arranhou um emprego. Eu ficava em casa, só que era muito tormento, porque a minha sogra é praticamente o cão. Então foi um momento muito difícil, do mesmo jeito que meu marido tem mania de limpeza, o pai dele também tem, e é muito pior e eu já sou o contrário de tudo isso, eu já sou bagunceira. (Hadassah)

Vimos que à mulher coube o lugar do sacrifício e de suporte para o desenvolvimento dos filhos, reproduzindo-se, assim, a histórica subalternidade feminina e, em certa medida, a perpetuação da imagem da “rainha do lar” e da “super-mãe” que a todos protege. Para além dos estereótipos as mulheres apareceram nas narrativas como importante fator de proteção, provendo estabilidade e compensando a ausência de harmonia familiar. Veremos, no item que segue, as avós, tias, primas, amigas e mães como as principais “tutoras de resiliência”.

5.3 Processos resilientes e presença de “tutores de resiliência” na trajetória dos jovens

Nas histórias de vida dos jovens, não identifiquei “tutores de resiliência explícita”, ou seja, aqueles profissionais da psicologia e da educação que, de alguma maneira, marcaram as trajetórias destes seres em desenvolvimento. Veremos, no desenrolar deste item que a escola não foi citada como instituição significativa para o estreitamento de vínculos afetivos e da

articulação de sentidos, fundamentais, segundo o pioneiro dos estudos sobre resiliência, Boris Cyrulnik (2005). Foi possível localizar “tutores de resiliência implícitos”. Estes últimos “[...] são escolhidos pela criança (padres, atletas, artistas ou pares)” (CYRULNIK 2013, p. 197). Em qualquer uma das classificações, os tutores têm papel preponderante nas respostas resilientes, mas, infelizmente, os educadores parecem ainda não compreender a importância que têm nas vidas de crianças e jovens que passam por dificuldades materiais e dificuldades psíquicas de convivência com um mundo que lhes negam direitos fundamentais.

A partir da elaboração deste importante pesquisador sobre resiliência fica a pergunta: a família não deveria ser considerada como tutora de resiliência? Vi que Hadassah foi a única jovem que apontou sua família como fator fundamental para que ela enfrentasse suas dificuldades, dando uma resposta positiva e programando um futuro:

Agora tenho visto, que eu tenho muito apoio, apoio familiar! Coisa que eu não via antes. Vamos dizer que meus olhos e minha mente estavam fechados. Foi um choque de realidade depois que minha avó faleceu e que eu vi que estava perdendo meu tempo com coisas banais. Então eu comecei a batalhar; terminei o ensino fundamental, o curso, coisas que eu começava uma coisa e não continuava. Parava na metade do caminho, já tentei começar outros cursos também, mas eu não terminei como o curso de informática. Gente, eu estou perdendo tempo, minha vida está passando, e o que eu vou poder mostrar para meus filhos, quando eles crescerem, o que eu vou poder apresentar para eles, como mãe, como pessoa? Foi, quando eu comecei a batalhar mais, a querer mais, a buscar mais. Sem dúvidas, minha família foi uma grande ajuda no final das contas. (Hadassah)

Pai, mãe, irmãos e demais parentes são pessoas fundamentais para a formação básica dos jovens. Todos são educadores não profissionais e podem ser nossos tutores de resiliência. Quando Cyrulnik (2005) trata sobre crianças que perderam suas referências afetivas de forma definitiva, seja na figura paterna ou materna, elas ficam sem sua “estrela-guia”, precisando, assim, buscar apoio no “resto da constelação”. Carvalho *et al.* (2014, p.592) lembram que este resto da constelação “[...] pode ser um adulto disponível, num espaço institucional que, na grande maioria das vezes, é significado de escuta e disponibilidade para acolher uma gama variada de demandas que podem, inclusive, adquirir as cores do conflito”.

Antes de trazer outras falas dos jovens a indicarem seus processos resilientes e seus tutores de resiliência, abro um parêntese para discorrer, com mais vagar, sobre a resiliência enquanto categoria teórica utilizada nas ciências do humano.

Conforme Assis, Pesce e Avanci (2006), desde o final da década de 1970, o conceito de resiliência começou a ser estudado com mais afinco pela Sociologia e pela Psiquiatria, definindo-a como a capacidade de resistir às adversidades, a força necessária para a saúde mental estabelecer-se durante a vida, mesmo após a exposição a riscos. Posteriormente, passou a ser compreendida como “a habilidade de se acomodar e de se reequilibrar constantemente frente às adversidades (p. 98).”

Cotidianamente, pessoas superam e constroem caminhos positivos diante das circunstâncias difíceis, enquanto outras sucumbem mais facilmente frente aos obstáculos. Onde estaria o diferencial? Quais fatores biológicos ou socioculturais determinariam tais diferenças? A resiliência já foi entendida como sinônimo de invulnerabilidade, como capacidade individual de adaptação bem-sucedida em um ambiente “desajustado” e como qualidades flexíveis do ser humano. Porém, a noção de resiliência vem ganhando complexidade, sendo abordada como um processo dinâmico que envolve a interação entre processos sociais e intrapsíquicos de risco e de proteção. A resiliência está ancorada em dois grandes polos: o da adversidade, representado pelos eventos desfavoráveis, e o da proteção, voltado para a compreensão de fatores internos e externos ao indivíduo, mas que o levam necessariamente a uma reconstrução singular diante do sofrimento causado por uma adversidade.

Os estudos sobre resiliência avançaram de modo a superar perspectivas inatistas e de ajustamento social. Grotberg (2007) destaca novas interpretações surgidas, novas ideias a respeito da natureza da resiliência e novos desafios para revisar ideias antigas. Porém, em Yunes (2003) e Baron (2014) identifiquei perspectivas no campo da psicologia positiva e da abordagem ecológica que contribuíram com a presente pesquisa, na medida em que pensam a criança e o adolescente em seu processo de desenvolvimento, inserido na realidade brasileira de permanente negação de direitos. Para Baron (2014, p. 21) é necessário lidar com o conceito de resiliência

[...] como uma possibilidade de enfrentamento do traumatismo insidioso – porque cotidiano – do desemprego social, resultante de nossas políticas públicas, construindo-se como agenciamento coletivo que produz uma manobra de transformação subjetiva, um dispositivo de construção de novas posições subjetivas diante do mundo, e não apenas a superação de uma situação.

Voltando a Grotberg (2007) vi importantes sinais nas mudanças de sentido para a resiliência. Ela pesquisou as características das crianças que viviam em condições adversas e eram capazes de superá-las e de diferenciá-las das que viviam nas mesmas condições, mas sem capacidade de vencer ou enfrentar positivamente a experiência. Em seu grupo de pesquisa identificou o papel do desenvolvimento humano na capacidade de ser resiliente. Neste intuito

foram criadas formas de promoção, de acordo com a fase da vida. Sendo contextualizada de acordo as etapas da vida, a promoção da resiliência, é possível, segundo a autora, ter um guia a respeito do procedimento de cada etapa do desenvolvimento e também promover novos fatores a adotar sobre a base dos já desenvolvidos em etapas anteriores. Um exemplo apresentado pela autora é o da necessidade de apoio que uma criança pequena tem, em comparação com uma criança mais velha. Quanto maior é a criança, menor é a necessidade de apoio externo, em comparação com uma de menor idade.

Grotberg (2005, p. 16) identificou fatores resilientes e os organizou em quatro categorias: eu tenho (apoio); eu sou e eu estou (relativo ao desenvolvimento da força intrapsíquica); eu posso (aquisição de habilidades interpessoais e resolução de conflitos).

Eu tenho:

Pessoas do entorno em quem confio e que me querem incondicionalmente.
 Pessoas que me põem limites para que eu aprenda a evitar os perigos ou problemas.
 Pessoas que me mostram, por meio de sua conduta, a maneira correta de proceder.
 Pessoas que querem que eu aprenda a me desenvolver sozinho.
 Pessoas que me ajudam quando estou doente, ou em perigo, ou quando necessito aprender.

Eu sou:

Uma pessoa pela qual os outros sentem apreço e carinho.
 Feliz quando faço algo bom para os outros e lhes demonstro meu afeto.
 Respeitoso comigo mesmo e com o próximo.

Eu estou:

Disposto a me responsabilizar por meus atos.
 Certo de que tudo sairá bem.

Eu posso:

Falar sobre coisas que me assustam ou inquietam.
 Procurar a maneira de resolver os problemas.
 Controlar-me quando tenho vontade de fazer algo errado ou perigoso.
 Procurar o momento certo para falar com alguém.
 Encontrar alguém que me ajude quando necessito. (grifos meus)

Voltarei a estas categorias na análise das falas dos nossos tecelões. Sigamos refletindo sobre os fatores de resiliência requeridos nas condutas resilientes, afirmando que estas supõem a presença e a interação dinâmica de fatores e esses fatores vão mudando nas diferentes etapas do desenvolvimento. As situações de adversidade por não serem estáticas, requerem mudanças nas condutas resilientes. Para a autora retrocitada, por exemplo, em situações de desastre natural, como um furacão, se geram diversas condições de adversidade que exigem uma série de condutas resilientes que vão mudando, à medida que as condições vão-se modificando.

Assis (2006, p. 20) faz uma síntese dos diferentes domínios para o desenvolvimento da resiliência, mostrando que devem ser incorporados:

- a) Estressores ou desafios que ativam a resiliência, criando desequilíbrio ou ruptura na homeostase do indivíduo;

- b) Contexto ambiental, que se refere ao equilíbrio e à interação dos fatores de risco e proteção disponíveis no ambiente externo da criança em áreas diversas, como família, comunidade, cultura, escola e grupo de colegas;
- c) Confluência entre o indivíduo e o ambiente onde a criança percebe, interpreta e supera desafios ou dificuldades, construindo mais um fator de proteção;
- d) Características individuais internas, incluindo competências cognitivas, social/comportamental, física, emocional/afetiva e espiritual ou forças necessárias para ser bem-sucedido em diferentes áreas de desenvolvimento;
- e) O indivíduo e a escolha por ações e atitudes que o ajudem a recuperar o equilíbrio perdido;
- f) A resiliência como um resultado desse processo.

A partir de diferentes olhares, o que se deduz das teorias sobre resiliência é o seu caráter construtivo, que não é inato, nem adquirido aleatoriamente, mas se dá num processo interativo entre o sujeito e seu meio, exigindo suporte social. Assis (2006, p.20) referindo ao pensamento de Lindström (2001) destaca que

[...] esse processo de combinação entre os atributos da criança ou do adolescente e de seu ambiente familiar, social e cultural resulta da interação entre aspectos individuais, do contexto, social, da potencialidade dos acontecimentos no decorrer da vida e dos chamados fatores de proteção.

Nesta tese, procurei identificar os fatores de proteção, indagando sobre o papel das políticas públicas e da família. O suporte social é fundamental para os processos resilientes, no entanto, em suas falas, os jovens demonstraram as fragilidades das instituições de socialização primária e secundária e do próprio Estado. A falta destes suportes, aliado às tendências individuais, facilita e potencializa a vulnerabilidade

Uma criança tende a ser mais vulnerável quanto menos fatores de proteção perceber em seu meio para ajudá-la a enfrentar as dificuldades existentes; de maneira oposta, tende a ser mais resiliente quanto mais fatores de proteção captar do meio em que vive. Tanto a vulnerabilidade quanto a proteção são processos interativos que se relacionam com momentos específicos da vida de cada pessoa, assim como acontece com a resiliência. A resiliência e a vulnerabilidade são, portanto, resultados de combinações específicas da vida de cada um (ASSIS, 2006, p. 21).

No entanto, é importante enfatizar que o termo superação das dificuldades, comumente associado à resiliência, não significa escapar ileso de situações difíceis enfrentadas na vida. O referencial de superação é muito particular e subjetivo, variando de pessoa para pessoa, de grupo para grupo, de sociedade para sociedade. Neste ponto, é oportuno trazer uma definição de resiliência dado por Baron (2014, p. 26): “Um processo transubjetivo, que se organiza como uma das possíveis respostas ao trauma, mas com a peculiaridade de trazer a possibilidade de retomada a um desenvolvimento”.

Neste sentido, a busca empreitada por esta pesquisa envereda por caminhos que exigem sensibilidade e olhar atento para perceber se há, e de que forma está posta a resposta resiliente dos

sujeitos investigados, mas, sobretudo, como eles vislumbram possibilidades de futuro. Assim, não se trata de pensar, apenas, em mecanismos psicológicos, mas de formulação e aprimoramento de ações cotidianas que permitam “[...] construir espaços de retomada ao investimento na vida, para além da sobrevivência; aquilo que possibilita transformar uma violência sem sentido e sem resposta em uma reação plena de significação e plasticidade, ainda que afetada pela dor” (BARON, 2014, p. 27). Os mecanismos de proteção de que um indivíduo dispõe internamente ou que capta do meio em que vive são elementos cruciais para estimular o potencial de resiliência ao longo da vida.

Sigo, trazendo as falas dos tecelões que, em sua riqueza expressiva mostram as dores sofridas e o processo de enfrentamento das mesmas. Com Cyrunik (2004) vejo que os principais fatores que podem destruir uma pessoa ou tecer sua resiliência é a bolha afetiva que a envolve no dia-a-dia e o sentido que seu meio atribui aos acontecimentos. Vejamos o que disseram nossos jovens sobre a presença/ausência de afeto na família e na escola:

Eu não lembro de quando nasci. Perguntava para minha mãe e ela me disse que antes de nascer, deveria ter nascido outro irmão meu, mas, ela abortou. Porque, era o jeito. Eu sou o terceiro mais novo, então eu era o quarto filho. Eu era o quarto filho e ela estava sem condições nenhuma, e meu pai naquele tempo só bebia, nunca me deu nada. Meu padrasto que vivia com ela quando eu nasci, e vive até hoje, também bebia muito, mas a ajudava com alguma coisa. O meu pai mesmo, engravidava ela e abandonava a gente, nunca deu nada. Ela nos criava com o meu padrasto, e meu padrasto sempre acreditou que éramos todos filhos dele. Sempre o tratamos como pai, porque foi realmente quem foi o pai da gente. (William)

Ele foi morar longe, lá no Aracapé. Antes dele se separar da minha mãe, ele já tinha uma mulher e está com ela até hoje, graças a Deus. Nunca teve filhos com ela. De vez em quando ele vem em Maracanaú e a irmã dele mora perto da casa da minha mãe e então quando ele vai lá para vê-la, ele vê a gente também. (Hadassah)

A separação dos meus pais foi muito difícil para mim. Eles brigavam muito e nós tínhamos mentalidade de criança. Como passávamos mais tempo com a nossa mãe, ela nos contava as coisas horríveis que ele fazia, e para uma criança, quando sua mãe lhe diz uma coisa, o certo é aquela coisa. Então para mim o meu pai era um “monstro”, porque era o que ela relatava. Então eu não queria vê-lo, não queria falar com ele, não queria me aproximar dele, mas, depois fui pegando confiança, e quando eu tinha por volta de 11 anos, ele nos pegava para passarmos o final de semana para passear; levava para a casa dele e então fomos perdendo esse medo e convivendo mais com ele. (Hadassah)

Eu sempre morei com minha mãe, nunca morei com meu pai, mesmo ele tendo a casa dele, e minha mãe tem a dela. A gente sempre morou de aluguel, mas já faz mais de 10

anos que a gente mora na nossa própria casa, e sempre foi assim: meu pai mora na casa dele e minha mãe mora na dela, e ele só vem para nossa casa dormir nos dias de sexta, sábado e domingo, só nesses três dias. Eles não são casados. Minha mãe é divorciada e meu pai tem outro casamento. Ele ainda não tem o papel de divórcio, mas ele não convive com essa mulher, com ela meu pai tem 4 filhos, dois homens e duas mulheres. Com a minha mãe só tem eu, mas minha mãe com outro marido que já faleceu, tem um casal. O mais velho (um homem) mora conosco, a outra mora aqui perto de casa e tem três filhos, que são os únicos netos da minha mãe. (Kauane)

Eu cresci só com a minha mãe, porque a minha avó trabalhava e ela não passava muito tempo com a gente. Foi sempre eu e minha mãe, porque quando eu completei 9 meses meu pai foi embora. Hoje sabendo o que se passou, acho bem injusto o que ele fez. Porque, ele foi embora no momento em que minha mãe mais precisou dele. (Raquel)

Mesmo ele não me dando muita atenção, mesmo ele não sendo aquele pai atencioso, mesmo ele não sendo aquele pai presente. Mas, ela sempre me incentivou a amá-lo e respeitá-lo pela pessoa que ele é, porque pai é pai. Não importa o que ele faz, mas pai é pai. Hoje eu tenho uma relação muito boa com o meu pai. Mas, não é por mérito dele, porque mérito dele não é, é mais por esforço meu e por incentivo da minha mãe. Eu nunca toco no assunto, vontade de falar, a gente tem, de jogar tudo na cara, mas eu nunca entrei nesse assunto com meu pai, jogar na cara dele as coisas que ele fez, as coisas que ele fez a gente passar, nunca fiz isso, nunca joguei nada na cara dele, apesar dele merecer. Eu tento manter um bom relacionamento com meu pai. (Raquel)

A falta de afeto entre os familiares aumenta a necessidade natural de um amigo. Gabriel expressou que em um determinado momento da sua vida sentiu muito a falta de um amigo:

Nesse tempo eu não tinha amigo. Eu brincava de boneca com as minhas irmãs, eu fazia até roupinha de boneca. Eu passava mais tempo com a minha avó. Ela costurava aqueles “fuxicos” e a gente começou até a fazer para vender. Eu não tinha amigo, eu brincava com as meninas de Barbie. Brincava de raia sozinho, nunca brinquei com ninguém. Fui estudar no Rui Barbosa e conheci os amigos que eu tenho agora. Eu acho que devido eu não conhecer ninguém e ninguém falar comigo o ano todo, eu repeti de ano por causa disso no 8º ano.

Como vimos, a falta de um amigo, ou do convívio mais estreito com os pares foi avaliado como causador do seu mal desempenho escolar. Por outro lado, a figura de um pai

distante e que em certa medida o rejeitava aumentava sua ansiedade por um amigo. Ele apareceu e supriu não apenas suas carências afetivas, mas também a material, ocupando o lugar vago deixado pelo progenitor:

Às vezes, aos sábados, eu jogava bola com ele [o pai], no campo que tinha lá perto de casa. Ele até mentia para mim dizendo que passava na televisão e eu ingênuo acreditava. Eu acho que foi por isso que eu comecei a gostar de jogar bola. Outra vez eu estava brincando na rua com um estilingue que ele tinha comprado e ele chegou lá na calçada e começou a matar os calangos que estavam nas paredes. Às vezes eu ia para casa dele, com a mulher chata dele. Ela tem um filho que era muito mimado e como é filho de mãe, que o pai está entrando na vida da mulher, aí ele era muito mimado e meu pai dava tudo que não deu para mim para ele. Eu ganhei o meu Nintendo do meu amigo. E quando eu fui no final de semana na casa dele, ele já tinha um Playstation com televisão no quarto...e eu com aquela televisão de tubo, bem pequenininha, brincando de Nintendo. Eu agradeço ao meu amigo que foi um amigo de verdade para mim.

A narrativa é permeada de emoções conflitantes: ciúme, rejeição, tristeza, mas o tom da voz muda quando ele afirma ter encontrado um amigo de verdade. É como se esse amigo provasse para ele mesmo que ele merece ser amado.

Os jovens pouco falaram sobre a escola, indicando que aquela instituição teve pouco significado em suas vidas e que não funcionaram como espaço de proteção. Uma escola que protege é aquela que permite o encontro dos educandos com o conhecimento sistematizado pela humanidade de modo a instrumentalizá-lo para uma leitura crítica da realidade e uma inserção cidadã na mesma. Pesquisas brasileiras e latino-americanas realizadas pela Unesco apontam que é possível existir escolas com elevado desempenho dos alunos apesar do reduzido nível educacional e socioeconômico do país. Nessas instituições, é possível se verificar um leque maior de mecanismos de proteção (ABRAMOVAY, 2003; UNESCO, 2002 citado por ASSIS, 2006)

Clima dialógico na comunidade escolar; valorização dos estudantes como protagonistas; trabalho coletivo; autoridade escolar compartilhada; existindo uma evidente liderança dos diretores; planejamento participativo; rotinas e atividades que vão além dos horários escolares; relação de afeto, respeito, diálogo e confiança entre alunos, professores e gestores; participação da família e da comunidade nas atividades educacionais; ressignificação do espaço físico da escola; incremento da sociabilidade e construção de sentido de pertencimento; gestão inovadora, aberta e flexível à mudança; administração eficiente; estabilidade de recursos financeiros e materiais necessários as atividades (recursos colaborativos dos pais e da comunidade). Os

fatores que tornam essas escolas relevantes não são os investimentos tecnológicos, e sim sua forma de gestão e seus processos pedagógicos centrados em valores muito especiais, como demonstra esses e muitos outros estudos, o desempenho acadêmico não é apenas estimulado pela competência formal dos professores ao repassarem o conteúdo das matérias. O desenvolvimento dos alunos cresce quando a escola é capaz de ensinar valores e criar um ambiente de respeito que propicia a confiança para aprender.

A escola deve equilibrar exigências cognitivas e afetivas. A exigência significa que se confia, em primeira instância na capacidade de aprendizagem da criança e localiza o professor no lugar de alguém que quer ajudá-lo na tarefa: é alguém com quem a criança pode contar, que lhe reconhece a capacidade potencial de aprender. Em termos de resiliência, promovem-se na criança o sou (capaz), o tenho (alguém que me ajuda) e o posso (aprender).

Reporto-me mais uma vez a Assis (2006, p. 78), ao destacar a concepção de “escola dos sonhos” concebida por Cury (2003):

Em que os adolescentes seriam instruídos na arte da interrogação e do diálogo; o conhecimento seria humanizado, e não meramente técnico; o professor seria mais que o transmissor de conhecimentos, porque seria humanizado e sua história de vida estaria integrada ao seu diálogo com os alunos, cada vez mais pessoalizado; os educadores deveriam também se ver como ‘escultores da emoção’, dedicando parte da aula a observar os alunos com mais dificuldades e possibilitando trocas entre eles e estimulando-os a participarem das aulas, a autoestima estaria em posição de destaque, a regra seria elogiar sinceramente antes de criticar; o racional e o emocional não seriam apartados, e sim trabalhados em conjunto; a participação em projetos sociais e a arte de criar projetos seriam o mote que conduziria essa escola, a qual teria o compromisso primordial de promover e proteger crianças e adolescentes enquanto os educa.

Na história de vida dos narradores diversificadas e persistentes situações geraram sentimentos de mal-estar ou de desequilíbrio: os conflitos familiares e, sobretudo, a convivência com diferentes formas de violência doméstica, conforme visto no item anterior.

Grotberg (2005) destaca que vivemos hoje um momento em que as estruturas tradicionais de solidariedade se deterioraram, e que famílias enfrentam problemas estruturais, de privação de acesso à vida digna.

Assis (2006) afirma que adolescentes menos resilientes tendem a mostrar dificuldades relacionais e a se queixar mais das mudanças de escola e de cidade. Os mais resilientes mostram mais determinação e capacidade de adaptação. Quanto mais suporte social tiver um adolescente, na figura de familiares ou professores, menos impacto os eventos estressantes terão sobre o seu ajustamento na escola (PRYOR-BROWN; COWEN, 1989). As escolas contribuem para a reprodução da violência psicológica ao admitirem maus-tratos entre alunos e tratamentos humilhantes ou desrespeitosos entre o corpo discente e docente.

Para Assis (2006) existem três tipos principais de proteção atuando desde a infância e a adolescência. A primeira está na própria capacidade individual de se desenvolver de forma autônoma, com autoestima positiva, autocontrole e com características de temperamento afetuoso e flexível. A segunda é dada pela família quando provê estabilidade, respeito mútuo, apoio e suporte. A terceira é o apoio oferecido pelo ambiente social, através do relacionamento com amigos, com professores e com outras pessoas significativas que têm papel de referência, reforçando o sentimento de ser uma pessoa querida e amada (BROOKS, 1994; EMERY; FOREHAND, 1996; GARMEZY, 1985).

A resiliência é considerada como resultado final de processos de proteção que não eliminam riscos experimentados, mas encorajam o indivíduo a lidar efetivamente com a situação adversa; reduzir o impacto dos riscos, alterando a exposição da pessoa a situação adversa; reduzir as reações negativas em cadeia que seguem a exposição do indivíduo à situação de risco; estabelecer e manter a autoestima e a autoeficácia, através do estabelecimento de relações de apego seguras, e o cumprimento de tarefas com sucesso; criar oportunidades para reverter os efeitos do estresse (RUTTER, 1987 citado por ASSIS, 2006, p. 63).

A autora afirma ainda que os fatores que oferecem proteção são, portanto, influências que modificam, melhoram ou alteram a resposta de uma pessoa a algum evento de vida que lhe desencadeou sofrimento. São mais que fatores isolados, encadeados em uma engenharia na qual se sustentam os mecanismos ou processos de proteção. São compostos por recursos familiares e sociais disponíveis às crianças e aos adolescentes, bem como por suas próprias forças e características internas para lidar com a inevitável adversidade na vida, tais como: ter um grupo de amigos e sentir-se pertencente a ele, ter um bom vínculo com a escola, fazer parte de uma família afetivamente estável e com bom relacionamento. Isso significa dispor de modelos sociais que promovam aprendizagem construtiva nas diversas situações, auxiliando o jovem a desenvolver capacidade de adaptação, segurança, autonomia e criatividade através da ressignificação das adversidades (GARCIA, 2001).

5.3.1 Os tutores de resiliência: vínculo e busca de sentido

Volto às elaborações de Grotberg (2005, p. 16) quando aponta os quatro principais fatores de resiliência. No primeiro, por ela intitulado de “Eu tenho”, desponta a figura do “tutor de resiliência”. Relembrando, as características destas pessoas são: confiáveis e aceitam o incondicionalmente; põem limites para que o jovem aprenda a evitar os perigos ou problemas;

mostram, por meio de sua conduta, a maneira correta de proceder; estimulam a autonomia; ajudam nos momentos mais difíceis.

Cabral e Cyrulnik (2015, p. 31) afirmam que

Os tutores de resiliência estão geralmente dispostos perto do ferido, entre a família, os amigos e a cultura. Alguns são explícitos (Salgueiro, 2012), como os psicólogos, os médicos, os assistentes sociais e os psicoterapeutas, formados em profissões do cuidar, que ajudam os traumatizados a encontrar vias de elaboração do trauma que os derrotou e a partilhar emoções antes adormecidas ou enquistadas. Além desses, existem os tutores implícitos: o sujeito escolhe, nem sempre conscientemente, no seu ambiente familiar e cultural, aquele (ou aquela) a quem atribui o poder de compreendê-lo e de ampará-lo. Trata-se, muitas vezes de um tutor que se ignora como tal: um esportista, um músico, um ator ou um escritor que corresponde à relação que o traumatizado espera.

Nas histórias de vida dos jovens tecelões, os principais tutores de resiliência evidenciados fazem parte de suas famílias e exerceram explicitamente esse papel. Os trechos que seguem são destacados das elaborações feitas durante o CRB, porém, as figuras são recorrentes em histórias contadas em momentos de intervalo e em conversas informais ocorridas no percurso da pesquisa.

A mãe foi indicada como a principal “tutora de resiliência” para todos os jovens. A figura da mulher, mãe, ainda que permeada de contradições e conflitos de sua história pessoal, é a que mais ganhou destaque:

Eu tenho ótimo relacionamento com a minha mãe, minha mãe é praticamente a minha melhor amiga, eu conto tudo para ela, porque sempre só fomos eu e ela a vida toda. Ela sempre me conta os segredos dela também. Os namoros dela, por exemplo. A mamãe sempre foi muito namoradeira, ela me conta muita coisa. Às vezes eu contava se eu tivesse ficado com algum menino. Quando era pequena e isso acontecia, ela falava que eu não tinha idade para isso, e brigava. Mas, era uma repreensão que eu não me chateava. Sempre foi assim, porque sempre tivemos um vínculo de amizade, era mais amizade do que maternidade. Eu sempre senti a proteção dela de maternidade. Mas, eu sempre me sentia muito confortável por conta dessa amizade que sempre tivemos. Sempre apoiamos muito uma a outra, em tudo. Quando ela quis se aposentar foi uma luta bem grande, para ela conseguir por causa dessa doença dela, mas sempre estivemos uma ao lado da outra. Foi muito bom quando ela se aposentou, porque as coisas estavam melhores, mas passaram a ficar muito melhores quando ela conseguiu se aposentar. (Raquel)

Há muitos questionamentos sobre a confusão de papéis entre mãe e amiga. Alguns

psicólogos atribuem a esta confusão uma certa perda de autoridade dos pais. Na fala do William esta questão volta a aparecer:

Com 10 anos de idade, eu fui conhecer os lugares, como por exemplo, o centro de Fortaleza. Minha mãe sempre deixou os filhos dela livres, nunca foi de prender, e nem de ter medo. Ela sempre ensinou o que é certo e o que é errado. Tem muita gente que pensa que a forma dela de criar os filhos, poderia estar errada, porque ela não nos prendia, e podíamos fazer o que quiséssemos, podíamos fazer coisas erradas, escondido ou até mesmo sem ser escondido. Mas, ela sempre deixou claro para nós o que é certo e o que é errado. Se quiséssemos fazer, tínhamos que pensar na consequência depois. Porque nada era escondido para sempre. Então todos os dez filhos dela decidiam não decepcioná-la e mostrar para ela e para a família, que realmente éramos pessoas direitas, não fazíamos coisas erradas, porque já pensávamos nas consequências dos nossos atos. Meus irmãos mais velhos trabalhavam e ajudavam em casa, só que eles não começaram tão cedo como eu comecei. Mesmo assim eu não abandonei a escola, eu recebi muitas propostas ao longo da minha vida, de abandonar a escola, só trabalhar, ganhando muito bem, mas nada de carteira assinada. Não valeria a pena. Então pensava muito sobre as consequências de ganhar muito dinheiro para comprar tudo o que queria, mas, depois acabar me prejudicando, então percebia que era melhor evitar os problemas de deixar de estudar cedo. (William)

William traz elementos importantes para pensarmos as dificuldades próprias de uma mãe que tem que trabalhar fora de casa para sustentar a família. A mulher que também é ferida, traumatizada e ressentida, como é o caso das mães dos jovens tecelões não atendem à figura materna e protetora imaculada que uma parte de nossa sociedade espera. Ela traz consigo uma dupla tarefa de responder para ela mesma e para os outros como se fosse uma fonte de força e de serenidade, um reduto de paz ou um remanso para os filhos, que ela não é; e ninguém é. Quando William fala sobre a ausência da mãe em compromissos escolares dos filhos, ele destaca a dificuldade que é para ela se ausentar do trabalho, com vínculo precarizado e que não a permite, sem ônus, participar de momentos importantes da vida escolar dos filhos:

Quando completei 16 anos, eu queria muito trabalhar como Jovem Aprendiz que assinava a carteira e eu então, fui tirar todos os meus documentos. Fui à procura de informação sobre como tirava documentação - eu tinha dinheiro, porque eu trabalhava avulso -, e soube onde tirava, como tirava, se precisava dos meus pais e, graças a Deus, para ter meus

documentos não precisei da presença dos meus pais, porque se eu precisasse seria muito difícil. Minha mãe começou a trabalhar avulso também e ela não tinha muito tempo para nós. Na escola, ela já demonstrava isso. Quando estudávamos - todos nós, sempre estudamos -, quando acontecia reunião da escola, a diretora chamava a minha mãe, mas, ela não ia. Porque ela não ia deixar o trabalho dela para ir para reunião de escola. Ela só matriculava a gente mesmo. Ela foi muito presente para mim quando precisei dela, mas em relação a acompanhamento dos estudos, ela não foi, até porque, acredito que o fato de ela não ter terminado os estudos – ela até teve vontade de voltar, mas, não voltou a estudar -, não cobrava tanto dos filhos nada relativo a isso. Ela como mãe poderia muito bem cobrar os filhos, mas, poderia ouvir algum dizer: “Você está cobrando por que, se você não estudou?” ou “Por que está cobrando da gente, se você não fez o mesmo?”. (William)

Ainda que a figura da mãe tenha centralidade na narrativa de William, e ela seja considerada como a principal tutora de resiliência, em certos momentos de sua história de vida é evidente um ressentimento que ele nutre por ela, principalmente ao relembrar momentos em que ele precisou tomar decisões importantes para sua vida.

Quando eu estava com 17 anos, minha mãe conheceu um homem e começou a se relacionar com ele, eu apoiei. Para mim, minha mãe havia sofrido demais com o relacionamento com meu pai e o casamento dela com o meu padrasto não estava dando mais certo e eles já não se relacionavam maritalmente. Eu apoiei, mas esperei dela o mesmo apoio em todas as minhas decisões. Se eu decidisse fazer, é porque eu havia pensado muito bem e eu queria muito o apoio dela em minhas decisões, assim como eu a apoiava nas dela. Ela chegou a me dizer que se eu conseguisse arrumar um trabalho e saísse de casa eu deveria levá-la junto e eu aceitei. Eu disse: “Está certo! Eu prometo que quando eu sair de casa, eu lhe levo, até porque eu não sei fazer nada, não sei fazer comida, não sei fazer nada, nunca fiz nada, em questão de casa”. Completei os 18 anos, mas, não consegui emprego e então não tinha condições de sair de casa. (William)

No trecho abaixo essa relação de conflito de sentimentos se torna mais evidente, pois trata-se de um momento em que William assume uma nova posição frente à sua própria vida, passando a ter mais responsabilidades sobre sua subsistência e podendo oferecer ajuda à mãe:

Hoje em dia, ela pede muito para morar comigo, mas, já tentei dividir aluguel com

uma amiga e eu via que ela fazia as coisas por mim e eu não gostava, então já me acostumei. Só queria morar com ela porque eu tinha prometido a ela, e tinha que tirar ela de casa, porque ela tinha que viver a vida dela, já que ela não conseguia viver a vida dela, pois teve filho muito nova e meu avô pediu para ela sair de casa. A infância da minha mãe foi perdida e ela nunca teve uma privacidade total, de não se preocupar muito com filho. Hoje em dia, ela se preocupa muito, ainda mais com os mais velhos. Então eu prometi e me sinto no dever de trazer ela para morar comigo. Até agora não deu certo por causa da indecisão dela, porque ela quer e ao mesmo tempo não quer. Como está indecisa, ainda não entramos em um consenso, para ver o que realmente faremos. De todos os filhos dela, acredito eu, - ela já me falou várias vezes -, eu fui o único que deu mais orgulho para ela, pois, muitas coisas que eu fiz, eu não esperei por ninguém, corri atrás e isso os outros não faziam. Então, até hoje, para resolver alguma coisa em casa, ou quando está preocupada com algo, ela vem conversar comigo para desabafar. Quando ela sai para comprar coisas para ela, como roupa, por exemplo, ela me chama para eu ajudá-la, por ser um filho que sempre dava alguma coisa pra ela no dia das mães, no aniversário dela e lembrava dela e os outros filhos nem tanto. Eu percebi que eu precisava da ajuda dela, de ela me apoiar e me deixar ficar em casa e eu levar quem eu quisesse para lá, mas, ao invés disso ela estava mais do lado da minha irmã. Eu não gostei muito disso, apesar de entender o lado dela. Mas, assim como eu apoiei e ainda apoio ela, esperava o mesmo da parte dela. Mas muitas vezes ela não me apoiou. Mesmo assim eu ainda sou muito ligado com a minha mãe, gosto muito dela. (William)

Um fato que merece destaque na perspectiva de análise que proponho à luz do que Cyrulnik (2015) classifica como tutor de resiliência, é que por mais que essa figura tenha importante influência sobre a resposta resiliente frente às adversidades, o tutor é uma figura que pode gerar sentimentos controversos e ambíguos, pois as elaborações sobre essa figura também poderão passar por processos de (res)significação. Ao mesmo tempo, é importante que se evidencie que as figuras que potencialmente podem exercer esse papel de tutor de resiliência explícita, por exemplo os pais, podem não exercer literalmente essa função. Este fato é passível de constatação por meio das narrativas de Gabriel, Raquel, William e Clara. Mas, para Kauane, por exemplo, o pai representa uma figura protetora:

Minha relação com meu pai é boa, muito boa, mesmo ele só vindo para cá dormir no final de semana. Como sempre foi assim, eu estou acostumada desde sempre, nunca me fez falta porque ele sempre está presente em tudo na minha vida, só não no convívio diário. Eu sou

a filha caçula e sou a única filha entre meu pai e minha mãe, a única. (Kauane)

Meu pai tem medo de que aconteça comigo o que aconteceu com as outras filhas, mas ele não entende que eu tenho mais consciência e um pouco de mais maturidade do que elas. Enfim, hoje o meu pai aceita meu namorado muito bem e já chamou ele até para jantar aqui em casa, coisa que eu nunca imaginei que meu pai fosse fazer. Mas é assim tem que ser, precisa dar um voto de confiança. Minha mãe conversa muito com ele sobre essas coisas. Eu fico assim meio travada em certas coisas por conta que meu pai tem muita confiança em mim e se acontecesse alguma coisa de errado, ou alguma coisa de ruim comigo, ele colocaria a culpa na minha mãe por conta que minhas irmãs já foram soltas, tiveram muita liberdade e fizeram o que fizeram. Meu pai pensa que se desse para mim a mesma liberdade que deu para minhas irmãs, eu faria a mesma coisa, engravidaria cedo. Por isso a minha infância e minha adolescência foi toda assim, não que ela me proibisse de nada, mas eu era muito, muito privada. Ficava muito tempo dentro de casa e até hoje eu sou assim, mas foi muito por conta dele que minha mãe tinha medo de me deixar solta e acontecer alguma coisa comigo e ela ser responsabilizada. (Kauane)

Volto à elaboração de Cyrulnik quando afirma a necessidade de recorrer ao restante da constelação quando a “estrela-guia” desaparece. Na história de vida dos narradores o avô também exerceu uma importante função no enfrentamento às adversidades:

Eu era muito apegada com o meu avô, apesar dele morar no interior, fui a primeira neta dele, então eu tive uma ligação muito forte. Ele passou um tempo morando lá em casa, no dia que ele quis voltar para a casa dele, já era no mês do meu aniversário, foi em 2009 ou 2008. Quando ele voltou para casa estava até bem, mas os meus tios não tinham cuidado com ele, como minha mãe tinha. Muitas vezes meu avô passava o dia com fome, não comia, não bebia, era tratado tipo como um cachorro [...] no dia do meu aniversário, a minha mãe ainda estava lá [no interior]. No meio da comemoração minha prima atendeu o telefone dando a notícia de que o meu avô tinha falecido. Então aquilo ali para mim foi mais um trauma que eu passei, que até hoje eu não consigo superar. Eu não consigo, eu brinco, brinco, mas só Deus sabe como é meu coração. Porque, sempre quando chega a data, é mais um ano de que uma pessoa especial na minha vida morreu. Eu era tão apegada a ele, eu só faltava chamá-lo de pai, porque eu não tinha um. Eu cresci e até hoje nunca tive um pai, nunca tive amor, não tive carinho, não tive atenção, porque tudo que eu passei, durante o tempo que ele [o genitor] morava lá em casa, eu não tinha liberdade de me expressar, eu não podia. (Clara)

No caso de William, foi uma tia que deu suporte afetivo quando ele assumiu sua homossexualidade:

No mesmo dia, o apresentei para a minha tia, pois tinha certeza que ela aceitaria de boa. E realmente foi!

Hadassah vivenciava diversas situações conflituosas no seio familiar, principalmente no período na adolescência, o fato de ter conhecido o esposo, tomou configuração de “salvação” pelo estilo de vida que ela levava. A própria família da jovem, ao conhecer o namorado de Hadassah identificou nele uma pessoa que poderia ser uma boa companhia para ela.

Quando minha família o conheceu, viram que ele era rapaz de família e uma pessoa direita. Hoje eu percebo que foi um livramento que Deus me deu daquela outra vida que eu tinha e que eu tinha que me libertar daquilo. Ele foi tipo um remédio. Eu deixei de fazer tudo de errado que fazia antes por causa dele. Porque eu queria ficar com ele. Então teria que parar de fazer aquilo que eu fazia. (Hadassah)

No caso de Raquel, além da mãe, outra tutora de resiliência foi identificada em sua narrativa, sua prima, Rebeca.

Só que teve uma pessoa que fez um grande sacrifício: a Rebeca, porque eu não queria ir sozinha. Então a Rebeca disse: “Eu vou contigo!”. Só que o dinheiro para mim já estava na mão, mas o dela não tinha. Nos viramos nos 30, para conseguir o dinheiro para ela, porque eram R\$ 200,00. Ganhamos desconto ainda e ficou R\$ 120,00, só que não tínhamos o dinheiro dela. Mas, conseguimos! Só que lá no Clodoaldo, as recuperações só são no mês de janeiro. Eu falei: “Não vou ficar de recuperação!” mas, a Rebeca sabia que ia ficar de recuperação. Depois descobrimos que eu estava de recuperação em português, e ela estava de recuperação em 8 matérias. A escola ficava perto, porque a ESCAMF ficava no Aracapé, e dava para sair de lá e ir para escola, para fazer a recuperação, porque eles deixavam sair. Eles não deixavam sair direto, mas uma ou duas vezes podia. Só que ela eram 8 vezes, 8 matérias. Eu, nunca tinha ficado de recuperação no Ensino Médio, e não sabia como funcionava. Mas, eu tinha que ir para a aula a semana toda, por que matéria era português e português tinha aula quase todos os dias. Eu expliquei para a professora que iria na prova final porque estava na ESCAMF. Eu digo que a Rebeca fez um sacrifício, porque ela poderia ter voltado para a

casa, para fazer as recuperações dela. Só que ela foi lá comigo, ela me deu muito apoio, ela ficou comigo, ela repetiu de ano, porque ela não foi fazer essa recuperação, com todas essas matérias, ela repetiu de ano, para ficar comigo. Só que quando estávamos lá dentro, a Rebeca ficou bem desesperada, porque temos um teste de avaliação para poder ver como a gente evangeliza as pessoas, e a Rebeca ficou super desesperada, porque ela não sabia e ela me disse: “Raquel eu não sei, como vou fazer?” Eu acalmei ela e disse: “Calma! Vai dar certo! Te ajudo.” Eu precisava estudar, para a minha apresentação e ela precisava estudar para a apresentação dela. Só que eu não estudei sozinha para poder ajudar ela a estudar para a apresentação dela. E assim cada lado fez seu sacrifício, só que eu digo que o dela foi maior, porque ela repetiu o ano. (Raquel)

O último trecho da história de vida de Raquel fortalece dois pontos comuns às histórias de vida dos jovens tecelões: i) a ideia que a família pode ser considerada como uma rede de apoio e ii) que a relação construída com o sagrado traz uma outra conotação às adversidades vivenciadas por cada um deles.

A família pode ser pensada como “rede”: uma metáfora correspondente a uma descrição de nossa sociedade como uma sociedade de tipo relacional, interdependente, inscrita numa identidade brasileira enraizada em importantes componentes afrodescendentes e indígenas (RABINOVICH, 2002). Sarti (2004) compreende a família pobre não como um núcleo, mas como uma rede que possui **inúmera ramificações**. Essa rede de parentesco, configura também uma rede de obrigações morais que envolve a cada indivíduo, em certa medida, ao viabilizar sua existência dando apoio frente aos problemas apresentados no cotidiano e possibilitando o sistema de trocas necessário à manutenção dos vínculos.

A relação com o sagrado foi trazida nos discursos formais (por meio da construção/elaboração das histórias de vida dos jovens no CRB) mas, também era comumente notada nas conversas informais nos intervalos dos encontros e nos momentos extra encontros do Projeto Tear. Dada a relevância desse aspecto na vida dos tecelões e a repercussão em suas respostas resilientes frente às adversidades, o tópico que segue trata especificamente dessa temática.

5.4 Crenças e pertencimentos religiosos: consolo, conformação ou resistência?

Todos os cinco jovens expressaram a importância da fé e do pertencimento religioso em suas vidas. Houve um destaque muito forte e significativo em relação ao reconhecimento da autoridade do líder religioso como orientador do comportamento de todos os familiares.

Vejamos esta fala de Gabriel:

Nesse tempo eu desconfiava que a minha irmã usava drogas... fumava... porque uma vez ela chegou em casa com os olhos vermelhos e puro a cerveja. Um dia eu estava doente em casa, a minha tia Graça tinha ido para a igreja com todo mundo e chegou um irmão para orar por mim e perguntou: “Como é o nome dele?” Responderam: “É Gabriel.” Ele respondeu: “Pois chamem sempre ele pelo nome, porque chamar ele de outras coisas (abestado, idiota, doido) é ruim...isso é um espírito de loucura que fica rodando ele.” O pastor falou que era uma atitude de amaldiçoar. Minha irmã estava encostada na parede e o irmão perguntou: “Quem é ela? É a mãe dele?!” Ai minha tia Graça falou: “Não! É a irmã dele”. Do jeito que ela estava parecia mesmo que ela era minha mãe, porque ela estava com aparência de sofrimento, dor no coração (Gabriel).

O pastor cumpre, na verdade, o papel de pai que usa sua autoridade sobre todos para defender o filho maltratado com palavras depreciativas. Olinda, Silva e Braga (2013, p. 285-306) analisaram a temática da autoestima de adolescentes em conflito com a lei, objetivando identificar, a partir de suas narrativas orais e imagéticas, o processo de construção da mesma. Entre outros aspectos, destacaram a ausência da figura do pai nas vidas dos adolescentes. Os vazios afetivos tendem a ser preenchidos por outras figuras: professores, artistas, super-heróis, chefes de gangues e líderes religiosos. Os autores citados encontraram em Jacques Lacan, em seu Seminário 11, um “ponto fixo que orienta as relações dos sujeitos [...] o nome-do-pai” (p. 295). A figura paterna é estruturante do psiquismo e nele se espelha o filho no processo de tornar-se o que é. O pai também representa a lei, sendo um objeto de admiração por parte do filho. A figura da mãe é fundamental no anúncio do pai como terceiro elemento da relação. Na visão psicanalítica, trazida pelos pesquisadores citados, o nome-do-pai é “[...] um furo. O lugar onde falta e, portanto, onde algo pode ser colocado.” (p. 285).

Gabriel afirmou que no início frequentava a igreja apenas para agradar à mãe, mas com a continuidade percebeu que ia para agradar a Deus, em quem encontrou toda força para superar dificuldades, inclusive quando contraiu uma pneumonia:

[...] Eu estou vivendo até hoje por causa de Deus [...] quando eu ainda era um bebê eu tive pneumonia, muito grave quase morri. Mas, minha mãe, fez um voto com Deus, dizendo que se Deus me curasse ela ia voltar para a igreja. Por que nesse tempo ela estava desviada. Pouco tempo depois o médico me deu alta, dizendo que eu estava curado.

Hadassah também narrou sobre sua relação com o sagrado e sua conversão a uma igreja evangélica:

*Antes de entrar nesse projeto eu me reconciliei com Jesus. Eu entrei em uma congregação que eu não conhecia, não conhecia os membros, não sabia quem era, através da minha mãe que ela entrou primeiro, através do pai da Clara, foi através deles. Eu fui, vamos dizer assim, porque ela ia, e eu queria ir também. Eu fui. Eu me interessei, me entreguei, e estou até hoje, graças a Deus. Com duas semanas que eu tinha me reconciliado, a minha avó faleceu, ela faleceu com problemas de saúde. Aquilo foi um choque muito grande para mim, porque minha avó... avó é avó, é mãe duas vezes e eu fiquei tão triste. (...) Eu estava indo para a igreja só por ir, vamos dizer que eu era um esquentamento de banco, mas depois que minha avó faleceu, eu acho que eu não sei o que foi que aconteceu comigo, que eu me transformei, me vi como adulta, como mãe, como esposa, como filha e vi que o tempo da gente, é muito curto para estarmos gastando nosso tempo com besteira. Então comecei a dar mais valor aos filhos, a dar mais valor à mãe. Eu até me emociono, porque eu não dava valor a minha mãe, e já brigamos muito e já fiz ela sofrer demais. Eu vejo que hoje, eu não queria, passar pelo que ela passou, eu não quero que meus filhos sejam revoltados do jeito que eu era. Eu não queria fazer ela chorar e hoje eu percebo que eu fiz muito ela chorar. Acho que esse **sentimento de culpa** que caiu sobre mim, me fez ver a realidade das coisas. Então, eu cresci por conta disso, foi um crescimento prematuro, eu tive que crescer por causa dos erros, por causa da situação eu vi que eu estava cuidando de três vidas e que essas vidas dependiam de mim para poder crescer como profissionais, como pessoas éticas. Foi quando caiu a ficha que eu estava perdendo meu tempo com coisas fúteis. Eu cresci e ainda estou crescendo. Amadurecendo aos poucos. (grifos meus)*

A experiência de Hadassah mostra que a religião traz respostas sobre o sentido da vida e da morte e leva ao anúncio da possibilidade de um mundo novo, de uma vida nova, com valores que restabelecem laços enfraquecidos e relações abaladas. No entanto, como lembra Rubem Alves (1991), a religião é ambivalente, pois presta-se a objetivos opostos, dependendo de quem manipula seus símbolos sagrados: pode iluminar/cegar; pode paralisar/fazer voar; encorajar/amedrontar; libertar/escravizar (p. 106). Podemos indagar: qual a força formadora de decisões tomadas sob o influxo da culpa e da auto-desvalia? Até onde ela pode levar no processo de auto-transformação?

Kauane foi a única que se autodenominou católica. Seguindo uma tendência no

panorama religioso da contemporaneidade, essa adolescente não vê necessidade da vida em comunidade e desenvolve seu jeito pessoal de se relacionar com Deus:

Em relação à religião, eu sou católica, só que eu não frequento a igreja. É muito raro eu ir, confesso, mas eu vou para a igreja no natal, ano-novo, páscoa, nas datas comemorativas. Mas eu tenho muita fé, não é porque eu não vou à igreja que eu deixo de acreditar em Deus, que eu deixo de ter fé, eu acredito muito Nele, tanto que para onde eu vou eu ando com meu escapulário, não saio de jeito nenhum sem ele. Se eu sair sem ele é praticamente como se eu estivesse sem nada, ponho nele um pouco de proteção. Sei que meu escapulário é só um objeto, mas eu sinto de alguma forma que ele pode me proteger, pode ser besteira da minha cabeça, mas eu creio nisso, não sei porquê.

Raquel é uma jovem engajada no movimento juvenil evangélico. Ela faz parte da organização Jovens com uma Missão (JOCUM) que objetiva reunir adeptos de igrejas evangélicas de todo o país, para difundir o Evangelho de Cristo:

*Eu fiz duas escolas missionárias, e a primeira que eu fiz foi a ESCAMF. A Escamf, que quer dizer Escola Missionária de Férias foi a primeira escola missionária, foi a que mais me chamou atenção. Que mais marcou a minha vida. (...) Quando eu fui tive bastante apoio da minha família e de algumas pessoas da igreja. (...) Eu fiz outro curso de imersão missionária, só que dessa vez eu fui sozinha. Era mais longe e mais caro, por conta da passagem que eu tive que pagar para Juazeiro do Norte. A minha mãe me deixou ir, mas no fundo ela teve um aperto no coração. Mas, ela deixou, porque ela sabe que fazer esse tipo de coisa, **é a minha vida praticamente**. Eu vivo para isso, eu sinto que eu vivo para isso. Então se eu não fizer, **eu me desespero**, eu tenho que tirar um tempo da minha vida, poder tirar um tempo para isso, poder viajar e fazer esse tipo de coisa (Grifos meus).*

Para Raquel a religião é sustentáculo, é o que dá sentido à sua vida. Ela chega a afirmar que se desesperaria sem a vivência religiosa. Ela resume sua vida às atividades religiosas, conforme trechos em negrito na sua fala anteriormente exposta. Como entender tamanho fervor? Vocação? Alienação? Fuga? Conformação? Resistência? Nunca foi fácil responder tais perguntas, talvez porque tudo isto esteja envolvido num complexo jogo psíquico e social que envolve muitas variáveis e interesses. Vejamos, a seguir, algumas reflexões a partir das críticas de Marx à religião.

Antes de dizer a célebre frase “a religião é o ópio do povo”, Karl Marx (2005, p.146-

147), na *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, escrita em 1843, não deixa de reconhecer sua dimensão de consolo aos aflitos: “A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma.”

A religião era apontada por Marx, na sua firme crítica irreligiosa, como uma invenção humana, como “a autoconsciência e o sentimento de si do homem, que ou não se encontrou ainda ou voltou a se perder” (p. 147). Na sua concepção o Estado e a sociedade, por representarem um mundo invertido, ao produzirem a religião, produzem uma consciência invertida do mundo, dando uma base de consolação e justificação. A religião seria uma felicidade ilusória, daí porque, sua abolição seria condição para uma felicidade real. O sistema capitalista para se manter necessita que as pessoas tenham ilusões sobre sua real condição, assim:

[...] A crítica da religião [é], o germe da crítica do vale de lágrimas, do qual a religião é a auréola. A crítica arrancou as flores imaginárias dos grilhões, não para que o homem os suportem sem fantasias ou consolo, mas para que lance fora os grilhões e a flor viva brote. A crítica da religião liberta o homem da ilusão, de modo que pense, atue e configure a sua realidade como homem que perdeu as ilusões e reconquistou a razão, a fim de que ele gire em torno de si mesmo e, assim, em volta do seu verdadeiro sol. A religião é apenas o sol ilusório que gira em volta do homem enquanto ele não circula em torno de si mesmo. Conseqüentemente, a tarefa da história, depois que o outro mundo da verdade se desvaneceu, é estabelecer a verdade deste mundo. A tarefa imediata da filosofia, que está a serviço da história, é desmascarar a auto-alienação humana nas suas formas não sagradas, agora que ela foi desmascarada na sua forma sagrada. A crítica do céu transforma-se deste modo em crítica da terra, a crítica da religião em crítica do direito, e a crítica da teologia em crítica da política.

Conforme declara Löwy (2006), outros pensadores já haviam usado a mesma metáfora da religião como ópio: Immanuel Kant, Herder, Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer, Moses Hess e Heinrich Heine. Quatro anos após a divulgada afirmação de Marx, este último proclamava: “Bendita seja uma religião, que derrama no amargo cálice da humanidade sofredora algumas doces e soporíferas gotas de ópio espiritual, algumas gotas de amor, fé e esperança”. Na Suíça Moses Hess dizia: “A religião pode fazer suportável [...] a infeliz consciência de servidão... de igual forma o ópio é de boa ajuda em angustiantes doenças”.

Todos esses pensadores debruçaram-se sobre o fenômeno religioso real que se mostrava para análise e interpretação. Marx examinou cuidadosamente a doutrinação religiosa anestesiante sofrida pelos operários ingleses. Ficaram patentes as manipulações dos símbolos sagrados e o direcionamento das práticas religiosas para uma visão de mundo que justificava desigualdades e para o aprofundamento da alienação característica das relações capitalistas que dificultavam uma atitude reflexiva frente à opressão sofrida na materialidade das relações de

trabalho. Marx, judeu e formado no seio da Igreja Luterana, optou por uma visão racionalista e antropocêntrica capaz de fazer frente ao estado de coisas por ele combatido.

Marx fez o bom combate à alienação e ao anestesiamiento que a religião trouxe ao longo da história da humanidade, mas será que podemos pensar em formas de ligação da criatura com o criador que formem ao invés de deformar? Que levem ao questionamento sobre o instituído e à ação para sua transformação?

Estudar o fenômeno religioso é se deparar com um objeto complexo, a exigir uma atitude inter/transdisciplinar. Na perspectiva de Morin (2000), pensar a complexidade é lançar-se rumo a um novo paradigma em que certezas são questionadas, pensa-se o complementar, o concorrente, o antagônico, a ordem, a desordem e a organização. A persistência da religião e da religiosidade apesar dos influxos secularizantes advindos do século XX não seria um sinal da sua capacidade de apontar sentidos para vida?

A expansão da religiosidade entre os jovens, sobretudo no Brasil, formou um mosaico multifacetado a mostrar adesão a **denominações religiões** que propagam valores retrógrados e que justificam diferentes formas de violência, sobretudo contra mulheres, índios, pobres, negros e pessoas que não seguem as regras da heteronormatividade. A intolerância e o fundamentalismo ganharam fôlego. Por outro lado, e contraditoriamente, tem crescido uma consciência alteritária que propaga a tolerância e o respeito à pluralidade. Vivemos uma verdadeira “queda de braço” e os jovens estão no centro desta disputa.

Estamos vivendo retrocessos na defesa e promoção dos direitos humanos com consequências no realce da legitimidade da diversidade religiosa. Quanto mais produzirmos conhecimentos sobre o fenômeno religioso na sua relação com a formação humana, mais colaboraremos para prevenir e combater a intolerância religiosa.

Os jovens que participaram da pesquisa mostraram consequências positivas do pertencimento religioso em suas vidas, sendo correto afirmar que, para eles, a religião configurou-se como um fator preponderante em suas respostas resilientes diante das sucessivas negações de direitos a que estiveram submetidos. O mergulho que a pesquisa (auto)biográfica em educação permite fazer no campo da subjetividade e da constituição de identidades tem correspondido às exigências epistemológicas dos estudos sobre a experiência religiosa, trazendo valorosos conhecimentos sobre o comportamento juvenil no campo religioso.

A “explosão de religiosidades” observada em todos os continentes, principalmente a partir de 1980, deixou perplexos aqueles que viam, e outros que apostavam, num caminhar da humanidade para a secularização (MARTELLI, 1995). Os anos 1980 assistiram ao “eclipse da secularização” com a persistência das religiões institucionalizadas e com o surgimento de novos

movimentos religiosos (GUERREIRO, 2006), inclusive nas sociedades industriais avançadas²⁴. As juventudes organizadas em suas respectivas denominações religiosas colaboraram para o fortalecimento de tal eclipse.

A religião, seja institucionalizada ou não, é busca de vínculos permanentes e profundos com Deus e vai de encontro a uma dimensão fundamental do humano – sua condição transcendente que não se satisfaz apenas com as coisas materiais e que é capaz de fazer de suas dores um “andaime” para sustentar as dores dos outros. Isto ficou expresso na fala de Clara:

Apesar dele [o pai] ter feito tanto mal, ele pelo menos fez algo de útil na minha vida, que foi fazer com que eu tenha vontade de ir para a igreja, porque eu sempre fui do tipo de não gostar de nenhuma. Tanto católica, como evangélica, eu nunca gostei de um padre, nunca gostei de um pastor. Mesmo que ele tenha praticamente me obrigado a ir para a igreja no começo, depois eu comecei a ir por mim mesma, eu percebi que a nossa vida é em torno do que Deus tem para gente, do plano de Deus para gente. Vejo que se eu tive que passar por tudo isso é porque tem algo planejado mais à frente, que eu vou poder desfrutar com alegria. Então, eu sou até grata a isso e me tornando quem eu sou hoje, apesar dos pesares, eu não quero deixar de ir para igreja, não importa qual. Não quero deixar porque se é difícil para uma pessoa que está na igreja, imagine uma que não está, uma que não tenta conseguir seguir os caminhos que o Senhor tem para gente. Eu não me importava com nada, não conseguia sonhar, nem ter planos para o futuro. Mas depois de ter ingressado na igreja, eu comecei a pensar, comecei a refletir sobre a minha vida, eu já sei o que eu quero, o que não quero, o que eu vou fazer e o que não vou. Já sei o que é certo e errado e muitas vezes, apesar de não ter comunicação familiar, como era para eu ter, a igreja me ensinou o certo e o errado. Sobre o que eu posso fazer e o que eu não posso. Se eu fizer aquilo pode magoar uma pessoa, se eu fizer aquilo pode magoar minha mãe. Depois disso, até antes de entrar na igreja, outra coisa que eu não fazia, era valorizar a mãe que tenho. Porque, apesar de tudo, eu sei que ela sempre quer o melhor para mim e que já fez de tudo para eu poder ter uma vida que ela não teve. Ela me apoia, sempre está ali para me ajudar, mesmo com condições ou sem condições. Tudo que aconteceu foi uma forma de me ajudar a me aproximar mais dela, não é à toa que para onde ela vai, eu quero ir. Coisas que eu dizia como “podia morrer na minha frente, mas eu não estava nem aí, que eu não tinha um carinho, um sentimento por ela”, então é isso. No entanto, os traumas que eu passei não conseguiram me impedir para eu poder mudar, até porque a igreja

²⁴ Importante salientar que, a despeito do recuo da secularização, ela ainda cresce e convive com os surtos religiosos.

me ajudou muito. As pessoas me ajudaram muito, e eu reconheço. Reconheço que na minha vida Deus enviou anjos para me ajudarem a passar por tudo que passei, não sozinha, mas para eu compartilhar a minha dor e ajudar outras pessoas que passam pela mesma situação que eu.

As narrativas dos jovens, analisadas no presente item, mostram que suas crenças religiosas e o pertencimento a uma igreja foi, a um só tempo, fator de consolo, de conformação e de resistência. Numa amálgama ora homogênea, ora heterogênea, eles foram se dando conta de que iam amadurecendo e aprendendo a valorizar seus familiares, sobretudo a mãe, que garantira todo o suporte para eles e que se sacrificara para tornar suas vidas mais dignas. Vivendo uma relação mais estreita com o sagrado eles foram encontrando forças para superar tantos traumas e para projetar um rumo diferente para suas vidas.

6 CONCLUSÕES: SOBRE A ARTE DE TECER

Os fios tecidos ao longo da pesquisa com os jovens tecelões revelaram muitos aspectos do enfrentamento às situações de riscos e de vulnerabilidades sociais às quais estão/estiveram submetidos; o olhar sobre as infâncias marcadas por violações de direitos de diversas ordens, os conflitos familiares, a figura paterna ausente, os violadores de direitos dentro de suas casas, as questões de saúde, dentre outras situações vividas por eles, os fizeram (res)significá-las e as expressarem de uma nova maneira cada uma delas.

Inicialmente, os jovens demonstraram estranhamento diante de suas narrativas quando ainda eram recém-elaboradas. Aos poucos foram demonstrando familiaridade e assumindo o quanto cada fato ali narrado os havia constituído enquanto pessoas. Não houve timidez diante do narrado, nem receio de receber críticas ou opiniões indesejadas. Entendo que essa segurança foi adquirida ao longo do processo, a partir de todos os acordos feitos, dos diálogos francos, da escuta sensível e, principalmente, do vínculo estabelecido no coletivo.

As respostas resilientes frente às situações de riscos e de vulnerabilidades sociais foram expressas de diferentes maneiras e em momentos distintos por cada jovem, e essa compreensão é uma das contribuições que a presente pesquisa elucida: cada ser é único e única, também, é sua maneira de reagir frente ao vivido. Este não é um achado particular desta tese, mas, ela, em particular, contribuiu com os estudos sobre/com a juventude que vive nos grandes centros urbanos, especialmente em suas periferias.

O cenário para as políticas sociais é desalentador, assim como é a realidade em que estão inseridos os jovens tecelões e milhares de outros jovens em nosso país. Responder de forma resiliente a tantos desafios, riscos e vulnerabilidades, conflitos e inseguranças, catástrofes naturais (e eu diria também sociais), não depende de “força de vontade” individual, mas sim, da reunião dos recursos internos e externos, desde os elementos mais básicos para essa construção até os mais complexos. Somente dessa forma será possível falar em resiliência individual e resiliência coletiva.

Quando busquei identificar quais eventos, crenças, pessoas, grupos e instituições foram mais significativos nas respostas resilientes dadas pelos jovens, eu parti de uma constatação: eu conhecia o potencial resiliente de cada um deles. Mas, não conhecia a fundo suas histórias de vida, não tinha noção de tudo o que enfrentaram em suas existências de “poucos anos”. A oportunidade que tive enquanto pesquisadora de me aproximar de maneira tão profunda da realidade e de suas histórias, rendeu-me uma incrível experiência acadêmica, uma inenarrável descoberta de mim mesma enquanto pesquisadora de juventudes com o rigor

necessário e o engajamento exigido pela pesquisa acadêmica, mas, o que há de mais valioso no caminho metodológico que percorri foi ter descoberto a mim mesma naqueles jovens. Volto à minha história de vida, outrora construída e partilhada em parte com o leitor no primeiro capítulo desta tese: a história de uma jovem da periferia, mas, que teve muitos privilégios, dentre eles o de chegar ao doutorado em educação. O compromisso ético da pesquisa se une ao compromisso com a minha origem, com o chão onde cresci e me faço constantemente, num infindável movimento de busca por *ser mais*, já que inconclusos somos, me reconheço como tal.

Nas tarefas apreendidas ao longo da pesquisa me propus, além de identificar as respostas resilientes dos jovens diante das sucessivas negações de direitos, aos seguintes objetivos: i) apresentar os programas e projetos que servem como suporte social para as juventudes do município de Maracanaú; ii) identificar os fatores de risco e de vulnerabilidade social a que estiveram/estão expostos os sujeitos da pesquisa; e iii) elucidar como os jovens percebem a rede de proteção que contribui no enfrentamento às situações de risco e vulnerabilidade.

Ao pesquisar sobre os programas e projetos ofertados para a juventude e que servem/poderiam servir de suporte social para ela, conheci uma extensa lista de atividades desenvolvidas pela Secretaria de Juventude e Lazer – SEJULA no decorrer da atual gestão municipal (2016-2020), demonstrando uma ampliação da oferta e, portanto, do alcance das políticas implementadas pela referida secretaria. Porém, ainda que tenha havido a ampliação, permaneceu certa fragilidade no que diz respeito à descentralização dos serviços, já que as atividades ofertadas normalmente contemplaram poucos bairros da periferia e, devido ao limite de vagas, dificultava o acesso para os jovens que não dispõem de meios materiais para se deslocarem para as áreas centrais da cidade.

Na pesquisa, não identifiquei a realização de qualquer planejamento participativo, e se houve, não foi publicizado. Este fator me deixou particularmente inquieta, por compreender que política pública, especialmente para segmento específico, deve ser feita com a participação ativa de seu público-alvo. Os jovens precisam ser ouvidos em suas demandas e a partir de diagnósticos construídos na perspectiva de supri-las é que a política pública se efetiva.

Os dados sobre a violência em Maracanaú são alarmantes, como demonstrei no quarto capítulo, e diante das evidências encontradas pelo relatório *Cada Vida Importa*, a ação intersetorial das políticas públicas tem sido falha, já que o município tem seu cenário a cada ano agravado. Anteriormente, quando afirmei que a notícia de que o município era o mais violento do país não era uma novidade para seus habitantes, devido à proporção entre os

homicídios e o número de habitantes que ultrapassou significativamente a de muitos outros municípios de seu porte, chamo atenção para a maneira com a qual a violência tem “entrado em nossas casas” e do quanto esse movimento de banalização da violência, da morte, da não garantia de direitos tem sido reforçada pelas ações arbitrárias do Estado.

Abro um breve parêntese para registrar o quanto têm sido danosos os posicionamentos e as deliberações do Governo Federal nas mais diversas searas, mas, em especial na implementação das políticas públicas sociais. O orçamento público comprometido, os repasses do financiamento federal atrasados, os trabalhadores sendo desvalorizados em suas funções e remunerações e os que são covardemente atingidos são os segmentos que mais necessitam e que representam toda a base da pirâmide socioeconômica do país.

Sobre a política de assistência social, em que tenho vínculo como servidora, chama a atenção o fato de que, ao longo dos últimos três anos, o desmonte se instalou, afetando, sobremaneira, o esforço da classe trabalhadora para fazer um trabalho de base com as comunidades nas quais atua, para que, com a participação popular, haja uma frente de resistência e de efetiva luta para permanência/garantia de direitos. A luta é para que se mantenha o que foi conquistado até aqui, evitando que haja o total desmoronamento do pouco que havia nesse campo.

Mais do que identificar os fatores de riscos e de vulnerabilidades sociais a que estiveram/estão submetidos, pude destacar um fato significativo: a submissão de outrora começou a ser substituída por resistência e empoderamento. Cada narrativa juvenil demonstrou os modos como suas famílias resistem/lutam contra cada fator que os colocaram/colocam numa posição de subalternidade. Não deveria mais ser admissível que jovens tenham seus direitos permanentemente violados, sobretudo quando se trata de direitos fundamentais assegurados no ordenamento jurídico da nação, como: segurança alimentar, direito à moradia e à educação e a possibilidade de viver livremente sua sexualidade. Na luta por humanização e cidadania os jovens demonstraram capacidade de resistência aos fatores que limitam a busca por *ser mais*. Enquanto seres em formação, dada a inconclusão do humano, os jovens necessitam de suporte social para cimentar o terreno por onde se movimentam e constroem suas respostas resilientes.

As políticas públicas têm sua efetividade quando conseguem realizar o atendimento/acompanhamento aos sujeitos e suas famílias, promovendo ações e encaminhamentos necessários para a superação da situação vivenciada, portanto, a integração das políticas de promoção, defesa e garantia de direitos é essencial.

Nesta busca também me deparei com duas situações peculiares: a relação estabelecida por eles com o Sagrado e o silenciamento no que diz respeito à participação no

Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV. Sobre o primeiro aspecto, quero lembrar que em face da dinâmica do grupo e pelo interesse demonstrado por eles foi realizado um Círculo Reflexivo Temático (CRT) em que discutimos, a partir de letras de músicas, a relação que cada um tem com o Sagrado. O grupo é todo cristão e tem sua maioria evangélica. No referido encontro ficou evidente o valor que o laço entre eles representa. Cada jovem levou uma música para, a partir de sua letra, demonstrar a relação que tinha com o Sagrado. Agiram com empatia, foram atentos uns com os outros, concentraram-se em cada partilha feita e nas discordâncias houve um diálogo rico e a preservação do respeito. Na construção coletiva foram elencadas as palavras que sintetizavam cada música e ao final, presentearam uns aos outros com trechos que foram significativos nas letras das músicas. Concluí, sobre o aspecto da relação com o Sagrado que a religião institucionalizada se constituiu/constitui como amparo, consolo e fuga. As relações de dependência em relação à liderança de pastores expuseram uma necessidade da figura paterna e pouco amadurecimento numa perspectiva crítica e problematizadora sobre as dificuldades enfrentadas ao longo da vida.

A partir das histórias narradas nos encontros do Círculo Reflexivo Biográfico – CRB busquei compreender de que maneira cada tecelão via/compreendia a efetivação das políticas públicas para a juventude no município, porém, apesar de algum destaque ao Programa Vira Vida, que é ofertado através da parceria da Secretaria de Juventude e do Sistema S, o que mais me chamou a atenção foi o quase total silenciamento quanto a passagem pelo Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). Porém, a partir da impregnação do corpus da pesquisa, como proposto pela Análise Textual Discursiva, e das observações, conversas e anotações do diário de itinerância, pude constatar que o período em que participaram do SCFV foi sim importante em suas trajetórias. O silenciamento nas histórias de vida não quer dizer que para eles o Serviço não foi marcante ou significativo, pois o que de fato demonstra a relevância dessa participação em suas vidas é a própria participação no Projeto Tear, já que este surgiu de uma demanda dos jovens por um espaço-tempo para partilhar, conversar, discutir e viver momentos tão importantes quanto os vividos no SCFV. As atividades realizadas em grupo, os colegas que não convivem mais com eles e os momentos mais marcantes foram lembrados em todos os **dezesseis encontros**, desde a fase exploratória até a realização do CRB, seja nas lembranças engraçadas ou nas histórias emocionantes que viveram.

É importante direcionar um olhar sensível para realizar determinadas leituras da realidade, e compreender que os silêncios falam e existem diversas maneiras de manifestarmos o que sentimos e vivemos, que não apenas por meio de palavras.

Treinar o olhar de pesquisadora foi uma das tarefas que empreendi com mais

empenho no decorrer da produção desta tese, pois foi com esse treino que aprimorei as percepções e apreensões do vivido em campo e na fase solitária da escrita do texto que aqui concluo. Os jovens tecelões permitiram que eu aprimorasse o olhar sensível que a pesquisa (auto)biográfica em educação exige de todo pesquisador e para mim, que estive por tanto tempo mergulhada na realidade pesquisada, antes mesmo que pesquisá-la, foi uma experiência singular.

A pesquisa apresentada nesta tese foi tecida por muitas mãos, algumas ficaram pelo caminho e outras foram chegando para me ajudar no tear, mas, a cada entrelaçar de fios com a trama ficando maior e mais bonita, vi a trama de muitas vidas se confundir. Lembro que no primeiro encontro do Projeto Tear, realizei uma dinâmica com entrelaçar de fios de lã; na ocasião fiz referência ao subir e descer dos fios que se assemelha com os inúmeros momentos de altos e baixos de nossas existências, e nesse movimento os fios dão sustentação uns aos outros, sem deixar nenhum “cair”. Vi os jovens tomarem para si essa reflexão e serem o apoio uns para os outros no decorrer dos encontros e também para além deles. As situações de riscos e de vulnerabilidades permanecem em suas comunidades e em suas vidas mas, a biografização se mostrou uma prática de grande importância para a vida dos jovens, tendo em vista que houve um processo reflexivo durante e após sua realização.

A partir da experiência apresentada nesta tese e fazendo um balanço sobre todo o aprendizado envolvido até aqui, trago comigo novas inquietações e retorno a algumas outras: frente aos achados desta pesquisa, de que maneira as políticas públicas para a juventude no município de Maracanaú podem incorporar em seus planejamentos ações de maior alcance para esse segmento? Quais outras lacunas existem para a viabilidade destas políticas atuarem como suporte social efetivo para um número maior de jovens? Como fortalecer famílias e jovens para as respostas resilientes necessárias para seguirem suas trajetórias e projetarem um futuro?

Tenho em mim uma centelha de esperança que foi acesa pelos jovens tecelões de que é possível promover ações que repercutem em suas trajetórias, e a partir de agora os passos que devem ser dados são na perspectiva da projeção de futuro de cada um deles. O que desejam para o futuro? Quais decisões/escolhas são necessárias para alcançarem seus objetivos? Mas, dentre tantas perguntas, uma certeza: continuarei tecendo com eles. O projeto Tear continua e os nossos tecelões continuarão tecendo e até poderão auxiliar outros jovens tecelões a tecerem novos fios, novas tramas, novas experiências.

REFERÊNCIAS

ADORNO, R. C. F. **Um olhar sobre os jovens e sua vulnerabilidade social**. 1. ed. São Paulo: AAPCS – Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária, 2001.

AGÊNCIA SENADO. **Crianças iam para a cadeia no Brasil até a década de 1920**. 2015. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/07/07/criancas-iam-para-a-cadeia-no-brasil-ate-a-decada-de-1920>. Acesso em: 10 set. 2019.

ALVES, Rubem. **O que é religião**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. Col. Primeiros Passos.

ARAÚJO, J. A. de; MORAIS, G. A. S.; CRUZ, M. S. Estudo da pobreza multidimensional no Estado do Ceará. **Revista Ciências Administrativas**, Fortaleza, v. 19, n. 1, p. 85 – 120, janeiro/junho, 2013.

ASSIS, S. G. **Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

AZEVEDO, L. A. **Abrindo a caixa de pandora: uma avaliação das estratégias do enfrentamento à violência contra as mulheres em Maracanaú-CE**. 2018. Dissertação (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Tradução: Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

BLOCH, E. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. Tradução: Nélio Schneider.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas**. In: BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2010]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc65.htm. Acesso em: 1 set. 2019.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 10.406**. Brasília, DF: Casa Civil, 10 jan. 2002. Assunto: Institui o Código Civil.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 10.741**. Brasília, DF: Casa Civil, 1 out. 2003. Assunto: Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.741.htm. Acesso em: 1 set. 2019.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 12.852**. Brasília, DF: Casa Civil, 5 ago. 2013. Assunto: Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 10 set. 2019.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 8.069**. Brasília, DF: Casa Civil, 13 jul. 1990. Assunto: Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Capítulo III - Do Direito à Convivência Familiar e Comunitária. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. Acesso em: 10 set. 2019.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 8.742**. Brasília, DF: Casa Civil, 7 dez. 1993. Assunto: Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências.

BRASIL. Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009. Aprova a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 146, n. 225, 11 nov. 2009. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/legislacao/assistencia_social/resolucoes/2009/Resolucao%20CNAS%20no%20109-%20de%2011%20de%20novembro%20de%202009.pdf. Acesso em: 13 fev. 2019.

BRASIL. Secretaria Geral. **Lei nº 13.257**. Brasília, DF: Casa Civil, 8 mar. 2016. Assunto: Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, a Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei nº 12.662, de 5 de junho de 2012.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Corte no orçamento da Assistência Social para 2018 será discutido em audiência nesta tarde**. 2017. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/525791-corte-no-orcamento-da-assistencia-social-para-2018-sera-discutido-em-audiencia-nesta-tarde>. Acesso em: 14 set. 2019.

CFESS. **Assistentes sociais contra os novos cortes no orçamento Federal para 2019**. 2018. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/1505>. Acesso em: 14 set. 2019.

CRESPO, A. P. A.; GUROVITZ, E. A pobreza como um fenômeno multidimensional. **RAE-eletrônica**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 2 – 12, dez, 2002.

CYRULNIK, Boris. **O murmúrio dos fantasmas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **As Histórias de vida: da invenção de si ao projeto de formação**. Natal: EdUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Corte em orçamento prejudica programas de assistência social no Ceará**. Fortaleza, 2019. Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/corte-em-orcamento-prejudica-programas-de-assistencia-social-no-ceara-1.2127039>. Acesso em: 14 set. 2019.

FERRAROTI, F. **História e histórias de vida**. Tradução: Carlos Eduardo Galvão; Maria da Conceição Passegi. EDUFRN: Natal-RN, 2014.

FERRAROTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. *In*: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN. São Paulo, SP: Paulus, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GROPPO, L. A. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**, [S.l.], v. 13, n. 25, dezembro/2004.

GROTBERG, E. H. Introdução: novas tendências em resiliência *In*: MELILLO, Aldo *et al.* Tradução de: Valério Campos. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

IBGE. **Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>. Acesso em: 5 fev. 2019.

IPEA. **Atlas da violência 2019**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.maracanau.ce.gov.br/secretaria-de-juventude-e-lazer/#1509112805226-76bef77a-4749>. Acesso em: 14 set. 2019.

JANCZURA, R. Risco ou vulnerabilidade social? **Textos & Contextos**, Porto Alegre. v. 11, n. 2, p. 301 - 308, ago./dez. 2012

JOSSO. M. C. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KAGEYAMA, A.; HOFFMANN, R. Pobreza no Brasil: uma perspectiva multidimensional. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 79 – 112, jan./jun, 2006.

MAIS SUAS. **Corte de 50% no orçamento do suas para 2019**. 2018. Disponível em: <https://maissuas.org/2018/09/19/corte-de-50-no-orcamento-do-suas-para-2019>. Acesso em: 14 set. 2019.

MINAYO, C.S, DESLANDES, S.F, GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MINISTÉRIO DA CIDADANIA. **Relatórios de Informações Sociais**. Disponível em: <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/RIv3/geral/index.php>. Acesso em: 18 mar. 2019.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003.

MORAES, R.; GALLIAZI, M. C. Análise Textual Discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

NUNES, E. A. N.; ANDRADE, F. R. B. O significado do Restaurante Popular de Maracanaú como um equipamento público de alimentação e nutrição para as usuárias. **Revista do Mestrado profissional em planejamento em políticas**, Fortaleza, 2011, p. 2 – 25.

Disponível em:

<http://seer.uece.br/?journal=politicaspUBLICASemdebate&page=article&op=download&path%5B%5D=985&path%5B%5D=941>. Acesso em: 4 ago. 2019.

O POVO. **Maracanaú é a cidade mais violenta do País, revela estudo obtido por TV.**

Fortaleza, 2019. Disponível em:

<https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/maracanau/2019/08/05/maracanau-e-a-cidade-mais-violenta-do-pais--revela-estudo-obtido-por-tv.html>. Acesso em: 14 set. 2019.

OLINDA, E. M. B. de; SILVA, J. B. da; BRAGA, J. O. Algumas reflexões iniciais para trabalhar a autoestima: o caso de adolescentes do Centro Socioeducativo Passaré. *In*: OLINDA, Ercília Maria Braga (Org.). **Medida Socioeducativa de internação: educa?** Fortaleza: Edições UFC, Coleção Diálogos Intempestivos, 2013.

OLINDA, E. M. B. de. O Círculo Reflexivo Biográfico como espaço privilegiado para a reflexão sobre a experiência religiosa espiritualizante. *In*: OLINDA, E. M. B. de (Org.). **Artes do fazer: trajetórias de vida e formação.** Fortaleza: Edições UFC, 2010.

OLINDA, E. M. B. de; ARAÚJO, A. O. Narrativas de vida tecidas na pesquisa com jovens a partir de procedimentos individuais e coletivos. *In*: DAMASCENO, M. N.; SALES, C. M. V.; ALMEIDA, N. R. O. A. (Orgs.). **Pesquisa Qualitativa: formação e experiências.** Curitiba: Editora CRV, 2016.

OLINDA, Ercília Maria Braga de; SOUSA, Elaine de Freitas. Aprendizagens experienciais no Círculo Reflexivo Biográfico: aprendendo a ouvir e a estar junto. *In*: OLINDA, E. M. B. de. **Artes do sentir: trajetórias de vida e formação.** Fortaleza: Edições UFC, 2012.

OTTONELLI, J.; MARIANO, J. L. Pobreza multidimensional nos municípios da Região Nordeste. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 5, p. 1253 – 1279, 2014.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Revista Análise Social**, [S.l.], vol. XXV (105-106), (1º, 2º), p. 139 - 165, 1990.

PASSEGI, M. C. A experiência em formação. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago., 2011.

PEREIRA-PEREIRA, P. A. A. Pluralismo de bem-estar ou configuração plural da política social sob o neoliberalismo. *In*: BOSCHETTI, I. *et al.* **Política social: alternativas ao neoliberalismo.** Brasília: UnB, Programa de pós-graduação em Política Social, Departamento de Serviço Social, p. 135-160, 2004.

PINEAU, G.; LE GRAND, J. **As Histórias de vida.** Natal: EDUFRN, 2012.

POLETTI, R.; DOBBS, B. **A resiliência: a arte de dar a volta por cima**. Tradução de: Stephania Matousek. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PREFEITURA DE MARACANAÚ. **Secretaria de Juventude e Lazer**. Maracanaú, [20--]. Disponível em: <http://www.maracanau.ce.gov.br/secretaria-de-juventude-e-lazer/#1509112805226-76bef77a-4749>. Acesso em: 14 set. 2019.

RABINOVICH, E. P. Contextos coletivistas de desenvolvimento: uma análise comparativa intracultural. *In*: LORDELO, E. R. CARVALHO, A. M. A. & KOLLER S. H. (Orgs.) **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento** (p. 165-204). São Paulo/ Salvador: Casa do Psicólogo / EDUFBA, 2002.

SARTI, C. A. Algumas questões sobre a família e políticas sociais. *In*: JACQUET, C.; COSTA, L. F. (Orgs.). **Família em mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004, p. 193 – 204.

SILVA, J. G.; TAKAGI, M. Fome Zero: política pública e cidadania. *In*: ROCHA, M. **Segurança alimentar: um desafio para acabar com a fome no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 41-61.

STECANELLA, Nilda. **Jovens e cotidiano: Trânsitos pelas culturas juvenis e pela “escola da vida”**, 2008. Tese de doutorado. 2008. 400 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

YUNES, Maria Angela Mattar. **Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família**. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. especial, p. 75 - 84, 2003.

APÊNDICE A - CONTRATO BIOGRÁFICO

ACORDO PARA O FUNCIONAMENTO DO CÍRCULO REFLEXIVO BIOGRÁFICO MODALIDADE: NARRATIVA DE VIDA

O presente documento expressa um acordo feito entre os jovens egressos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos do CRAS Piratininga, no município de Maracanaú-CE, que aceitaram participar do Círculo Reflexivo Biográfico - CRB, que será coordenado pela pesquisadora/doutoranda Elismária Catarina Barros Pinto. As atividades serão realizadas coletivamente em encontros com duração de no máximo 3 horas.

A seguir, apresentamos os princípios que regem o CRB:

- **PRINCÍPIO DO RESPEITO MÚTUO:** somos iguais em nossa humanidade e na busca pelo “ser mais”. Somos diferentes, por nossas trajetórias, percursos e identidades e, na igualdade e na diferença, respeitaremos uns aos outros. Respeitaremos nossas limitações, resistências e modo de ser, porém por investir no nosso processo de formação, desde já **decretamos:** “o desejo que temos de autoconhecimento e de transformação é maior que nossa resistência. Comprometemo-nos concluir este processo elaborando nosso projeto de vida”.

- **PRINCÍPIO DA COLABORAÇÃO:** sabemos que estamos no lugar correto e com as pessoas certas para a realização de um trabalho biográfico, por isso estamos abertos à partilha e ao agir solidário. Procuraremos falar, buscando equilíbrio entre o nosso tempo e o tempo do outro. Todos os participantes devem ficar à vontade para contar as suas histórias. Afinal, esse momento foi elaborado com muito carinho e respeito pelo grupo. Temos consciência de que os colegas do grupo têm muito a nos dizer, portanto, temos muito a aprender uns com os outros.

- **PRINCÍPIO ÉTICO:** tudo que dissermos e fizermos nos encontros do CRB ficará em total sigilo, não devendo ser comentado com pessoas que não fazem parte do presente grupo, tampouco, jamais será usado para julgar ou expor qualquer membro do grupo. Somos livres para fazermos a narrativa de nossas vidas e para dizermos o que conseguirmos, sem, contudo, comprometer outras pessoas que compartilharam/compartilham experiências conosco.

- **PRINCÍPIO DA INTEGRAÇÃO:** desenvolveremos dinâmicas visando a amorização do grupo. Em cada encontro aprofundaremos nossos laços e nossas descobertas e elaborações pessoais. Também sabemos da necessidade de valorização das contribuições de cada membro do grupo, pois, aprendemos muito ouvindo as experiências das pessoas. Cada história é única, e por este motivo, comprometemo-nos a não julgar, nem aconselhar os nossos colegas, a não ser que sejamos solicitados.

- **PRINCÍPIO DA ORGANIZAÇÃO:** seremos pontuais aos encontros, seguindo o cronograma traçado por nós. O CRB será realizado ao longo de 6 encontros (ver cronograma). Manteremos um grupo no *Whatsapp*, para mensagens relacionadas, unicamente, ao CRB.

Maracanaú, 21 de janeiro de 2018.

Assinatura dos membros do grupo:

ANEXO A – CARTA DA ASIHVIF

CARTA DA ASIHVIF NOSSA CARTA

1. Preâmbulo: a carta: o que ela é, suas funções, seus usos¹.

1.1 A Carta: o que ela é

Trata-se de um documento que constitui um marco. Ela atesta a existência de uma reflexão sobre nossas referências comuns, axiológicas, epistemológicas e metodológicas. Ela dá parâmetros éticos para as práticas da Associação.

1.2 A Carta: suas funções

Suas funções são triplas: Identitária, constituinte, referencial. Enquanto enunciado de princípios que orientam a prática das narrativas de vida, a Carta reúne formadores, pesquisadores e práticos numa coletividade Instituída.

Além desta Identidade Interna da Associação, a Carta apresenta a especificidade da ASIHVIF e assegura a credibilidade no amplo campo das práticas da abordagem biográfica.

1.3 A Carta: seus usos

A carta não é um instrumento de normalização das práticas dos membros da Associação. Ela não tem também por objeto ser a referência ética dos narradores. Seguramente, a Carta constitui uma referência comum para o questionamento dos membros da ASIHVIF.

Nesse sentido, para aderir à ASIHVIF, solicita-se de todo candidato que subscreva as proposições da Carta e que contribua para sua evolução. A Carta torna-se objeto de um debate periódico.

2. O objeto da Associação

2.1 A finalidade da ASIHVIF é desenvolver práticas de história de vida por meio da narrativa de vida, no âmbito da formação, da pesquisa e da intervenção.

Trata-se de um procedimento que coloca, no centro, o sujeito narrador, enquanto aquele que define seu objeto de busca e desenvolve um projeto de compreensão de si para si e pela mediação do outro.

2.2 A perspectiva que orienta, media e apóia as práticas da narrativa de vida é a emancipação pessoal e social do sujeito.

Entende-se por “emancipação” a ação que tende a substituir uma relação de assujeitamento por uma relação de igualdade.

Enquanto prática de formação, a narrativa de vida permite ao sujeito apreender seus objetivos existenciais no seio da coletividade.

Enquanto método de pesquisa qualitativa, a narrativa de vida constitui um procedimento inovador em relação aos modelos de pesquisa mais clássicos.

¹ Revista após a Assembleia Geral extraordinária de 19/10/2002, com base na versão produzida após o simpósio realizado em Paris em 12 e 2 de Junho de 2002.

carta da ASHVF

Enquanto prática de intervenção, a narrativa de vida permite ao sujeito, com base numa explicitação de seu percurso de vida, dispor dos meios necessários à tomada de consciência reflexiva e crítica, visando situar-se como ator social num projeto de ação mais lúcida e mais pertinente.

2.3. Este procedimento autobiográfico tem então uma tripla função: a de pesquisa (produção de conhecimentos), a de formação e a de intervenção (configuração de si numa perspectiva de ação social).

2.4. Os efeitos da experiência de uma prática de narrativa de vida são múltiplos e essencialmente relativos à singularidade das pessoas que se engajam nessa prática. Eles podem ser de ordem epistêmica (um ganho de saber quanto ao seu passado, seu futuro, suas potencialidades e restrições atuais), identitária (segundo a variedade das dinâmicas possíveis), e também terapêutica.

2.5. Uma das maiores consequências da maneira como a Associação define seu objeto é recusar a separação entre teoria e prática. Isso concerne à distribuição hierarquizada dos lugares do pesquisador, do prático e do sujeito narrador (indivíduo ou grupo). A Associação entende sua substituição por uma relação dialética, na qual as teorias interrogam as práticas e vice-versa. Ela espera, por conseguinte, um efeito de renovação, ao mesmo tempo, no campo das práticas de pesquisa, de formação e de intervenção, e no campo da teorização, mais especificamente, na educação permanente e na formação de adultos.

3. A relação do formador, do pesquisador e do mediador com o narrador (individual ou coletivo)

3.1. Uma humanidade partilhada

A produção narrativa em grupo requer um clima de confiança mútua, com base no reconhecimento da singularidade do sujeito e a abertura para a alteridade, vivida como uma humanidade partilhada.

3.2. Uma parceria

A construção de um projeto de pesquisa-formação-intervenção pela narrativa de vida apóia-se, por um lado, sobre a explicitação da oferta feita pelo formador, o pesquisador ou o prático e, por outro lado, sobre a expressão para os narradores potenciais de suas intenções e de suas expectativas. Os narradores são então parceiros desde o início do procedimento. A parceria fundamenta-se no reconhecimento da autonomia do narrador na construção de seu testemunho e no dever de sigilo por parte de quem acompanham o processo narrativo em cada uma de suas etapas (produção, socialização, análise e interpretação). É assim que o narrador permanece o sujeito autor ao mesmo tempo de sua narrativa e do sentido que ele lhe atribui. O terceiro-acompanhante (formador, pesquisador ou prático) participa de uma coprodução do sentido quando ele entrecruza a narrativa com sua questão de pesquisa e comunica as ressonâncias que nele desperta a narrativa.

3.3. Um acordo contratual

O engajamento concreto dos parceiros neste procedimento traduz-se por uma contratualidade explícita. Ela diz respeito notadamente às modalidades de realização e às cláusulas que protegem a confidencialidade e os direitos de autoria dos narradores.

3.4. Uma prática contextualizada

A abordagem biográfica pode ser praticada em contextos institucionais variados, cujas características devem ser consideradas, por um lado, na apreciação da oportunidade de realização da abordagem biográfica e, por outro lado, na construção do projeto concreto.

4. As exigências da função de formador, de pesquisador ou de prático com as narrativas de vida

4.1. Cabe ao formador, ao pesquisador ou ao prático, que trabalham com narrativas de vida, fazer uma análise crítica e uma avaliação de sua própria prática. Essa última se realiza, por um lado, na interação com os narradores a propósito do procedimento autobiográfico que ele acompanha e, por outro lado, na partilha de sua própria experiência por ocasião das práticas de co-animação e sessões de análise de práticas, entre pares, no seio da Associação. Essas trocas revestem-se de um caráter de convivibilidade, tanto quanto possível, livres de relações hierárquicas.

4.2. A Associação solicita que o futuro formador tenha vivenciado, ele mesmo, a experiência de um procedimento autobiográfico.

4.3. A Associação não privilegia nenhum referencial teórico em particular. Ela valoriza o recurso a teorias e métodos plurais e favorece, por exemplo, os debates sobre essas questões na apresentação de produções escritas dos membros.

5. Aberturas

A Associação entende implementar um certo número de campos de pesquisa. A guisa de exemplo, podem ser citadas:

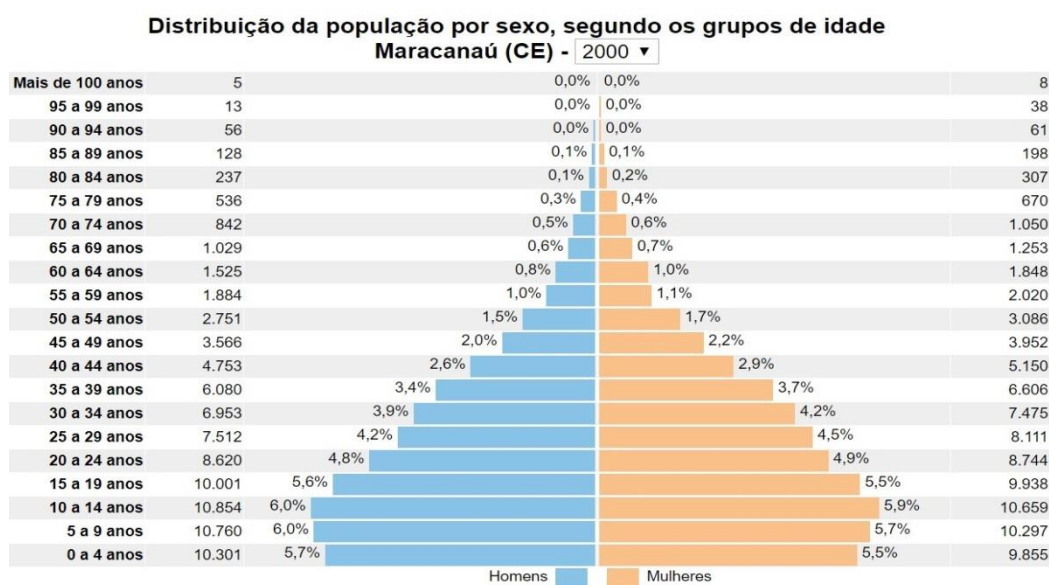
- A dimensão "estética" da formação-pesquisa-intervenção das histórias de vida;
- A inscrição da perspectiva antropofornativa nas histórias de vida;
- A dimensão intercultural das histórias de vida;

Fonte: <http://www.asihvif.com/1/upload/charte.pdf>

Tradução Maria da Conceição Passeggi

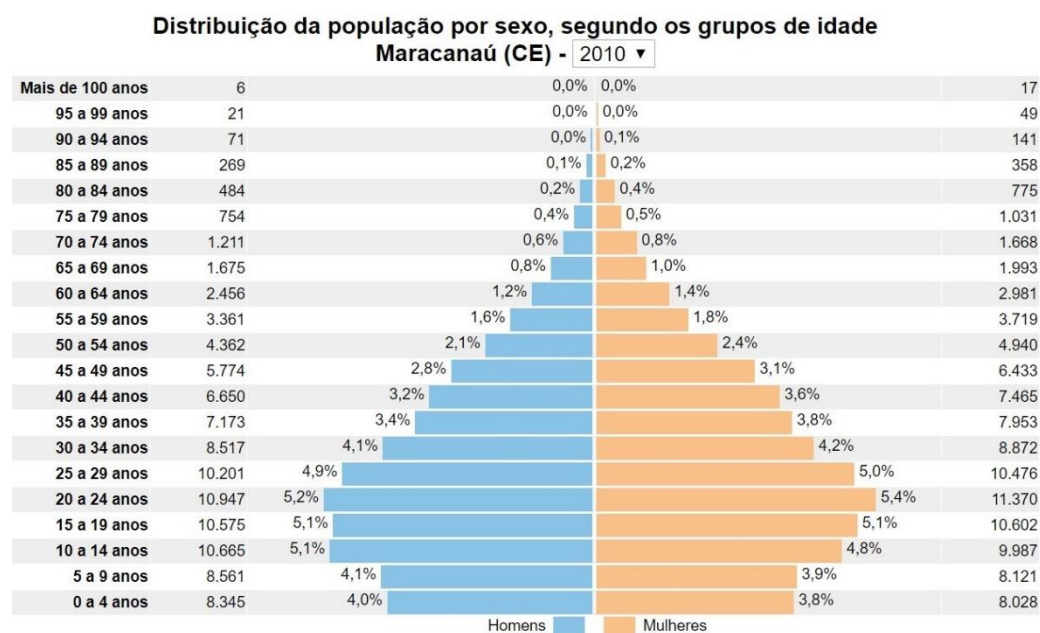
ANEXO B – Dados da pirâmide etária nos anos 2000 e 2010

Pirâmide etária Maracanaú 2000



Fonte: IBGE (2019)

Pirâmide etária Maracanaú 2010



Fonte: IBGE (2019)